

POLÍTICA



Tanto maior será a base de uma Ordem futura quanto o forem os sacrifícios que nós *hoje* fazemos. (1)

Ao homem público que ainda hoje pretenda fazer uma política mundial com base num programa puramente nacional e egoístico e que não deu ainda ouvidos ao apelo da humanidade, com maior prazer o rejeitamos hoje do que outrora, quando maior número de pessoas tinham de ser sacrificadas como vítimas de sua estupidez! (2)

O mundo inteiro acha-se engajado numa luta armada e pronto para encarcerar ou liquidar seu adversário. E se, em algum ponto, alguém ergue a voz e fala de concórdia, de tolerância e de fraternidade, logo todos se põem contra ele, desde o capitalismo americano até Stalin, desde os ministros protestantes até os sacerdotes católicos. Nada há de novo. (3)

Cultivar o medo da guerra é um velho truque daqueles para quem a guerra significa um negócio e uma fonte de lucros. (4)

•

Serão sempre feitas as guerras por aqueles a quem nada significa a vida alheia. Fazem-nas com os haveres, o sangue e a vida dos outros. É-lhes indiferente tanto o que pensamos quanto o que tenhamos a sofrer. (5)

É este o estigma dos tempos de guerra: o desprezo por tudo quanto há de privado e pela própria vida humana. Quanto mais mostram ao homem do quanto deve privar-se, tanto mais

claramente revelam quão fria e seca é a vida despojada de seus valores individuais. (6)

Quando um general ou um ditador pára, acaso, um momento para refletir, todo o falso aparato da filosofia da história põe-se à sua disposição para exaltar os seus feitos. (7)

Situo-me longe de toda a filosofia da história e não consigo encontrar qualquer "sentido" para as guerras e semelhantes horrores. Hoje como sempre, creio, porém, no homem. Creio ser ele capaz tanto do bem como do mal e acredito que possa, após todos os seus erros, reencontrar o caminho da razão e do bem. (8)

•

Reconheceei que a guerra não veio de fora, mas foi querida e elaborada por vós mesmos. Abre-se assim diante de vós o caminho da paz. (9)

Também outrora, em tempos aparentemente melhores, as forças da cobiça e da estupidez mais contribuíram para deflagrar os conflitos mundiais do que o costumam admitir os historiadores. (10)

É espantoso o quanto atuam as leis morais da história. Inflexivelmente, todo um concerto de forças negativas deterioraram o homem. (11)

•

Morre o mundo asfixiado pela carência de sentimento e pela falta de amor à natureza da parte de quantos têm por missão governá-lo. (12)

Em toda nação existem homens autênticos, profundamente afeiçãoados à natureza ou à cultura, a ponto de poderem pensar em dimensões nacionais. Incluo-me nesta estreita minoria. (13)

•

Nós que, vivendo entre os milhares de pessoas que se entregaram à grande embriaguez do verão de 1914, nos mantivemos frios e indiferentes fomos tidos por suspeitos e até mesmo odiados. A nós não atingiu aquela onda de loucura, porque não suportávamos viver numa sociedade suprapessoal (que aqueles outros viam, então, pela primeira vez como uma coisa formidável). Porém a leve chama do patriotismo é em si algo precioso, bom e nobre. É comparável ao primeiro amor. É uma vivência despertadora e estimulante. Mas se alguém a ele se entrega, logo se empobrece. Importa-lhe não se entregar a ele e, sim, fazer do patriotismo (esta forma infantil do amor) o primeiro degrau, o átrio que conduz ao pensamento da humanidade. (14)

•

Com o termo nacionalismo designo o grau da consciência nacional no qual a idéia da fraternidade entre todos os homens corre o perigo de ser destruída pelo patriotismo. (15)

A meu ver, a alegria no heroísmo só é permitida aos que ousam sacrificar a própria vida. Nos outros, é uma ilusão e até mesmo uma brutalidade que me envergonha e molesta. (16)

Todas as exigências de heroísmo são coações. (17)

Dentre os vários templos em que o homem, exaltando o próprio egoísmo, pode ser instalado (por força de uma pre-

tensa sublimação), considero o mais baixo de todos o patriotismo nacionalista. Como religião ou sucedâneo da religião, parece-me o nacionalismo uma coisa boa para os povos religiosamente atrasados. Para os outros, é ele uma descida a um plano inferior. (18)

Frente ao mundo, comporta-se o europeu como o prussiano face à Europa. O europeu é o prussiano do mundo. (19)

Pensar que a Europa como unidade ideal do futuro possa preparar-nos para a unidade entre os homens é uma idéia que, como todo cosmopolitismo, será um dia completamente rejeitada e posta na conta de um sonho poético. Estou de pleno acordo. Mas prezo muito os sonhos poéticos, e a idéia da união de toda a humanidade, não a considero apenas o sonho dourado de alguns grandes homens como Goethe, Herder, Schiller, e, sim, como uma realidade espiritual, como a coisa mais real que possa jamais existir. Constitui esta idéia o fundamento mesmo de toda a nossa religião e filosofia. Toda religião sublime e digna, toda cultura criativa e artística coloca entre suas bases primeiras a convicção da dignidade e do valor espiritual dos homens. (20)

Considerada a posição do homem face à política, tenho na conta de verdadeiro parasita o funcionário público que "nem quer ouvir falar de política". E para mim é um idiota perigoso o soldado que devasta a terra, que atira nas pessoas, e só vive pensando no heroísmo e na honra militar, sem sequer cogitar do valor do sangue derramado e das cidades destruídas. A maioria dos funcionários e soldados assim pensam e, neste ponto, tanto valem uns como os outros. (21)

O entusiasta exagerado que, antes, era um apaixonado patriota e um guerreiro, e agora, com novo ímpeto de paixão, é um revolucionário e um internacionalista, é para mim mais digno de estima do que aquele que a todos sempre tratou com o mesmo desdém e indiferença. (22)

É melhor o desespero do que o apático temor do burguês que só se arrisca a ser herói quando vê ameaçados seus haveres. (23)

Todo dinheiro é roubo. Toda propriedade é injusta. (24)

Não se destrói uma acusação pelo simples fato de não se poder prová-la juridicamente. (25)

Sempre fui a favor dos oprimidos e contra os opressores; a favor dos acusados e contra os juizes; a favor dos que padecem fome e contra os nababos. (26)

Em minhas idéias, sou muito mais socialista do que todo o estado-maior dos "progressistas" (desde 1914, sempre os chamei de "retrógrados"). E sou-o no sentido, por exemplo, de um (Gustav) Landauer. E também creio conhecer melhor o meu povo, amá-lo mais e por ele mais trabalhar do que o têm feito todos os políticos partidários de todo o "Reich". (27)

Ê irrelevante o fato de as ondas providas do Oriente trazerem consigo os mesmos métodos de terror que antes nos trazia o nacional-bolehevismo. O comunismo é um contrapólo. Ê uma das pontas de dois extremos. Se o velho capitalismo tivesse

tido a força de superar suas crises e fundar uma verdadeira sociedade, teria roubado a seu parceiro a razão de existir. (28)

O que está ocorrendo no mundo é uma das últimas etapas do fracasso da economia capitalista, que ainda respira e sobrevive, mas haverá de dar lugar a algo novo. Este algo novo será talvez o comunismo, que em si mesmo não me é antipático. Seria simplesmente uma beleza se, de hoje para amanhã, fossem abolidas a propriedade e as riquezas em todas as nações e se mais de 90% da humanidade, que hoje morre de fome, não mais fosse governada pelos 10% que vivem à tripa forra. (29)

*

Quanto a mim, e por boas razões, não sou nem "burguês" nem socialista, embora, sob o ângulo puramente político, tenha eu o socialismo como o único sistema aceitável. .. Na verdade, acho-o tão contestável quanto os outros, mas no atual estado de coisas é o socialismo a única doutrina que, pelo menos, critica com seriedade as bases de nossa falsa sociedade e de nosso falso modo de viver. (30)

Não sou de natureza revolucionária. Deus o sabe. Mas se há revolução e guerra, que se levem adiante com seriedade. E dizer que o comunismo alemão parece não ter hoje um líder não seria admitir um obstáculo a que ponha em execução os seus propósitos. Antes de aparecer Lenin, tampouco tinha líder a revolução russa. E, sem Lenin, ter-se-ia aburguesado completamente. (31)

#

Quanto a mim, que não exerço a função de um político, não me convém naturalmente acomodar-me, adaptar-me à situação atual e procurar retirar dela o que me parecer melhor. Ao

contrário, devo manter meu espírito voltado para o futuro. Não posso separar o futuro da Alemanha do futuro do mundo, como fariam os autarquistas e outros. O que sempre tenho em mira é uma Alemanha que não completou sua revolução, não encontrou nem assumiu sua nova forma de governo e está aberta a toda sorte de aventura, porém teme a razão como ao próprio demônio. (32)

•

É pena que não tenha a Alemanha um comunismo forte e inventivo! Uma reviravolta comunista que não fosse mera cópia de Moscou me pareceria ser a única solução verdadeira. Porém, ao que parece, em nossa terra o que existe de forte são partidos que nada têm a ver com o presente. (33)

Face ao futuro, parece-me, cabe à Alemanha a missão de encontrar novas formas de descapitalização entre, de um lado, a União Soviética e, de outro, o Ocidente. (34)

Àquele que, uma vez por todas, assumiu em si o peso de um destino, aclararam-se mais os olhos para perceber as riquezas de cada indivíduo. Este "homem de boa vontade", apontado já pela antiga profecia, ajudará nossos pobres a suportarem a pobreza, e ajudará nossos industriais a encontrar o caminho que, fugindo ao capitalismo egoísta, levará à valorização altruísta do trabalho humano. (35)

Em minhas idéias, sou tão da esquerda como o mais esquerdista dos bolchevistas e julgo digna de desprezo a "revolução" alemã, este governo burocrático, estúpido e mentiroso de nossos burgueses socialistas e católicos. Mas, no mais íntimo de mim mesmo, não sou revolucionário e não acho que a inteli-

gência foi dada ao homem para providenciar pão aos proletários. Eles que procurem encontrá-lo, ainda que, para isto, tenham de matar um punhado de "tubarões". Provocá-los a que o façam não é tarefa nem dos poetas nem dos literatas, como aham os críticos comunistas. Disto, aliás, cuidou muito bem, há uns cem anos, alguém pouco interessado com a cultura espiritual — Karl Marx! (36)

•

Ê inegável que a situação atual, neste crepúsculo da era capitalista, se tomou insustentável e tende a ser de todo varrida pela insurreição dos prejudicados. E neste sentido é a luta de Truman tão inútil quanto a de Hitler. Mas o fato de a igualitária participação de todos os homens, nas riquezas da terra ter criado a "ditadura do proletariado" bem mostra o quanto esta idéia se deteriorou, degenerando em abuso. (37)

Naturalmente, o comunismo que Marx teve em mira, há cerca de oitenta anos, em seu "Manifesto" nada tem em comum com o que hoje se nos apresenta acobertado por esta bandeira. Para nós, pensadores, o pior de tudo isto é que as diversas alterações por que passou o comunismo diminuíram muito as esperanças do retorno de forma realmente tolerável e humana do comunismo autêntico, e reinstalam, de maneira extremamente forte e aparentemente justificada, todas as tendências que remontam aos tempos bem anteriores ao próprio Marx. (38)

Jamais comparei os esforços de um Hitler[^] de um Mussolini ou de um Franco — tentativas retrógradas, estúpidas e inúteis — com o grande esforço do comunismo, aliás necessário. Todavia, os homens em cujas mãos foram parar as fortes rédeas do comunismo se tornaram culpados de toda sorte de opressão do ser humano, de terror e de brutalidade. Parece.

que não restou ao homem senão uma única esperança: não a de mudar o mundo e os outros, mas pelo menos a de, de algum modo, poder cada um de nós mudar-se e melhorar-se. E é sobre aqueles que assim agem que repousa, em segredo, a salvação do mundo. (39)

.

Se uma peça de porcelana antiga logo se quebra, assim que nela esbarre uma granada de mão, não há nisto prova de que as granadas tenham maior valor do que as porcelanas. Não queremos com esta afirmação lamentar o vaso desfeito em cacos. Se o fizéssemos, incorreríamos no mesmo erro em que caem os generais e os moralistas: o erro de dividir o mundo em dois campos — o do Bem e o do Mal — e de, com armas e bagagens, nos colocarmos do lado do Bem. (40)

Para mim, o uso da força é proibido em quaisquer circunstâncias, ainda que no interesse do "Bem". (41)

O lado em que operam os canhões nunca é o lado certo. (42)

.

O macio é mais forte do que o duro. A água, mais forte do que a rocha. O amor, mais forte do que a violência. (43)

O comunismo lança suas raízes no século dezenove, tendo brotado no solo dominado, da maneira mais árida e tenebrosa, por uma intelectualidade cheia de presunção, estreiteza e egoísmo. Foi nesta escola que se formou o espírito de Marx. Sua concepção da História é a de um economista impregnado de nacionalismo; é a de um grande especialista. Não é, contudo,

mais "realista" do que qualquer outra visão da História. É extremamente unilateral e rígida. Sua genialidade, sua justificativa, não reside no seu alto grau intelectual, mas em sua decisão para agir. (44)

Não pertenço a partido nenhum. Se pessoalmente acho o comunismo mais simpático do que o fascismo, nem por isso a ele me arego, como aliás a nenhuma outra forma de luta pela força. Considero que é dever do poeta e do intelectual promover a paz, e não a guerra. (45)

O que, em última análise, constitui um perigo e é mesmo vedado ao pensador e ao historiador crítico? É deixarem sem a devida formulação o conteúdo de sua fé. Calha esta omissão ao poeta, ao sonhador perdido em seu mundo de fantasias, ao devoto sem catecismo, ao fiel sem igreja.

Tanto os políticos da direita quanto os da esquerda costumam suspeitar desses espíritos nobres que preferem amar a odiar, salvar a destruir, esperar a acomodar-se. Pouco se perdoa hoje ao poeta que não abandona o campo de seu trabalho e de sua missão para agir de maneira atual. Entretanto, prossegue ele cumprindo um ofício importante e sagrado, na verdade o mais importante de todos, em épocas de turbulência e paixão. (46)

.

Conto, entre meus amigos, muitos que pensam, politicamente, o contrário do que eu penso. E entre os que politicamente concordam comigo muitos há que não posso levar a sério. (47)

.

Compartilhamos todos do mal e das guerras que há no mundo. E na medida em que reconhecemos este nosso traço

comum, na medida em que de tais males nos envergonhamos, claramente percebemos que os que governam o mundo não são demônios, mas gente como nós, gente, que não pratica ou permite o mal por pura maldade, gente que de certo modo age antes por cegueira e ingenuidade. (48)

A luta entre operários e capitalistas é uma luta interessante e árdua, se de ambos os lados existe um pouco de boa vontade, se o capitalista, embora rico, for sempre um homem honesto. Já se o capitalista roubou o dinheiro que tem, o problema é inteiramente outro: a luta perde sua motivação cultural e transforma-se num caso de polícia. (49)

Também no campo da política e da coisa pública acontece o seguinte: é mais comum serem os grandes pecados cometidos com certa inocência infantil que o reconhecem muitos intelectuais que pretendem ser uma espécie de consciência do mundo. Nós, os intelectuais, não devemos pensar que temos a patente de representantes da consciência dos povos. Ao contrário. Às ações más e injustas dos chefes, devemos suportá-las, na qualidade de vítimas, e não ser delas co-autores ou cúmplices. (50)

•

Não tenho dúvidas de que, por detrás das ideologias, há muito de exagero (consequência de processos biológicos inconscientes), há muito de espírito juvenil, muita, crença imatura e boa parte de autêntico desespero. Os que delas participam são, em sua maioria, verdadeiros seres humanos. Quanto a mim, não posso, como ocorreu outrora, na Primeira Guerra Mundial, interessar-me pelo próprio objeto da luta ideológica nem pelo fato de estarem em jogo simplificações tão juvenis que ninguém as pode levar a sério; nem, muito menos ainda, pelo fato de

tais lutas deixarem o chão coalhado de vítimas. Tais vítimas jazem ensangüentadas em todas as trincheiras. Nós, os velhos, os tidos por já superados, é que nos sentimos obrigados a cuidar delas, e não esses jovens que vivem a berrar, sem tréguas, nos alto-falantes... Do ponto onde estou, vejo com clareza a missão que sempre foi a minha: a missão de um homem solitário, não respaldado por nenhum grupo, por nenhum partido. (51)

Causam-nos espanto a frieza, o método, a organização, postos a serviço da estupidez. Não menos nos espanta a soma de sem-razão e de tenacidade com que os povos fazem da necessidade virtude, e da sede de matança suas ideologias. Tão bestial e tão sincero é o ser humano! (52)

Que é mais fácil, em meio ao sofrimento, jogar a culpa nos outros, eu bem o sei. Sei também que a culpa nunca é unilateral. Nem mesmo na atual guerra. É que a culpa está sempre de ambos os lados. Acho que nunca faz alguém nada de bom no mundo, enquanto joga a culpa nos outros, pois há sempre em tudo um pouco de nossa culpa. (53)

A posição da Alemanha no mundo, vejo-a sob o ângulo puramente psicológico. Com certo horror, interesse-me pela fabulosa inclinação dos alemães para o "recalque", para a íntima aceitação dos ideológicos substitutos da força e da injustiça. Aqui, nesta mistura da fraqueza, da "decadência" alemã, com as suas melhores qualidades, vejo eu um pedaço deste grande quadro que somos todos nós. Ê enorme entre nós a tendência a fazermos da estupidez e do terror, uma religião. (54)

O alemão é um homem sentimental. E quando esta sentimentalidade não vem acompanhada de atitudes brutais torna-se ele insuportável. (55)

•

Devemos levar muito a sério tudo aquilo por que nos responsabilizamos, tudo quanto consideramos nosso dever e tarefa. Mas o que nos vem de fora, o nosso destino, o que não cai no âmbito de nossa influência e de nossas decisões, isto não nos cumpre levar a sério, mas tê-lo apenas na conta de necessário. A isto devemos tranqüilamente contrapor nosso próprio "ego", não nos deixando apenas arrastar. Sem isto, a nenhum homem que pensa (e na verdade são bem poucos) seria possível suportar a vida. (56)

•

Programas e ideologias são para mim inteiramente destituídos de interesse. Parecem-me cada vez mais simples e estúpidos. Não lutaria nem por Truman nem por Stalin. Preferiria ser esmagado com os milhões de homens ultrajados, cujo direito à vida e ao ar que respiram tem sido cada vez mais abolido deste mundo. (57)

•

Quando o homem emancipado de todo compromisso, munido ou de uma arma mortífera primitiva ou de um arsenal de mentiras, distorções e propagandas, se vê frente a frente com o que crê em "Deus", à moda antiga, mais exato e adequado serviço será prestado à causa de Deus no mundo, se o emancipado matar seu irmão indefeso, do que se o levar a se emancipar ele mesmo e a trair o pequeno mundo pelo qual é só ele o responsável, isto é, o seu próprio "ego". (58)

Sustentais, vós e vossos amigos, a antiga crença de que a razão e a humanidade são duas coisas excelentes, em situações políticas ameaçadoras. Julgais, porém, que é melhor renun-

ciar a essas duas excelentes coisas e entregar-vos à sanha dos generais, à preocupação com armamentos e bombas. Assim pensam as multidões. Assim pensam as coletividades. E, na Alemanha, infelizmente, tem sido esta a posição dos intelectuais. (59)

•

Quando um poeta pertence ao partido e se mostra ingênuo como um colegial, logo o envolvem na rede da mais intensa propaganda. Mas se não se alinha ao partido, praticamente deixa de existir e só têm para ele palavras negativas. (60)

Nos improvisados autores que, logo após a primeira vitória da futura revolução, correrão pressurosos a se alistar no partido não encontrará o futuro do socialismo os melhores vanguardeiros. (61)

Por amor à pátria, não deve um poeta fazer-se jornalista nem homem de partido. Nem mesmo alistar-se entre os beligerantes, por mais que tal papel lhe seja sedutor ou proveitoso. Cumpre-lhe viver o seu tempo; não tirar dele proveito e vantagens. Se se entrega a funções a que nada o força, não é isto culpa sua nem de seu povo. (62)

Estais redondamente enganados, se pensais ser o poeta um mero instrumento de que possam as classes ora dominantes servir-se à vontade, como se fora ele um escravo ou um gênio desfrutável. Assim pensando, sois profundamente injustos com os vossos poetas, e vos aviltais a vós mesmos. Vós mesmos vos tomareis autênticos artistas e poetas, se, um dia, vos derdes ao cuidado de reconhecerdes que eles sentem em si um indomável impulso para a independência e que deixarão de trabalhar, tão logo pretendam forçá-los a uma tarefa em desacordo

com sua própria consciência. Não se deixarão comprar nem por uma onça de pão nem pela sedução de altos postos. Preferirão deixar-se matar a permitir que abusem deles. Por este sinal os reconheceréis!

(63)

Quer me chameis de "grande" (como escreveis), quer digais que sou um caso patológico, jamais pretendi erigir-me em juiz ou palmatória dos outros. Sempre exprimi o que vivi e pensei. Mas nunca acreditei que minhas palavras fossem máximas infalíveis ou axiomas de uma cosmovisão própria. Não sou, afinal, tão tolo quanto podeis imaginar. Sempre tive consciência de que o que eu digo, digo-o apenas como um indivíduo particular, não como o funcionário de uma verdade objetiva, não como o pregador de uma organização ou de uma doutrina.

Não tendo a infalibilidade divina, tendo antes muitas dúvidas sobre o que seja justo ou injusto, de uma coisa entretanto estou certo: com o meu método próprio, ensinando aos homens não doutrinas nem verdades supostamente exatas, mas, sim, experiências vividas, impressões "subjetivas", e, portanto, não "a verdade", mas "o real" — com este método, repito, achais talvez que sou um indivíduo inoperante e deito palavras ao vento (o que, aiiás, não é verdade, os milhares de cartas e encontros estão a testemunhar-me que algum resultado eu consigo). Estou também convencido de que, se for ouvida a minha pessoa ou a minha verdade, nenhum ser humano e nenhum povo será jamais perseguido; minha doutrina jamais poderá ser seguida pela polícia, pela Justiça e pelo Exército, nem por um Stalin, nem pelo Tribunal das Nações, nem pelo Senado deste ou daquele país, os quais, tanto como eu, também ignoram o que seja justo ou injusto. Se for seguido o caminho que aponto, nenhuma gota de sangue humano será derramada, não se lançará mãos da força e da violência, como ocorre a quem segue os vossos caminhos, onde se impõe a verdade incondicional, onde cada partido, cada povo, cada organização polí-

tica impera com absolutismo e procura empregar, em maior ou menor escala, a força e a violência. (64)

É um erro considerar verdadeiras potências a influenciar sobre o espírito humano a pólvora, o gás mortífero, os generais, por mais incoercível seja a sua força. Procurar conservar a paz e o amor no coração, em meio a este mundo alucinado e sempre em guerra, e, como poeta, injetar neste mundo algo de bom, é uma tarefa que, dia a dia, se torna mais difícil, embora deva ser sempre empreendida. (65)

Mais difícil do que lançar-nos à agressão é permanecermos passivos e de pé sobre a fogueira acesa. (66)

A guerra de 1914-1918, vivi-a tão intensamente e até à exaustão, que, a partir daquela época, uma coisa se me fixou no espírito, de maneira clara e irrecusável: achei que devia repudiar toda e qualquer mudança do mundo por meio da força e jamais apoiar qualquer violência, fosse ela socialista ou, de qualquer modo, aparentemente desejável e justa. As bandeiras falsas serão sempre destruídas, ainda que aparentemente verdadeiras. Não acredito na força benéfica e plausível, da matança. Vejo no agravamento das guerras partidárias e da revolução burguesa a força de uma decisão, a tensão moral entre o "isso ou aquilo". Mas no íntimo repudio todo e qualquer emprego da força. O mundo está doente de injustiça. É um fato. Mais doente entretanto está t'e da falta de amor, de humanidade, de senso fraterno. Não aceito o sentimento de fraternidade que, sob a forma militar ou revolucionária, se alimenta do fato de se porem a marchar milhares e milhares de soldados. (67)

Se hoje sou mais esclarecido do que um simples espectador ou "sonhador", disto tenho consciência e nisto vejo não uma maldição, e sim uma missão. Tenho também eu minha espécie de comunidade e sociabilidade. Durante o ano, recebo milhares e milhares de cartas, todas de jovens, na maioria com menos de 25 anos. Muitos deles vêm até me visitar. Quase sempre são moços bem dotados e com problemas, individualidades marcadamente fortes, desorientados ante as normas vigentes no mundo ambiente. Muitos são casos patológicos. Muitos outros tão excelentes, que minha crença no futuro da alma alemã sobre eles repousa. Para a minoria desses jovens cheios de vida, entretanto expostos a toda sorte de perigos, não represento nem um cura-de-almas nem um médico. Para tal falta-me a autoridade e a pretensão. Mas enquanto está em meu poder, procuro contribuir para que se firme cada qual naquilo que o distancia das normas, e tento mostrar-lhe o quanto é isto importante. (68)

.

Democracia ou monarquia. Federação de Estados ou Estados confederados — para nós é tudo a mesma coisa, pois o que nos interessa é "como" nos comportamos e não "o que" fazemos. E se um louco faz, com toda a sua alma, a mais extravagante das coisas, para nós representa ele mais do que todos os professores que hoje talvez se bandeiem para o novo regime com a mesma docilidade com que antes se curvavam ante os príncipes e os altares. Somos cegos seguidores de uma "transformação de todos os valores" — mas esta transformação só pode ocorrer dentro de nossos corações. (69)

Acaso jamais preebestes que só rejeito programas e "plataformas" justamente porque, de maneira desmedida, empobrecem e embrutecem a humanidade? (70)

Por mais agudamente pareçam pré-moldados os caminhos políticos do próximo futuro, o certo é que o progresso político de hoje e de amanhã só atinge a superfície, e os laços políticos externos, tanto em seu sentido quanto nos meios que usam, mal se distinguem dos outros, quando se trata da luta pelo poder. Também a bolchevização não é um renovar da base, mas apenas uma transformação da superfície. (71)

Não é comum encontrarmos homens verdadeiramente inteligentes, e quando esses entram em conflito uns com os outros, de tal emergência devem valer-se para saírem mais perfeitos e inteligentes ainda. (72)

*

Nisto estamos de acordo: o homem conquistado pela verdade deveria estar pronto a renunciar à felicidade e à vida. Quanto a mim e aos poucos que comungam de minhas idéias, achamos que deveríamos antes morrer, jamais porém matar por nossas crenças. (73)

«

Só deveríamos dedicar-nos às necessidades e problemas do tempo presente, se estivéssemos dispostos a fazer deles um partido e a eles nos entregar. Uma vez que não conheço nenhum partido, cujos propósitos pudesse aprovar de todo, tal caminho não existe para mim. (74)

«

No fundo, sempre se excluem mutuamente humanidade e política. Ambas são necessárias. Mas é difícil servir a uma e outra, simultaneamente. A política exige um partido; já a humanidade o exclui. (75)

Sabemos que, no campo da política e dos partidos, não se tem compromisso com o humano. Os compromissos são, aí, apenas com os sentimentos e métodos partidários e bélicos. (76)

O espírito não pode lutar contra a força, nem a qualidade contra a quantidade. (77)

Evito com todo o cuidado engajar-me publicamente num partido. Não o faço pelo gosto da comodidade. Paço-o por estar consciente, por estar certo de que a luta por partidos e por princípios situa-se num plano bem diverso daquele em que se baseiam minhas idéias e preocupações. (78)

Quando o intelectual se vê engajado em partidos políticos, quando a história a isto o chama, acho que tem de fazê-lo incondicionalmente. Tem, porém, de desistir, tão logo se veja chamado a isto ou pressionado por fatores externos, pelo Estado, pelos generais, pelos detentores da força, do modo como, por exemplo, em 1914, a elite dos intelectuais alemães foi mais ou menos forçada a atender a apelos absurdos e mentirosos. (79)

Dizeis que a paz é melhor do que a guerra; que o trabalho construtivo é melhor do que o armamento; que um Estado federativo do tipo suíço, por exemplo, poderia trazer a paz à Europa. Nisto estou de acordo não só convosco, mas também com a maioria dos políticos de hoje. Como porém colocar em prática esses propósitos, isto é, como levar e conduzir os povos a realizar concretamente este propósito bom e desejável, não o sabemos, nem os governantes, nem vós, nem eu mesmo. Dizer, porém: "só um estadista de gênio conseguiria unir o espírito

do *Agnus Dei* de Beethoven com as necessidades da política" é o mesmo que afirmar: "para solucionar os problemas da humanidade basta alguém fazer subir de 25 graus a temperatura do Pólo Norte e diminuir de outro tanto a do Equador". Ao longo de minha vida, tenho encontrado muita gente que, através de suas cartas, dirigidas aos políticos e governantes, tem tentado influenciar na história do mundo. Cada um de vós sabe muito bem o que se teria a fazer. Nenhum, entretanto, sabe como fazê-lo. E todos sentem o coração aliviado pelo simples fato de subscreverem a angústia revelada pelos missivistas ante a delonga da salvação que estão a esperar. (80)

Sente-se alguém bastante atento para notar que o mundo aí está, diante dele. E que faz então? Escreve para Thomas Mann ou para Hammar skjöld, ou para Hesse, e Hesse quer mandar sua carta para Nehru... E para quem deverá Hesse enviá-la, senão para Nehru? Acaso para Eisenhower? Ou para os russos? Ou para os outros generais que governam o mundo? Crede-me: porventura Eisenhower ou os russos ou Adenauer, ou quem quer que seja, daria ouvidos às palavras de Nehru? Achais que no íntimo acreditaria em outra coisa do que em seu partido e em sua política?

A consciência do mundo não tem endereço. E os governos não representam a consciência do mundo. Riem-se dos belos apelos provenientes dos círculos da Ciência e da Literatura. Cada apelo desse tipo só consegue um resultado: põe à mostra a falência dos "intelectuais" e revela que sua palavra é cada vez mais desprezada. (81)

•

É sempre bastante precária a força de uma associação internacional de escritores. De há muito já não existe uma força verdadeira da literatura nos países e entre os povos capazes de exercer alguma influência séria no destino do

mundo. A opinião pública nesses países já não é formada pela elite dos melhores caracteres e inteligências, mas, sim, imposta autoritariamente. Porque o simples escritor, por mais célebre seja seu nome, pode sempre ser subjugado ou usado ao bel-prazer dessas forças; porque os Sistemas e Estados totalitários não lhe permitem a livre expressão de seus pensamentos, resulta que mesmo o leitor um tanto esclarecido se mostra desconfiado de seus pronunciamentos. De um escasso crédito, de uma precária confiança junto aos leitores independentes gozam apenas os autores que coerentemente dispensam a proteção oficial oferecida aos que, adeptos de um partido, isto é, os autores que se propõem servir somente a verdade e estão dispostos a seguir exclusivamente a voz de sua consciência, fazem para isto os necessários sacrifícios. A esses talvez dê algum ouvido a consciência mundial. Estes, sim, não serão suspeitos nem de aproveitadores nem de coniventes com as forças dominantes.

Importa que nos esforcemos para que se forme uma comunidade supranacional, apartidária, pequena embora, de tais espíritos. Ainda que ela se constitua de dez, de cinco, de três homens ou mulheres, sua força moral seria maior do que a da reunião de milhares de intelectuais marcados com o rótulo de qualquer partido. (82)

Ora essa! Darem-se os poetas o título de "intelectuais"! Acaso poderia alguém degradar e desvirtuar mais a si próprio e a sua missão?... Entretanto, eis que vêm exigir a politização do poeta! Como se fora culpa dele ter sido até hoje muito pouco político, ter pensado pouco demais nos cidadãos, na lei, no comércio, enfim, na chamada "realidade" da vida! Meu Deus, esta árida realidade tem sido o seu mundo e seu lugar de refúgio. Não é de hoje, vem o poeta procurando fazer exatamente o que só o poeta pode fazer no mundo. Por isso, tais pessoas, quando se reúnem publicamente, nunca se dão o nome de poetas e, sim, de "intelectuais"... Ora, é como se um

amante se atribuísse o título de "corretor de ações da Bolsa dos corações"... E agora, quando tudo vai mal e fora do verdadeiro caminho, ei-los que se reúnem para politizar-se! E acham que muito ganharia a humanidade, se ao menos alguns deles se associassem num grande grupo, e conseguissem colocar um de seus representantes no Parlamento, e assim pudessem garantir a presença de um homem de cultura, de um "intellectual" político, junto aos homens da indústria e da economia. ..

Se um poeta se politizasse, afastar-se-ia de sua missão humanitária de vidente, de profeta, de seguidor de um ideal, e iria intrometer-se no campo dos homens práticos que, com reformas eleitorais e coisas semelhantes, pretendem promover o progresso do mundo, quando, na verdade, estão séculos e séculos atrás das idéias dos intelectuais e, em pequena escala, só logram pôr em prática uma ou outra das ambições e planos do verdadeiro poeta. (83)

O que me interessa na atitude de cada indivíduo é o seguinte: quero saber se é ele um "político", se acredita nos meios usados pela política, cujo recurso último e mais forte são os canhões; ou então, se descrê da política e, por conseguinte, tende a orientar sua vida e suas idéias para Deus, centrando-se num ponto supratemporal e supraterrâneo, não no sentido de uma nítida cosmovisão, mas com a intenção de servir e de sacrificar-se pelos outros. Minha posição não é discutível, nem para mim nem para ele, pois não se trata de uma escolha, e sim de um destino. Tampouco está em mim decidir se tenho ou não razão, ao pensar assim. Quanto a mim, acho que a razão, afinal, não a tem ninguém. A luta entre as opiniões e os programas conflitantes não é razoável nem, no fundo, evitável. Trata-se de algo trágico e inexorável. Pouco se me dá se quem aciona os canhões é Hitler ou Trotski ou seja lá quem for. Só creio em quem, com razão, acredita no valor do que

faz. Quem aciona canhões não poderá mudar nem melhorar o mundo, pois parte de uma perspectiva errônea. (84)

Kung-Fu-Tsé, o grande antagonista de Lao-Tsé, o sistemático e o moralista, pode ser caracterizado nesta sentença: "Sábio é o que sabe que uma coisa pode não dar certo, e entretanto a faz." Não conheço em nenhuma literatura uma frase de tanta serenidade, humor e simplicidade. Muitas vezes, ao meditar no que acontece no mundo de hoje e nas pretensões dos que nos próximos anos ou decênios irão governá-lo e têm á ilusão de o fazerem de maneira perfeita, tenho eu pensado neste e outros provérbios semelhantes. Agem como Kung-Tsé, o Grande. Só que, por detrás de seu gesto, não está presente aquela sabedoria de admitirem que a coisa "pode não dar certo". (85)

«

Pode alguém não compartilhar da ingênua fé no progresso e, entretanto, desejar e fazer o bem; pode alguém não acreditar que os problemas têm, solução, e entretanto desejar que tais soluções sejam razoavelmente tentadas e mesmo trabalhar para isto. (86)

•

Não sei se, algum dia, o mundo melhorou nem se foi sempre e permanecerá sempre como é — meio bom e meio mau... Uma coisa, entretanto, eu sei: se alguma vez o mundo foi melhorado por homens, se por influência de algum ser humano se tornou mais rico, mais alegre, mais digno de nele se viver, mais feliz, mais arriscado, mais divertido, não ocorreu isto por força de algum "melhorador", e sim por influência daqueles verdadeiros "egoístas" que não alimentam nenhum propósito de melhorar coisa alguma, e não têm nenhum objetivo, contentando-se apenas com viver sua vida e ser, no fundo, eles mesmos. (87)

Nas épocas de maior provação, sentimos por experiência que há mais homens que sabem morrer por um ideal do que os que por ele sabem viver. (88)

O "homem prático" que, nas reuniões e comissões, tem sempre razão, fora dessas mesmas reuniões percebe que não tem razão nenhuma. Quem tem sempre razão é apenas o futuro, a idéia, a fé. (89)

«

Os chineses, este povo espantosamente inteligente, tem, desde as mais remotas eras um costume sagrado: todos os acontecimentos públicos, como mudanças de governo, revoluções, vitórias, calamidades, fome, eles os datam sempre de 25 anos antes de sua real ocorrência. Ê que, como pensam os chineses, as revoluções ou outras calamidades, mesmo se ocorridas *hoje*, precisam ser recuadas de pelo menos 25 anos, para serem corretamente entendidas, para se conhecerem suas causas, para, enfim, se poder colher de tais acontecimentos um pouco mais de sabedoria. Com efeito, como mostra a milenar experiência, 25 anos são o espaço de tempo de que precisamos para que as raízes boas ou más possam dar a conhecer os seus verdadeiras resultados. (90)

«

Passados 25 anos, as idéias do homem mais simples serão, sem grande resistência, aprovadas pelos poucos bem-intencionados. Durante esse tempo, a humanidade terá caminhado bastante. E uma boa minoria se manterá sempre a favor do que foi pensado ou feito vinte e cinco anos atrás. (91)

Em tempos democráticos e culturalmente saturados como o nosso, é sempre uma descoberta sabermos que não existe um SÓ homem normal que seja verdadeiramente capaz e em quem

se encontrem as categorias catalogadas por Kant. Mas, por outro lado, em meio aos homens mais desinteressantes por vezes emergem seres notáveis, não raro verdadeiros casos patológicos, aos quais, porém, foi dada a possibilidade de dizerem a verdade, de mostrarem a inexorabilidade dos processos vitais e a inata predisposição de cada indivíduo para o serviço do todo da humanidade. (92)

Quanto poderiam aprender, tanto os vencedores como os vencidos, das guerras de 1870, 1914 e 1939! Mas, ao que parece, tal aprendizado não foi feito nem pelos povos nem por seus dirigentes. Quem aprendeu alguma coisa foi apenas uma pequena e impotente camada de intelectuais. Este diminuto e influente círculo de pensadores tirou lições e reafirmou verdades. Estas, entretanto, só foram expressas sob forma errônea e só penetraram as multidões com o atraso de uma geração. Conseqüentemente, ao que parece, o desespero constitui a única e legítima atitude de quem quis aprender, enquanto a cegueira e a inutilidade da vida ficou sendo a cota dos "povos". Contudo, parece que, por detrás dos fatos e manifestos, existe uma realidade autêntica e válida para a qual nossas filosofias e religiões abrem acesso e que vale a pena ser vivida. (93)

Nada se esquivava tanto a ser expresso em palavras e nada, entretanto, é tão necessário colocar ante os olhos dos homens quanto certas coisas, cuja existência não podemos provar nem demonstrar ser plausível. Não obstante, porque pessoas piedosas e conscientes as tratam como realidades existentes, não é fácil recusá-las como uma possibilidade e um fato. (94)

SOCIEDADE E INDIVÍDUO

Dizeis que a procura de nós mesmos é menos importante do que a busca de um bom relacionamento com os outros. Mas, na verdade, assim não é. Quem busca o seu próprio "ego" está ao mesmo tempo procurando a norma de toda a vida, pois é igual em todos os homens o que eles têm de mais íntimo. É Deus. É o que lhes dá "sentido". Por isso, diante de todo ser desconhecido, diz o brâmane: "tat twam asi", ou seja, "Isto és tu!" Sabe ele muito bem que não pode fazer mal a nenhum ser, sem prejudicar-se a si mesmo, e que o egoísmo é destituído de todo sentido. (95)

.

Se, um dia, acontecesse que a vida de uma pessoa fosse escrita, do começo ao fim, com toda a sua rede de implicações, daí surgiria uma epopéia tão rica quanto toda a história do mundo. (96)

.

Empenha-se com todo o esforço o homem em estudar o que separa uns dos outros as pessoas, os povos, os tempos. Procuremos saber também o que une reciprocamente todos os seres humanos! (97)

.

Quando consideramos as tentativas feitas em nossa época no sentido de, através de improdutivas especializações e partidos, se caracterizar as bases da humanidade, da fé, da cultura e da moral, verificamos que as obras mais notáveis e profundas não resultam dos espíritos igualitários e desligados da história, nem dos pregadores, ilegítimos e irresponsáveis, de uma humanidade idealística. Ao contrário, procedem dos representantes das mais antigas tradições. Existem, na Europa de hoje, alguns espíritos cujo trabalho consiste em descrever os valores tradicionais da religião histórica não em seus aspectos acidentais, mas em seus verdadeiros traços característicos; não se limitam ao ponto de vista puramente humano nem criam um Cristianismo apenas para os católicos, ou apenas para os

protestantes, etc, mas empenham-se em trazer à pura luz, de maneira visível e responsável, o que há de mais profundo e essencial em cada crença, (98)

Se alguma pessoa manifesta para comigo um forte sentimento de recusa, de aversão instintiva, ou revela má vontade em me compreender, tal recusa quase sempre resulta do impacto da cultura asiática encontrada em meus contos e narrativas. Pois bem, segundo me parece, este medo instintivo do que há de exótico, de não-europeu, no modo de viver e de pensar dos hindus e dos chineses é comparável ao sentimento racista ou ao ódio a certas raças. É algo conhecido, algo histórica e psicologicamente explicável, porém um verdadeiro atraso; algo já morto e que, portanto, precisa ser erradicado. Tal atitude de atraso manifesta-se não só no entusiasmo do Ocidente pelo progresso tecnológico, mas também na pretensão de um Cristianismo eclesiástico e dogmático em ser a única religião verdadeira. (99)

Quando o consideramos de perto, nosso "ego" subjetivo, empírico e individual, mostra-se mutável, sujeito a altos e baixos, demasiado dependente do mundo exterior, muito exposto a influências... Mas existe o nosso outro "ego", mergulhado no primeiro, misturado com ele. Entretanto, com ele não deve ser confundido. Este outro "ego", alto e sagrado (o Atmã dos hindus, por eles equiparado a Brahma) não é algo pessoal. É a nossa participação em Deus, na Vida, no Todo, no que há de Não-pessoal e Suprapessoa\ Paga a pena entregar-nos a este "ego" e seguir sua inclinação. Só que é difícil, pois este "ego" eterno é tranqüilo e paciente, enquanto o outro é exigente e agressivo. (100)

Ninguém sente uma vibração positiva nos outros sem a experimentar primeiro em si mesmo. (101)

Quando mais depressa cresce a humanidade, quanto mais ela domina os meios técnicos, tanto mais se toma superficial e cai no coletivismo uniforme. Para uma humanidade massificada, viver consiste apenas em harmonizar e acomodar os comportamentos, diminuindo-se até ao mínimo a responsabilidade de cada um.

Nós outros — este número sempre reduzido dos chamados, dos capazes de uma vida pessoal e individual — somos dotados de um modo de sentir mais refinado e de maior aptidão para pensar. Tais dons podem proporcionar-nos grande felicidade. Vemos, ouvimos, sentimos, pensamos, percebemos as *nuanças* de maneira mais exata, emotiva e rica. Por outro lado, somos sempre pessoas solitárias e corremos o risco de nos desinteressar pela felicidade das massas irresponsáveis. Cada um de nós precisa enxergar com clareza a si mesmo, a seus talentos, suas possibilidades e características próprias, para, enfim, colocar nossas vidas a serviço da perfeição, de nosso auto-aperfeiçoamento. Se o fazemos, estamos servindo igualmente à própria humanidade. Com efeito, é daí que surgem todos os valores da cultura (religião, arte, poesia, filosofia, etc). Desta maneira, o muitas vezes caluniado "individualismo" é posto a serviço da comunidade, e desaparece o ódio do egoísmo. (102)

De duas forças conflitantes — o impulso para uma vida pessoal e a pressão do ambiente para que a ele nos acomodem — emerge a verdadeira personalidade. E esta não brota sem uma atitude revolucionária. (103)

Clama o mundo por verdade, por novas diretrizes, por novas leis, por novas formas de vida e união comunitária para a combatida humanidade. Porém, as verdades e leis novas serão carregadas de sombras, como as antigas eram marcadas pela violência e pela guerra, se resultarem apenas da técnica e das exigências externas. Na verdade, deveriam elas resultar do melhor conhecimento de nós mesmos. E a este conhecimento de nós próprios só conduz o caminho que nos leva para dentro de nossos próprios corações. Após a derrocada dos velhos ideais, o caos de nosso sentimento é um fato com que contamos, é um fato que reconhecemos e cuja miséria e origem não podemos deixar de admitir. E para lá chegarmos são e sempre foram os poetas os nossos guias. (104:)

Toda educação humana, toda cultura, toda civilização, toda ordem repousa numa convenção sobre o que é permitido e o que é proibido. Ponte entre o animal primitivo e o que seremos no futuro mais remoto, tem ainda o homem muito, muitíssimo que sufocar, ocultar, negar em si mesmo, para que possa um dia ser alguém, ser uma criatura apta à vida social. Dentro de cada um de nós há muito do animal, da selvageria primitiva, dos fortes e indomáveis instintos do egoísmo mais animalesco e sombrio. Todos esses instintos perigosos aí estão. Acha-se sempre dentro de nós. Porém a cultura, as convenções, a civilização os mantêm ocultos. Não os mostramos. Desde pequenos aprendemos a negar e a esconder esses instintos. Acontece que todos eles, de uma maneira ou de outra, acabam se reapresentando à luz do dia. Todos sobrevivem. Não conseguimos eliminar nenhum deles. Por mais corra o tempo, nenhum deles se transmuda, nenhum se converte em algo melhor. E, na verdade, cada um desses instintos é, em si mesmo, bom. Não é pior do que qualquer outro. Só que cada época, cada cultura, tem os instintos que ela teme mais do que os outros, os instintos

que ela mais coíbe. Quando repontam esses instintos como forças indomadas e só aparente e custosamente reprimidas da natureza; quando tais feras de novo rugem e ameaçam, com o clamor dos escravos por tanto tempo subjugados e chicoteados, e com toda a fúria de sua selvageria primitiva — então, sim, então é que surgem os Karamazovs. Quando uma cultura, uma tentativa de domesticar o homem, está já cansada e começa a vacilar, então as pessoas começam, em maior número, a se destacar, tornam-se histéricas, e têm apetites estranhos, tais como os adolescentes na puberdade ou as mulheres grávidas. Agitam-se dentro da alma humana ímpetos vários a que não conseguimos ainda dar um nome; impulsos que a velha cultura e a velha moral rotulam de maus, os quais, porém, podem faiar com uma voz tão forte, tão natural e inocente, que toda noção de Bem e Mal se toma equívoca e toda lei vê abalados seus alicerces. (105)

O que é bom e o que é mau — não o sei. São coisas que tive sempre por duvidosas. Bom é o homem, quando consegue estabelecer uma harmonia entre seus instintos primitivos e sua vida consciente. Se não o faz, é um homem mau e perigoso. (106)

*

Quando ouço falar ou leio a respeito de determinado crime, raramente tenho a sensação de que, nas mesmas circunstâncias, não faria o mesmo ou pelo menos não seria tentado a fazer o mesmo. O homem não é bom nem mau. Tem em si mesmo a possibilidade tanto de uma como de outra coisa. E é já muito, se sua consciência e sua vontade o colocam do lado do bem. Mesmo assim sendo, dentro dele sobrevivem todos os instintos primitivos, que bem podem levá-lo ao imprevisto. (107)

É uma fera o homem, se sobre sua cabeça não paira a luz de uma estrela. Não temos, porém, o direito de atribuir a um só povo o monopólio da selvageria. (108)

Perde toda a capacidade de julgar e de criticar os outros quem se crê isento de qualquer dúvida. (109)

A autoconfiança que vedes em certas pessoas parece, na verdade, bem maior do que é. Bem diversa será vossa impressão, se, por exemplo, os colocardes diante de uma grande dificuldade e observardes como agem esses que, na solidão em que se isolam, parecem tão corajosos. (110)

Entre as pessoas estatizadas e organizadas nada mais difícil e raro ocorre do que simplesmente o razoável e o natural. (111)

•

Este é o câncer de que todo o nosso mundo está doente: a hipertrofia do Estado e do funcionalismo transformado em ídolo e fim de si mesmo. Automaticamente empenham-se ambos, lançando mãos de formalidades e ofícios novos e inúteis, em se impor a todo custo e aumentar cada vez mais o seu número. (112)

•

"Colegas" com prazer caminham lado a lado; porém raramente se suportam uns aos outros. (113)

O homem enquanto massa é coisa para mim estranha e altamente problemática. E o que pode resultar dessa massa,

desde meus tempos de jovem, quando ela dominava, unida e disciplinada — o que dela pode resultar, repito, vimo-lo desde 1914. Não, o que eu amo no ser humano são as possibilidades existentes em cada indivíduo. Pensar que amanhã já não possa mais existir a humanidade não me causa nenhum horror. A mais profunda dor me causaria — isto sim — saber que, no futuro, não haveria mais um Goethe, um Mõrike, um Tolstoi ou um Tchecov, um Renoir ou um Cézanne. Ou então que não mais haveria quem fosse capaz de experimentar alegria ou tristeza ao ouvir Beethoven, Bach ou Hölderlin. (114)

A salvação, a paz, a volta às origens, o renascer de um povo não se perfazem na superfície nem na massa. Realizam-se tranqüilamente no íntimo de cada indivíduo. (115)

Toda vontade de reanimar a vida é hoje proscrita pelas forças dominantes. (116)

•

O dinheiro, os negócios, as máquinas, o Estado — eis as formas sob que se manifesta o diabo em nossa época. Eles deterioram-nos tudo: a comida, o ar, o sono e os sonhos. Por isso, alguns dentre nós devem detê-los e a eles não se curvar. Do contrário, nosso tempo nada teria para legar às gerações futuras. (117)

•

Saúde, boa vida, otimismo, despreocupado, cômoda recusa de todo problema profundo, covarde e orgulhosa renúncia a todo questionamento agressivo, fruição dos prazeres do momento — tal é o lema hoje em moda; é com tais subterfúgios que se pretende levar-nos a esquecer os estragos da guerra mundial. Exageradamente risonho e sem problemas, imitando

os americanos, obviamente tolo, incrivelmente feliz e cheio de vida *{keep smiling!}* — aí sempre este otimismo hoje em moda, este garotão mascarado de palhaço, cada dia ornado de novos enfeites, rodeado de cartazes com estrelas de cinema e números revelando novos recordes... Que tudo isto não passa de grandezas do momento, que todos estes reclames e números não duram mais que um dia, é coisa que ninguém discute. Todos os dias eles mudam... E através deste otimismo exaltado e tolo, que reduz a nada a guerra e a miséria, a dor e a morte, intoxicando a todo3 e fazendo com que ninguém com nada de sério se preocupe — através deste otimismo exagerado e americanizado, somos levados à fascinação e a euforia, ao falseamento de nossa capacidade crítica, ao esquecimento dos problemas e à errônea impressão de que este mundo é uma bola colorida, tal como nô-lo apresentam a moda e as revistas ilustradas. (118)

Privada ou publicamente, jamais tentei fazer algo bom e racional que não fosse sabotado pelas potências que nos governam. (119)

O mundo, não quer saber do espírito. Ao egoísmo do homem é odiento todo ideal que dele mais exija do que uma máscara hipócrita. (120)

Dar a mão a alguém e dele cuidar só pode quem, por seu turno, necessite de ajuda e cuidados. (121)

A ajuda dinâmica e consciente choca-se sempre com obstáculos e oposições, em meio à burocracia, à ambição, à prepotência e à inobjetividade diletante. O que impede venha a ocorrer o que é mais importante é apenas a indiferença ou

mesmo a hostilidade das associações e instâncias naturais, ou — mais freqüentemente ainda — os interesses pessoais, a vaidade pessoal de cada indivíduo.

Para que tais obstáculos sejam vencidos, sem desperdício de maiores energias, é necessária a união de todos os que querem ajudar e se acham animados de boa vontade. Há alguns deles, entre centenas de autoridades e grupos. Os melhores se acham entre os que já desistiram, amargurados. Todos eles, que, dispersos, nenhuma força têm contra a rotina dos burocratas e exploradores, devem reunir-se para, assim, se transformarem numa verdadeira potência, irresistível e capaz de realizar o bem. (122)

A felicidade custa renúncia, exige desprendimento e disposição para servir em colaboração. Nenhum outro caminho vos levará tão rápida e seguramente à percepção da unidade e da grandeza da vida. Nenhum outro caminho vos conduzirá também, de maneira tão segura, à meta de toda existência, à feliz superação do egoísmo. Não pela renúncia à personalidade, mas, ao contrário, pelo seu mais alto desabrochamento. (123)

Hoje em dia, parece que nós, os homens de cultura, somos todos superindividualizados e não nos misturamos nem com o nosso tempo nem com o povo. É que a multidão, a média do povo, é hoje pouco individualizada demais, como nós o somos em excesso. E com este bando de homens demasiadamente estúpidos de fato nada podemos realizar. É esta uma prova a mais de quanto é necessário não esmorecermos. (124)

Vemos que nenhuma civilização é possível sem sujeição da natureza; que o homem civilizado pouco a pouco transforma

toda terra num edifício monótono e árido, feito de cimento e ferro; que todo impulso para frente, por melhor e mais idealístico que seja, conduz sempre à violência, à guerra e ao sofrimento; que o homem comum não suportaria a vida sem a ajuda do gênio e, por isso mesmo, é e será o inimigo jurado deste mesmo gênio. (125)

Dentro de cinquenta anos, será a terra um cemitério de máquinas, e a alma dos viajantes do espaço será idêntica à cabina de seus foguetes. (126)

«

Embora aos médicos pouca coisa reste a dizer a seus pacientes, a verdade é que adoram a sua técnica e respiram triunfantes quando percebem que o moribundo ainda reage a um leve beliscão. (127)

Uma vez que todo o meu trabalho como autor tem por objetivo defender o indivíduo contra o que é "normal" e "normado", considero inexecutável a aspiração de alguém se acomodar e transformar-se numa só coisa com a multidão e com o dia-a-dia. Para as personalidades fortes, e necessariamente solitárias, a aliança com a vida normada só pode ser uma aliança convencional, jamais satisfatória. Por isso, é melhor procurar e preservar a comunhão com aqueles que reconhecemos serem aparentados conosco: os poetas, os pensadores, os solitários. E se nada mais nos faz felizes, pelo menos encontramos um sucedâneo, um substituto rico e jamais enganador, na eterna companhia daqueles que nos são semelhantes e, em todos os tempos, povos e línguas, se expressaram em seus livros, máximas e obras de arte.

Não é de todo destituída de mérito a tentativa de compartilhar da suposta vida "real" e saudável de todos. Mas, no final, eles sempre nos levam a um mundo com cujos valores

e critérios nós mesmos, no íntimo, não concordamos. E o que com Í3to ganhamos acaba escapando-nos das mãos.

B além dos filósofos e poetas, está sempre aberto para nós o mundo da natureza, o fato de estarmos juntos num mundo onde não existem convenções, e sempre aberto para quem se dispõe à entrega e à meditação. A natureza, tal como dela usufruí o excursionista dominical e o grupo de turistas, é uma ilusão. (128)

.

Entre as necessidades mais simples, em que o homem nunca reflete bastante, porque elas nunca se transformam em fome, está o nosso lar. Com esta palavra não estou indicando a pátria — esta se conta entre os dons e as exigências mais elevadas e espirituais que sentimos. Refiro-me aos quadros que cada um de nós conservou desde a infância como suas melhores recordações. Eles são belos, não porque o lar seja necessariamente mais bonito do que todo o resto do mundo. São tão belos exatamente porque os vimos pela primeira vez com os nossos olhos de crianças, repletos de gratidão e de frescor.

Não é isto mero sentimentalismo. A coisa mais segura que temos, antes de atingirmos os mais altos graus de cultura de nosso espírito, é o lar. O termo pode admitir vários sentidos. Pode o lar ser uma paisagem, ou um jardim, ou uma oficina, ou então o som de um sino ou um perfume. Seja como for, trata-se sempre de uma lembrança, de uma recordação do tempo de nossa infância, de uma das primeiras, mais fortes e mais sagradas impressões de nossa vida. Tal é a linguagem de nosso lar. Para mim, que vivo no estrangeiro, cada vez que regresso ao lar, o primeiro condutor de bonde que vejo é uma verdadeira ave do paraíso!... Está o lar plantado no mais íntimo de nós mesmos, no pequeno e seguro tesouro que trazemos desde os primeiros anos de nossa juventude. Aí, quadros e impressões se misturam. Muitas vezes lhes damos pouco valor.

Porém, todos juntos constituem uma opulenta corrente em que não podemos tocar sem sentirmos cintilações de cristal. (129)

O fato mais importante de todo "folclore" é a identidade de estrutura da alma humana espalhada sobre toda a terra. Mas se o conhecimento e a constatação desta igualdade — a consciência da presença de uma "humanidade", que não é apenas utopia — é coisa bela e promissora, é também, por isso mesmo, altamente gratificante e fascinante, a ponto de nos fazer felizes, auscultar os diferentes trajes, os gestos, a linguagem desta *mesma* alma humana. (130)

Tenho um respeito incondicional pelo povo. E seus caminhos, mesmo irracionais, eu mais os aprecio do que a fundamentação racional que se costuma dar-lhes. (131)

Sentem-se maravilhosamente bem os homens públicos, os intelectuais, os temperamento³ emotivos, as naturezas diferenciadas, após uma completa mudança, após uma feliz transferência do peso do trabalho intelectual para o físico. Podem resistir de maneira incrível. E muitas vezes também se nota que o homem de temperamento sensível é mais capaz de suportar e mais facilmente supera seus problemas do que o ingênuo e tímido. (132)

Todas as crianças, na medida em que ainda se mantêm na intimidade de seu segredo, preocupam-se, sem cessar, com a única coisa verdadeiramente importante — preocupam-se consigo mesmas e com o problemático convívio de sua pessoa com o mundo ambiente. Quando chegam os anos da maturi-

dade, os sábios e curiosos retornam a esta mesma preocupação. Porém a maioria dos homens esquece e abandona, desde cedo e para sempre, este mundo interior do que é verdadeiramente importante. E, a vida inteira, erram pelo labirinto colorido dos cuidados, ansiedades e preocupações, nenhuma das quais habita em seu âmago, nenhuma das quais os reconduz ao seu íntimo, à sua verdadeira casa. (133)

Só sentimos angústia, quando não estamos em harmonia com nós mesmos. (134)

.

Para o artista, sobretudo para o artista verdadeiramente dotado de imaginação, é o matrimônio quase sempre uma ilusão. Na melhor das hipóteses, é o casamento uma ilusão dura-doura, suportável, em que temos algumas compensações. Porém, esta ilusão mata, sem muito sofrimento, um pouco de nossa alma e de nossa força vital. E, depois, sentimo-nos mais pobres, quando, ao contrário, após a experiência de uma nobre e grande dor, deveríamos, antes, sair mais enriquecidos. (135)

Ninguém se casa com o objetivo de ter filhos. Mas, quando os tem, estes o transmudam, e ele vê finalmente que tudo aconteceu somente para eles. (136)

.

Das disputas sai sempre vencedor o otimista. (137)

Nada irrita mais as multidões do que aquele que delas têm de lançar mãos para que mudem de opinião a seu respeito. (138)

O homem decente não dá um passo sem fazer inimigos. (139)

.

Grande é minha fé em certa estabilidade do homem. Creio que, após cada ação má, ao final sai sempre o homem com a consciência intranquã. Creio outrossim que a cada queda se segue sempre um novo desejo de bom senso e ordem. (140)

DEVERES DO INDIVÍDUO

Intolerante deveria o homem ser, segundo penso, apenas para consigo mesmo, não para com os outros. (14:1)

Os povos são todos igualmente tolos. Nisto não há diferença entre eles. Depende de cada indivíduo — não do sistema — que se façam coisas certas, tolas ou erradas. (142)

Durante a guerra, pela primeira vez me pus a refletir sobre o mundo que me cercava. E com espanto descobri que, no mundo, a maioria dos homens não faz aquilo a que o inclina sua aptidão e natureza. Faz sempre outra coisa, e muitas vezes mesmo o contrário. Especialmente o Estado faz de seus súditos o uso mais estranho possível. Aos poetas, manda-os dar tiros; aos professores, cavar a terra; aos judeus do comércio, cuidar dos negócios nacionais; aos juristas, trabalhar na imprensa. O Estado, pelo menos o nosso, está habituado a forçar as pessoas destituídas de talento a pôr-se a seu serviço, de modo que possa delas dispor a seu bel-prazer.

A única coisa em que me distingo da massa e daqueles a quem chamo de diletantes e arrivistas é que eu sei a que tipo de serviço e trabalho sou destinado por minha inteligência e minha vida, e que a esse trabalho procuro entregar-me da maneira mais concentrada possível.

Se, porém, me esquivo e passo a seguir todas estas vozes que surgem todos os dias, vejo-me perdido entre os diletantes, transformo-me em alguém que faz o que não pode, e deixo de lado precisamente aquilo a que um apelo interior me chama. (143)

A cultura humana surge graças ao enobrecimento dos instintos animais transformados em ânsias espirituais, através da vergonha, da fantasia, do conhecimento. (144)

Quanto menos tivermos medo de nossa própria fantasia, que na vigília e no sonho nos faz criminosos e animais, tanto menor é o perigo de, na verdade, sucumbirmos a este mal. (145)

O que, neste mundo, é conseguido e produzido em matéria de cultura, sempre o foi exatamente porque o homem procurou seguir ideais e esperanças que sempre ultrapassaram de muito o que era momentaneamente possível. (146)

Queremos, sempre que possível, preservar um pouquinho dentro de nós mesmos, um ponto central, que nos impeça de sermos tragados por um absurdo movimento centrífugo, que é sempre terrível e se manifesta mesmo longe de toda política realizada no tempo, na correria, na agitação. (147)

Ê extremamente perigoso colocar, de maneira demasiado unilateral, nossos instintos vitais sob o comando do nosso espírito, pois toda parcela de nossos instintos que não alcance total sublimação acabará nos forçando às mais terríveis dores. (148)

•

Tudo quanto não for por nós levado até ao fim, tudo quanto não tiver uma solução completa, um dia ou outro retornará. (149)

*

O caminho para sairmos das enfermidades de nossa cultura, segundo me parece, não deve ser o "retorno à natureza". Deve, antes, ser uma sutil adaptação ao cultural. Assim não me parece conveniente correr para as florestas, por mais que seja este o anseio do romântico que há em mim. (150)

Em sua atual organização, a maioria das profissões, precisamente as "mais elevadas", especulam sobre os egoísticos, mesquinhos e cômodos instintos do homem. Acha ele boa sua profissão, quando a pode exercer negligentemente, quando ela o subjuga, quando o transforma em dócil instrumento nas mãos do patrão. E acha-a insuportável, quando procura e ama verdadeiramente o trabalho e a responsabilidade. (151)

As verdadeiras virtudes sempre incomodam e provocam ódio. (152)

.

Não devemos fugir da vida ativa para nos refugiar na contemplativa. Nem vice-versa. Antes, devemos oscilar entre uma e outra, sentir-nos em ambas como em casa, compartilhar de ambas. (153)

Quanto mais exigimos de nós ou quanto mais nossa missão de nós exige, tanto mais nos voltamos para esta fonte de energia que é a meditação, onde sempre mais se reconciliam a inteligência e a alma... Os homens realmente importantes da História ou se entregaram à meditação ou, sem o saberem, acabaram chegando ao ponto aonde a meditação nos conduz. Os outros, ainda os mais talentosos e fortes, ao final fracassaram todos ou tiveram menos êxito, porque sua tarefa, ou seu ambicioso sonho, de tal modo os asseverbou, os consumiu e embriagou, que perderam a capacidade de se libertar e se distanciar das atividades do momento. (154)

Um dia ou outro, todos têm de dar o passo que os separa de seus pais, de seus mestres. Cada um de nós precisa provar da aridez da solidão, embora a maioria dos homens mal a

possa suportar e, tão logo a saboreiam, voltem a rastejar. (155)

Sempre a busca do que é comum, sempre reuniões, sempre a fuga às imposições do destino! E correm todos a refugiar-se no aconchego dos rebanhos! (156)

O jovem que quer ser alguém, se sente o impulso para uma forte individualização, se se afasta da mediania estandardizada, acaba dando a impressão de ser doido... Não importa que impinja suas "loucuras" ao mundo nem que pretenda revolucioná-lo. Importa, sim, que a tal ponto se defenda contra o mundo, em benefício dos ideais e sonhos de sua própria alma, que esses mesmos sonhos e ideais não venham a murchar. (157)

A irreligiosidade é uma excelente virtude, quando usada de maneira ingênua. Como propósito, como programa, porém, é um desastre. (158)

.

Nós, os jovens, devemos ter cuidado para não sucumbirmos. Sozinhas, as leis e as boas normas não nos ajudam. Queremos sobretudo amar, queremos sentir o desabrochamento de nossas almas. Não pretendemos demolir o mundo, mas apenas romper as correntes em que nós próprios nos amarramos. (159)

Perguntar se uma vida humana vale mais do que a *Paixão Segundo Mateus* é mera teoria, mera brincadeira. E perigosa é a resposta que dais a esta pergunta. O homem sem espírito, sem história, sem arte, vale menos do que qualquer animal.

E se a pura vida tivesse mais valor do que a história e a arte, então não passaríamos de seres indignos de qualquer respeito. O indivíduo, em si mesmo, não é um alto valor. Só o é, como promessa, como caminho para o espírito. (160)

Eu creio que a absurda e triste vida humana dá a cada indivíduo a possibilidade de encher de sentido e beleza a sua existência. Porém, dificilmente encontro quem não se ria desta idéia... Comumente, refugia-se o homem em seu pequeno mundo ou em seus sonhos, ou se arma para a guerra, disposto a rebater força com força e, assim, com canhões e gás mortífero, preparar o advento de uma nova e grande era. (161)

Tem-nos sido mostrado que, em tempos de intranqüilidade e angústias generalizadas, é o homem tanto mais útil, quanto mais volta sua vida e seu pensamento para a cultura e para o que é suprapessoal, quanto mais aprendeu a respeitar, ponderar, orar, servir e sacrificar-se. (162)

Nenhum de nós pode dar mais do que tem. Porém, mesmo o mais modesto, mesmo o pobre, é tão digno e capaz de ações nobres, quanto, em seu íntimo, se sente em harmonia com a vontade da natureza. Tudo quanto disto o afaste o levará no máximo a uma interessante anomalia. (163)

Se o mundo acaba ou não amanhã, não é problema nem responsabilidade nossa. Queremos, com razão, aquilo que nele nos agrada. Enquanto aqui estamos, apreciamos e louvamos o que nele há, ainda que seja apenas o céu com suas nuvens maravilhosas. A todo momento, ouço dizer que é ridícula e

retrógrada toda a minha poesia, mero versejar de um velho avô romântico. (164)

Hoje em dia, vivemos todos no desespero. Somos homens atentos e sofredores, colocados por isso entre Deus e o Nada. Entre as outras criaturas, respiramos e oscilamos como pêndulos. Cada dia, gostaríamos de pôr fim à vida; disto porém nos preserva aquela parcela de nós mesmos que é suprapessoal. Assim, nossa fraqueza se transforma em bravura, sem que por isso nos consideremos heróis. E assim salvamos para os pósteros um pouco da fé que recebemos. (165)

Aprendeí, seja como for, a servir realmente, a vos dedicar •realmente, a pensar na realidade e não em vós mesmos. Este é o único caminho para vos libertar do deserto que há em vós. (166)

Não nos envia Deus o desespero para nos matar. Ele nô-lo envia para despertar em nós uma vida nova. (167)

Importa saber sobretudo como se sente o homem interiormente, se enfrenta as dificuldades com firmeza e bravura ou de maneira elástica. Não se pode enfrentar as dificuldades e retomar ânimo graças a uma simples decisão. Mas é bom pensar nisto e não perder a confiança nas asas, ainda quando estejam elas já gastas e precisando de reparo. (168)

Só é possível e exigível uma atitude moral face ao mundo, quando alguém assume as imundícies da vida, a sua partilha

na morte e nos pecados; enfim, quando assume o pecado original e deixa de lançar sempre a culpa nos outros. (169)

"Não matarás!" — não é um seco mandamento do melhor "altruísmo". Não existe altruísmo na natureza. "Não matarás!" — não significa: não causarás dor a ninguém! Quer, antes, dizer: não podes roubar-te aos outros, não podes prejudicar-te a ti mesmo! Os outros não são pessoas estranhas a nós. Não estão distantes. Não são seres sem ligação conosco ou que vivam só para si. Tudo o que há no mundo, todos esses milhares de "outros" só existem para mim, na medida em que os vejo, os sinto, ou me relaciono com eles. Minha única vida, afinal, consiste no relacionamento entre mim e o mundo, ou seja, "os outros". (170)

•

Posso muito bem compreender que uma pessoa com fome tem de fazer muito mais esforço para ser justa, do que se estivesse bem nutrida. Porém, não consigo entender que passar fome e necessidades possa elevar a moral de alguém. (171)

Onde termina o bem-estar e onde começa a miséria? Eis a lição que a vida nos quer dar. (172)

A solidão é o caminho pelo qual o destino pretende conduzir os homens a si mesmos. (173)

Nossa missão como homens é esta: dentro de nossa vida única, própria e pessoal, dar o passo que nos faz de animais seres humanos. (174)

Para que resulte o possível, deve o impossível ser tentado. (175)

•

Facilmente se vence o luxo, quando se tem um objetivo e se sabe por quê. (176)

•

Se alguém considera certa uma coisa, tem a obrigação de fazê-la. (177)

Mesmo o bem, não devemos fazê-lo sob pressão. (178)

Quem aceita uma nomeação, com ela não aceita apenas um presente nem uma ordem. Assume, de certo modo, uma culpa sobre si. Procede como o soldado que é retirado das fileiras de seus camaradas e promovido a oficial. Tal nomeação é tanto mais digna, quanto mais ele a aceita com certo sentimento de culpa ou de má consciência face a seus companheiros. (179)

Minha vida, assim acho, deveria ser uma ânsia de transcendência, um progresso de degrau em degrau. Deveria deixar sempre atrás de si um claro, tal como uma música vai sempre andando, variando, completando-se, tema-a-tema, compasso-a-compasso, jamais se acabando, nunca desistindo, mas sempre mais presente, mais perfeita e completa. Na vida dos adultos, notei que existem tais degraus e tais espaços. E sempre no último tempo de uma vida há uma sombra de esmorecimento e de morte, que logo se transmuda em novo compasso, nova arrancada, novo começo. (180)

Uma meta atingida já não é mais uma meta. (181)

Muitas vezes me sinto exausto, sem fé, sem coragem. Creio, porém, que não se deve levar isto a mal. Ao contrário. Devemos entregar-nos a tal estado, devemos chorar um pouco, cismar um pouco, a esmo. Percebemos, depois, que, nesse meio-tempo, nossa alma viveu e dentro de nós algo melhorou e progrediu. (182)

•

Tenho sempre, ainda hoje, uma crença e a ela não renuncio nem para mim nem para os outros — é a crença de que não acontece conosco nada de feliz ou infeliz, a que não possamos atribuir algum sentido ou valor. (183)

•

Temos os destinos que nós mesmos chamamos e que a nós próprios convém. (184)

Precisamente nos tempos difíceis, nada nos faz tanto bem quanto entregar-nos à natureza, não de maneira passiva e egoística, mas de modo ativo. (185)

Devemos sempre e sempre deter-nos no que é vivo. O "espírito" muitas vezes nos deixa em dificuldades. E raramente é ele tão rico quanto o que a natureza nos oferece de amor e paciência. Brincar com um gato, ou acender um fogo, ou ficar a olhar as nuvens — tudo isto são fontes prontas a jorrar, apenas as tocamos. (186)

•

Quer eu contemple um musgo, um cristal, uma flor, um escaravelho dourado; ou o céu povoado de nuvens, o mar com

os contornos abandonados de suas dunas gigantescas, uma borboleta com suas nervuras de cristal, o talho e as coloridas pinceladas de suas asas, e os arabescos e os desenhos ornamentais, e as doces, fascinantes, infinitas, palpitantes cores, ora fortes, ora suaves; — sempre que com os olhos ou qualquer sentido corporal contemplo uma parcela da natureza, todo absorto e imantado por sua magia, e, por um momento, me entrego a seu ser e sua gratifíeante revelação; acontece então que, neste exato momento, esqueço e alijo de mim todo o mundo cheio de cegueira e cobiça da miséria humana; e longe de pensar ou de dar ordens, em vez de amontoar ou de roubar para mim, em vez de lutar ou de reorganizar, outra coisa não faço, àquela hora, senão "deslumbrar-me!", como Goethe. E com este deslumbramento não me torno apenas irmão de Goethe e de todos os outros poetas e sábios. Não, sou também o irmão de tudo aquilo ante o qual me deslumbro, de tudo quanto experimento como um mundo vivo e palpitante: irmão da borboleta, do escaravelho, da nuvem, do rio, da montanha. Pois, por um instante, pela senda do deslumbramento, vou-me afastando do mundo das separações, para me adentrar no mundo da unidade, onde uma simples coisa ou criatura se volta para a outra e sussurra: "Tat twam asi" ("Isto és Tu"). (187)

CULTURA,
ESCOLA, EDUCAÇÃO

Não considero inobjetáveis nossas escolas que vêm no jovem de catorze, dezoito ou vinte anos, apenas um estágio, sem valor próprio, da pessoa humana. Com espanto, leio em histórias e biografias que, antigamente, com maior freqüência, os jovens, ainda na idade em que, se fora hoje, haveriam ainda de prestar cinco exames, antes de serem considerados homens feitos, já ocupavam postos importantes e realizavam grandes coisas. Com tristeza, antevejo assim um tempo em que o homem não se formará antes dos trinta nem poderá ocupar um cargo antes dos quarenta anos. Na mesma proporção, também o casamento terá de ser adiado o mais possível. E então, mais do que hoje, as pessoas só terão normalmente filhos numa idade em que os pais não poderão dar a eles mais do que os restos.

(188)

#

Nas escolas, não havia a preocupação em ministrar aquelas sérias noções indispensáveis para a vida. Preponderava o cuidado em transmitir conhecimentos, aos quais, a vida inteira, me mantive fiel. Assim, por exemplo, sei de cor até hoje muitas palavras bonitas e curiosos versos latinos e sei dizer também qual a população de muitas cidades, não de hoje naturalmente, mas de 1890.

(189)

•

Existe um tipo de alunos bem-dotados que, apesar de suas aptidões, em todos os tempos são sempre incômodos aos professores e constituem para eles verdadeiro peso, porque neles o talento não é uma grandeza orgânica vinda de dentro, a marca nobre de uma natureza privilegiada, de um temperamento e de um caráter excepcionais, mas algo artificial, posição, usurpado ou roubado. O aluno de mau caráter, porém dotado de inteligência feliz e brilhante imaginação, confunde de algum modo o mestre: deve este transmitir-lhe o patrimônio da ciência e do método e torná-lo apto a compartilhar da vida social. E deve sentir que seu dever próprio e alto seria, antes, proteger as ciências e as artes do ímpeto excessivo dos alunos

talentosos, pois não é dever do mestre servir ao discípulo; devem, sim, ambos pôr-se a serviço do espírito. Toda promoção de um aluno brilhante, mas incapaz de servir, significa, no fundo, uma espécie de traição ao espírito. Conhecemos na história de muitos povos períodos nos quais, ao se dar um profundo abalo das instituições culturais, se verificou precisamente uma verdadeira presença em massa de homens de talento na direção da sociedade, das escolas e academias, dos Estados, e grandes inteligências vieram a ocupar os mais altos cargos, dispostas a governar a todos, sem entretanto saber servir. Na verdade, é muitas vezes extremamente difícil descobrir a tempo esse tipo de talentos, antes que eles venham a abalar os fundamentos da ordem cultural, e com a necessária firmeza encaminhá-los para outras profissões de índole mais material. (190)

Apresenta-se o adulto diante da criança sem a perfeita compreensão, mas com o mais profundo sentimento de ser-lhe superior, até que, enfim, se torna claro que esta sua superioridade repousa apenas numa profunda ignorância. (191)

Não se educa recorrendo ao medo. (192)

Quando um jovem inteligente, anos após anos, por toda a vida, foi tratado com violência, foi espancado, assustado, esmagado, angustiado, se aparece, então, um salvador e liberta este jovem de tanto sofrimento, não deve seu benfeitor esperar que ele lhe manifeste o desejo de se tornar, um dia, juiz ou, de qualquer modo, ser útil à sociedade. Talvez mesmo comece por incendiar uma casa ou cometer qualquer outro crime. (193)

Temos a esperança de que os verdadeiramente geniais consigam cicatrizar suas feridas e venham a ser homens que, apesar da escola, realizarão grandes obras e, mais tarde, quando já estiverem mortos e sepultados na sombra do além, sejam apresentados às futuras gerações pelos mestres da época como verdadeiros modelos e exemplos. E assim, de colégio em colégio, vai-se repetindo o jogo da luta entre a lei e o espírito. E vamos sempre o Estado e a escola empenhando-se sem cessar em cortar as asas aos poucos alunos realmente profundos e talentosos. E sempre são sobretudo os mais detestados de seus mestres, os mais perseguidos, os que fugiram da escola, os que por isso foram punidos — são estes precisamente os que irão tornar mais rico o patrimônio de seu povo. Muitos, porém — e não sabemos quantos! — consomem-se e sucumbem nesta dura luta. (194)

•

Não exijo que, no futuro, os intelectuais sejam equiparados aos prósperos homens de negócios. O intelectual não deve sentar-se à mesa dos ricos nem compartilhar de seu luxo. Deve ser mais ou menos um asceta. Não deve ser por isso ridicularizado, e sim respeitado. E deve ser-lhe proporcionado, espontaneamente, o mínimo de segurança material, como quando, nos tempos em que a cultura se refugiava nos claustros, o religioso, sem precisar ter posse de bens materiais, podia entretanto viver e, na proporção de seus méritos, compartilhava da fama e da autoridade de sua Ordem. A ordem da vida cultural não deve ser propriamente uma aristocracia. A aristocracia se baseia em herança, e o espírito não é fisicamente hereditário. Ao contrário, toda boa ordem da vida cultural representa uma oligarquia, que proporciona os meios de formação a todos quantos sejam bem-dotados. (195)

9

Respeita o "sentido" de tudo, mas não o tenhas por ensinável. (196)

Não tem sentido nenhum matar alguém os sentidos para engordar o pensamento e a cultura. (197)

Todo o ideal cultural do passado, quando o exageramos, transforma-se em veneno para nós. Não é, porém, mero culto da História, nem erudição vazia, e, sim, verdadeiro bom gosto contemplar e admirar as belas e perfeitas conquistas culturais do passado, amar-lhes a perfeição, entender-lhes a mensagem, e compreender as condições de seu nascimento e de sua passagem. (198)

•

Em meus livros, encontram os moços um apelo à valorização do indivíduo, enquanto os mestres vêem aí o contrário, isto é, o nivelamento e a uniformização da alma jovem. Tudo isto está certo e é compreensível. Ambas as funções — a minha, que prega o individualismo; e a da escola, que exalta o nivelamento — são necessárias e podem completar-se mutuamente. Comportam-se como a respiração, em que inspiramos e expiramos o ar. São dois processos bipolares. Entender isto e sentir-nos em harmonia com o adversário, amando-o, ainda quando devamos a ele nos opor — é uma atitude sábia, cheia de respeito e religiosidade. Estas são qualidades muito pouco encontradiças, hoje em dia, tanto nos mestres quanto nas outras pessoas. O mundo está e ainda estará por muito tempo nas mãos dos *grands simplificateurs*. E delas somente sairá talvez após uma grande catástrofe, a cujos começos assistimos em 1914. (199)

»

Mesmo na educação, a liberdade e o humor em nada prejudicam, enquanto contarmos com o respeito à autoridade e, especialmente, com a confiança das crianças. (200)

RELIGIAO E IGREJA

O sério e produtivo entendimento entre o Oriente e o Ocidente não é apenas no campo político e social a grande e ainda inatingida meta de nossa época. É uma exigência e um grande problema também no campo do espírito e da cultura. Não se trata mais, hoje em dia, de converter os japoneses ao Cristianismo nem os europeus ao Budismo ou ao Taoísmo. Não devemos e não queremos converter ninguém nem ser convertidos. Queremos, sim, abrir-nos e ampliar-nos. Não vemos mais a sabedoria oriental e ocidental como forças antagônicas, mas apenas como pólos entre os quais oscila toda uma promissora existência. (201)

.

Com freqüência ouvimos a advertência de que é preciso precaver-nos contra o "perigoso Oriente". Surge tal advertência da idéia de que são os partidos que devem preservar um dogma, uma seita, uma fórmula. (202)

Aprendestes que a incompreensão, a dor, a loucura são pré-condições para tudo quanto possa ser digno da humanidade. Pouco importa a maneira como, depois, formulais vossa crença, seja cristã ou outra qualquer. Não há outros deuses, senão os que o próprio homem para si cria. (203)

Que Deus vive em cada um de nós; que qualquer cantinho de terra é nosso lar; que toda pessoa humana é nosso parente e irmão; que o conhecimento desta unidade divina converte em fantasma e sombra toda separação entre raças, povos, entre ricos e pobres, entre confissões e partidos — *este* é o ponto a que retomamos, sempre que a mais terrível miséria ou a mais terna emoção nos abre os ouvidos, dá vida nova e faz de novo palpitar nosso coração. (204)

Aquele para quem Deus não é um ídolo; aquele que não usa a oração como uma fórmula mágica, mas como a assunção de todas as suas forças, como expansão de sua vontade para o Bem, para o melhor, para o único necessário; este das orações de hoje retirará forças para toda a vida, pois elas o forçarão a provar seu próprio coração, a combater o erro, a subir, com esforço novos degraus, a esquecer seus pequenos interesses em favor do interesse geral. (205)

Quem tiver este destino deverá, uma vez na vida, ficar tão solitário, tão completamente só, que se diria recluso dentro de seu próprio interior.

E então, de repente, se nota que não se está mais sozinho. Verificamos que nosso "eu" íntimo é o próprio espírito, é Deus, é o Incomunicável. B assim nos sentimos de novo no meio do mundo, sem choque nenhum com as coisas, pois sabemos que, no mais íntimo de nós mesmos, somos uma só coisa com o próprio Ser. (206)

«

Vosso futuro, vosso mais perigoso e árduo caminho é este: tornar-vos maduros e procurar Deus em vós mesmos... Sempre procurastes a Deus, porém nunca em vós próprios. Ora, Ele não está noutro lugar, Não há outro Deus, senão Aquele que está em vós. (207)

«

As práticas espirituais, as meditações levam, passo a passo, à meta do conhecimento. Este começa por revelar que nosso "ego" é uma ilusão; depois, à consciência de nós mesmos segue-se a consciência de todas as coisas, e a alma libertada retorna do isolamento e do erro ao Todo, que é o Nirvana. (208)

Situa-se o Nirvana onde os contrários se anulam. (209)

Acho que a confusão e troca entre tarefas interiores e exteriores, entre alma e política, é um dos mais trágicos motivos da História. Isto porque não acredito no Reino de Deus que não esteja onde Jesus o apontou para seus Discípulos: "Dentro de vós mesmos". (210)

«

O ateísmo é apenas a negação de uma Realidade, cuja existência não é nunca substancial, e sempre meramente verbal. (211)

»

Meu nobre, embora nunca atingido, ideal é o seguinte: assumir as necessidades da vida exterior como um papel que, na medida do possível, devemos cumprir — ficar, entretanto, sempre junto de Deus e considerar-me uma só coisa com o todo da Criação. (212)

m

A moral pode ser o resultado de uma religião, porém jamais pode uma rel'gião resultar de uma moral. Pois a religião situa-se em plano mais alto. Creio que nenhuma religião existe que comece com a moral, ao passo que aí têm início a maioria das filosofias de vida. (213)

A vida tem tantos sentidos quantos lhe possamos dar. A Bíblia, o dogma e todas as filosofias-são apenas um meio para elucidar esses sentidos. A natureza, as plantas e os animais não precisam receber um sentido, pois não pensam nem pecam. Vivem ingênua e inocentemente. Nós, homens, somos menos do que os animais, quiando pretendemos viver sem sentido. A vida adquire sentido quando nós, na medida do possível.

nos opomos à ingênua tendência para o prazer egoístico e nos colocamos a serviço do próximo. Se abraçamos com responsabilidade este serviço, espontaneamente se reveste de sentido nossa vida. (214)

•

O repouso em Deus é coisa que não existe. Não há aí nenhum descanso! O que há é um inspirar e expirar eterno, supremo e sagrado, uma sístole e diástole, um nascer e morrer, um sair e voltar, sem cessar, sem fim. (215)

Tudo passa, e existe um Nada diante de Deus, do qual podemos compartilhar em cada respiração. (216)

A luz que vem do Oriente, sobretudo a sabedoria da Índia, concilia-se mais com a verdadeira doutrina de Cristo do que o querem admitir os sacerdotes. (217)

Oriente e Ocidente são apenas sinais bem claros a indicar os pólos de nosso íntimo. (218)

•

Dou muito valor ao suporte mútuo, à paciência, a todas as virtudes passivas, e pouco às lutas. A oposição que marca toda a minha vida não tem por objetivo uma meta real, e sim a reflexão, sempre contrária ao "mundo", sempre indiferente a todo partidatismo, a todo empenho em influenciar os outros. Por isso, estou praticamente sozinho, uma vez que minha religião desconhece coloridos confessionais. Ao longo de minha vida, veio ela jorrando, pouco a pouco, das fontes indianas, chinesas, cristãs e judaicas. (219)

Quanto a mim, não creio que exista uma religião ou doutrina que seja melhor do que as outras ou a única verdadeira. Para que, afinal? O Budismo é muito bom. O Novo Testamento também. Cada qual em seu tempo, no tempo em que foram necessários. Homens há que consideram necessária a ascese. Já outros precisam de outra coisa. E até o mesmo homem nem sempre necessita da mesma coisa, mas ora precisa de ação e movimento, ora de recolher-se dentro de si mesmo, ora quer divertir-se, ora quer trabalhar. Assim somos nós, homens. B toda tentativa de mudar o que somos sempre nos faz infelizes. Se a terna compaixão, a bondade, o amor misericordioso forem os mais altos valores, então foi Francisco de Assis um dos maiores homens da terra. B Calvino, Savonarola e mesmo Lutero não passavam de fanáticos insensíveis e cruéis. Se, porém, sobrevalorizarmos a virtude da consciência inflexível e da obediência heróica aos ditames de nosso interior, então Calvino e Savonarola eram homens verdadeiramente grandes. Ambas essas posições são verdadeiras. E todos estes, afinal, tinham razão.

Nenhuma virtude, nenhuma confissão me parece um ideal humano. Ao contrário. O que considero mais elevado, o que me parece digno de todo o empenho humano é a maior harmonia possível dentro da alma de cada indivíduo. Quem consegue ter esta harmonia possui aquilo a que a psicanálise chamaria de livre disposição da própria libido e que o Novo Testamento designou com a expressão: "Tudo é vosso". (220)

Não me foi concedido ser protestante nem católico, discípulo de Bach nem de Wagner. Para mim a vida e a História só adquirem pleno sentido e valor na multiplicidade com que Deus so manifesta inesgotavelmente em novas formas. B, assim sendo, eu amo e venero, muitas vezes com grande irritação de meus amigos, não só Buda e Jesus em seu templo, mas posso

também amar e tentar compreender Spinoza ao lado de Kant, Görres ao lado de Nietzsche. E isto, não por uma pressão de minha formação ou pelo mero prazer de ser erudito, mas simplesmente porque sinto alegria na multiplicidade da unidade, na riqueza das cores existente entre Aristóteles e Nietzsche, entre Palestrina e Schubert, multiplicidade esta que, quando dela e só dela nos sentimos seguros, proporciona à vida toda a sua comovente beleza e todo o seu colorido, aparentemente irracional. Por isso, entre os intelectuais defensores da liberdade e da livre pesquisa, jamais senti falta daquela tranqüila grandeza, em que a liberdade nunca foi requisito da inteligência, e em que a fé e a sujeição da personalidade constituíam profundo apelo do coração. (221)

A sabedoria do chinês Lao-Tsé e a sabedoria de Jesus ou a do indiano Bhagavad-Gita apontam claramente as raízes comuns dos princípios morais entre todos os povos, como a arte de todos os tempos e civilizações. Em sua aptidão para amar, em sua força para sofrer, em sua ânsia de libertação, a alma humana nos está a mirar em todo pensamento, em todo ato de amor, seja em Platão ou em Tolstoi, em Buda ou Agostinho, em Goethe ou nas *Mil-E-Uma-Noites*. Com isto não deve ninguém concluir que sejam uma só coisa o Cristianismo e o Taoísmo, a filosofia platônica e o Budismo. Nem que uma filosofia ideal surgisse da confluência de todos esses mundos diversos, separados pelo tempo e pelas raças, pelo clima e pela História. O cristão é cristão. O chinês é chinês. E cada um procura pensar e preserva-se tal qual é. A idéia de que somos todos apenas partes distintas da mesma eterna Unidade não implica que haja *um só* caminho, nem *um* caminho errado. Nem que seja dispensável *uma única ação* ou *uma só* dor deste mundo. (222)

No momento em que aceitamos nosso destino, floresce para nós o Tao. (223)

Os ideais de nossa cultura moderna de tal modo estão em contraste com os da cultura chinesa, que deveríamos alegrar-nos de possuímos um parceiro tão nobre, do outro lado do globo terrestre. Sem a ele nos submetermos como escravos, deveríamos ter para com aquela cultura estranha uma grande admiração, sem a qual nada se aprende e que nos convém assumir. Deveríamos pelo menos considerar os remotos orientais como nossos mestres como, a partir de Goethe, o fazemos em relação ao Oriente Próximo. E quando lemos os emocionantes e brilhantes diálogos de Confúcio, importa não o tenhamos na conta de mero curioso dos tempos passados. Devemos, sim, pensar não só que a doutrina de Confúcio nos conservou, por dois milênios, este imenso acervo de sabedoria, mas ainda que, hoje em dia, na China, seus discípulos e patrícios portam ainda seu nome e se ufanam de conhecerem seus ensinamentos, a ponto de sua atitude transformar em tímida criança o mais antigo e culto dos nobres da Europa. Lao-Tsé não deve substituir para nós o Novo Testamento. Deve, porém, mostrar-nos que algo semelhante floresceu sob outros céus e desde eras ainda as mais remotas. E isto deve revigorar nossa fé, revelando-nos que, apesar de tudo, a humanidade forma uma só coisa e tem sempre possibilidades, ideais e objetivos comuns. (224)

A sabedoria dos antigos chineses é, como toda sabedoria, uma doutrina que, em parte, prega a virtude: esta é a parte confuciana da filosofia chinesa. Contudo, em parte é ela também uma mística, o resultado da meditação solitária, da busca do progresso espiritual, do aperfeiçoamento das regiões superiores da alma: esta é a parte taoísta. Comum a ambas

é o respeito e a pureza, a renúncia a toda vaidade e sofisticação, e certa alegria constante, certo contentamento em estar neste mundo. Além disso, é esta sabedoria bastante concreta e não abstrata, e gosta de ministrar seus ensinamentos através de histórias ou parábolas poéticas, como acontece em Tchwang-Tsi. (225)

•

Creio no homem como uma possibilidade maravilhosa: mesmo caído na imundície, nunca perde sua grandeza e, mesmo corrompido, merece que se lhe estenda a mão. E creio que esta possibilidade é tão forte e fascinante, que facilmente se transforma em esperança e dever. E a força que leva o homem a sonhar eOm suas mais altas possibilidades c sempre o afasta da condição animal é sempre a mesma, pouco importando a chamemos hoje de religião, amanhã de razão e, mais tarde, de qualquer outro nome. A oscilação entre o homem real, de um lado, e, de outro, o homem possível, o homem sonhado, é a mesma que descreve as religiões como o relacionamento entre o homem e Deus. (226)

•

O que chamais proigresso realiza-se da mesma maneira como se perfaz toda a história espiritual da humanidade, isto é, não nas massas, e sim numa pequena minoria de pessoas "de boa vontade". Sempre foi assim. Sempre que esta pequena minoria adquire força, surge, por um momento, o divino sobre a terra: religião, cultura. Nossa missão não é instruir este mundo incorrigível, mas sempre formar esta minoria e não permitir que morra o ameaçado pequeno Reino de Deus. (227)

Todo aquele que acredita no sentido da vida e no alto destino do homem é, no caos de hoje, uma pessoa digna, seja qual for a religião a que pertença e os sinais em que creia. (228)

Seja qual for a imagem que alguém faça da possibilidade de salvação do mundo, o importante e relevante para cada um é sobretudo a idéia de que a salvação virá pelo amor. Todas as vozes dos grandes pensadores, poetas e artistas para isto nos chamam e nos admoestam. E o valor profundo destes apelos está apenas em que eles criam uma realidade, um caminho, uma possibilidade, sempre vivos no peito de cada ser humano. (229)

Se não posso compartilhar da crença em dogmas que, com exclusividade, sejam certos e produzam a salvação, todavia creio, por mim mesmo, no fato da reconciliação e da entrega de nós próprios a uma fé e nem por isso sou um condenado, um herege, um protestante. Ao contrário, eu me alegre e estou agradecidamente convencido de que o Indizível pode ser expresso e vivido das mais variadas formas. (230)

O que não me agrada plenamente numa religião como a vossa é apenas a unilateralidade com que vós a ligais à minha pessoa e aos meus escritos. De fato, as mesmas verdades foram sempre criadas e afirmadas, em todos os tempos e literaturas, pela camada superior da humanidade. Que a massa não a assume, que portanto nosso reino "não é deste mundo", ninguém o soube nem o formulou de maneira tão vigorosa como Jesus. Tais verdades jamais se tornarão um patrimônio comum nem eliminarão a estupidez humana, mas serão tão imortais quanto esta mesma estupidez. (231)

A experiência religiosa, seja a dos místicos, seja a da comunidade, é um fenômeno tipicamente geral e, portanto, suprapessoal. Acontece, porém, que, em sua mais elevada forma,

só pode ele ser plenamente vivido pelo indivíduo, pelas personalidades mais evoluídas, pelo gênio. (232)

É o homem capaz tanto da tolice e da vileza, quanto de se integrar no sentido e na harmonia do mundo. E possivelmente os tolos e os vis serão sempre a maioria. O que pensa Deus de tudo isto vem expresso, de maneira clássica, no diálogo entre Abraão e Deus a respeito da cidade de Sodoma. Deus chega a admitir uma minoria de "justos", e o mais admirável nesta demorada transação é que não é Deus quem pede tolerância e paciência ao homem, e, sim, o contrário. (233)

Quando abraçamos com toda a seriedade a fé, não se trata da fé em nós, da fé em nossos propósitos, nossa fidelidade, nossa bravura, etc, e sim da fé na Graça futura e possível, a qual nunca merecemos, mas podemos sempre esperar. O que fez de Pedro uma pedra pode bem transformar em pedra qualquer de nós. É isto que devemos crer. O resto, isto é, que nós, homens, somos, em parte, animais, capazes de toda tolice e covardia, não precisamos crê-lo: nós o sabemos, e basta-nos lançar os olhos sobre o mundo em redor, sobre a História, sobre nossa própria vida e nosso coração. Esta triste constatação contrapõe-se à fé libertadora e por isso é esta "mais alta do que todo raciocínio". (234)

O que me interessa em Jesus e o faz para mim tão importante não são as suas condições históricas, mas o fato único de ele ter superado estas condições e de as ter deixado para trás. (235)

Quando tomamos as palavras do Novo Testamento não como mandamentos, e sim como expressão de uma sabedoria extraordinariamente profunda a respeito dos segredos de nossa alma, então a palavra mais sábia que foi jamais pronunciada, a síntese da arte de viver e de ser feliz, é o preceito "ama teu próximo como a ti mesmo", que aliás já se encontrava no Antigo Testamento. Podemos amar o próximo *menos* do que a nós mesmos — e neste caso, cada um de nós é um egoísta, um aproveitador, um capitalista, um burguês; podemos amontoar dinheiro, não, porém, ter o coração feliz, e as mais finas e saborosas alegrias da alma nos estarão interditas. Ou podemos amar o próximo *mais* do que a nós mesmos — e, nesta hipótese, não passaremos de pobres-diabos, cheios de complexos de inferioridade, cheios de ânsias de amar a tudo, mas também repletos de ódio e de amargor contra nós mesmos, e viveremos num inferno cujo fogo estaremos sempre a atizar. Ao contrário, o amor equilibrado, o poder amar sem nos sentir de modo algum culpados, este amor a nós mesmos, que ninguém nos pode roubar, este amor aos outros sem restrição nem violência ao nosso próprio "ego": o segredo de toda a felicidade e de toda a santidade reside nesta palavra. E se quisermos, podemos voltar-nos para a sal)edoria indiana e aí encontrar o sentido verdadeiro: amai o próximo, porque ele é vós mesmo! — uma tradução cristã do "Tat twam asi". (236)

O que me desagrade nos teólogos protestantes é que eles não têm nada a ensinar, que deixam vazio o povo e, sem crítica nem oposição, se colocam ao dispor do poder estatal, dos príncipes, dos ricos, dos generais. É o que fazem hoje, como sempre o fizeram. E o povo deles não recebe advertências nem ajuda para resistir às pressões da máquina que ameaça tragá-lo... Na verdade, como erroneamente muitas vezes dizem os católicos, o cisma de Lutero não é a causa fundamental da miséria da Alemanha. É, sim, seu sintoma mais gritante. Apela-se para

o espírito e acaba-se nos canhões... Transforma-se a oração em cumplicidadezinhas... Distorce-se o sentido das boas obras. B, irresponsavelmente, vai-se descambando para todos os infernos, contra os quais, entretanto, se deveria ser pedra e resistência. (237)

•

Nós, as pessoas mais idosas, que de tudo já experimentamos, bem sabemos da capacidade que tem o homem de cometer todas as tolices. Sabemos também de sua capacidade para teologicamente se justificar. Por isso mesmo, agradecemos à igreja católica pelo fato de ela não se envergonhar de pregar coisas tão ingênuas como a moral, a proibição de pecar, etc, mas tentar sempre araansar a fera. (238)

Fantasiar, brincar com idéias, sem responsabilidade, sem uma dogmática rigorosa e segura — é para mim intragável. Isto eu mesmo posso fazer. Para isto não preciso pagar professores, que considero perniciosos. Só umas poucas personalidades, como, por exemplo, Kierkegaard, têm para mim alguma importância. Mas todas essas teologias que vivem a mudar, que não são outra coisa senão uma sucessão de debates e visões de uma cultura descompromissada, atrás das quais não existe nenhuma igreja, nenhum dogma, nenhuma responsabilidade, nenhum verdadeiro empenho por uma formulação legítima — nada disso jamais me interessou. (239)

A igreja católica como instituição religiosa é um edifício maravilhoso e digno de todo o respeito. A isto não contradigo, se disser que uma grande multidão de pessoas piedosas, crentes, porém não habituadas a ter seu pensamento autônomo, se deixam conduzir por esta igreja. Quando poetas e escritores, dos quais é lícito esperar uma posição religiosa própria e inde-

pendente, expressamente se escondem poi detrás da igreja católica, parece isto antes uma fuga à autonomia do pensamento e à responsabilidade pessoal. (240)

Seja embora Lutero o chefe e o representante máximo dos cristãos, aos quais é natural e evidente a sede de liberdade; dos individualistas e dos que se destacam acima da média pela cultura, pelo caráter e pela consciência — resta sempre, contudo, aquela imensa parcela da humanidade que prefere obedecer a se decidir, os pobres de espírito, mas de boa vontade, os que desconhecem as lutas de consciência dos demais. Para manter em ordem esta parte da humanidade, para preservá-la da ruína e da corrupção, para incutir-lhe uma esperança para a vida e para a morte, e além do mais para lhe proporcionar muita festa bonita — para isto são boas igrejas como a de Eoma. Elas auxiliaram milhões de pessoas, ajudando-as a salvar e engrandecer suas vidas, e ainda nos presentearam com os mais maravilhosos templos, mosaicos, afrescos e esculturas, coisas importantes que os protestantes ou destruíram ou souberam valorizar, nunca, porém, eles próprios construir. (241)

O que a Alemanha deu ao mundo após a Idade Média, deu-o na música. Quando me ponho a investigar o que tenho de Cristianismo em mim ou onde reside a última e pura essência deste Cristianismo, esbarro infalivelmente com as Cantatas e as *Paixões* de Bach. Aí, e não na poesia, é que o Cristianismo acabou por assumir sua forma. (242)

Toda manifestação surgida na face da terra é uma parábola, e toda parábola é uma porta aberta, através da qual a

alma, bem preparada, pode penetrar no âmago do mundo, onde somos uma só coisa: Tu e Eu, e o dia e a noite. (243)

A fé não passa pela inteligência; e muito menos o amor. (244)

«

Se existe uma justiça, se existe um tribunal, não seremos interrogados de acordo com a nossa lógica, e sim com a nossa clareza moral. E aí precisaremos mais da graça do que da justiça. (245)

•

Imortalidade! Por ela não pago um tostão! Queremos simplesmente permanecer mortais! (246)

Espalhados pelo mundo existem muitos crentes e almas piedosas fora da igreja e das confissões. São pessoas de boa vontade, às quais angustia muito a queda da humanidade e a ausência da paz e da confiança, neste mundo. Para tais almas não existe sacerdote nem o conforto da igreja, mas apenas a voz do que clama no deserto. Para elas existem também o santo e o mártir. (247)

•

O em que nós dois cremos, Thomas Mann e eu, apesar da resignação e do ceticismo, não é naturalmente nada de teológico. Nenhum de nós crê na ação e intervenção de forças "superiores" independente da vontade humana. Mas acreditamos num resto inexprimível de decência, de boa vontade e de amor à paz, na maioria dos homens. Cremos também na possibilidade de despertarmos e revigorarmos o pouco de bem que haja em nossos leitores. Portanto, não estamos sozinhos. (248)

Não compartilho da crença de que a pesquisa científica sobre o ocultismo nos venha a libertar das superstições... O remédio contra a superstição não é a ciência e sim a fé. Uma fé orgânica, seja em que religião for, é a única e séria medicina contra a superstição. As épocas sem fé são sempre inclinadas à superstição, mesmo que sejam épocas de alto progresso científico. O que chamo fé não é o resultado de uma aprendizagem. É a expressão de uma sadia visão do mundo, uma confiança na ordem do universo. E, face ao "ocultismo", a verdadeira fé consegue distinguir entre a magia branca e negra, aparecendo esta última como o que é proibido e mau. Para o homem que tem a verdadeira noção da fé não é difícil distinguir entre o branco e o preto. E quem crê não se tornará facilmente vítima daquela magia negra que, hoje em dia, através dos anúncios dos jornais, engana a tantos. Contudo, os verdadeiros crentes são raros. E continuam as inquietações provocadas pelas manifestações do ocultismo. Possa pelo menos a ciência continuar a pesquisar estes fenômenos. (249)

Nossa Noite de Natal transformou-se em objeto de propaganda, base para toda sorte de negócios fraudulentos, fonte para material de "Kitsch". De há muito, o Natal e a festa do amor e da infância deixou de ser para todos nós a expressão de um sentimento. Tornou-se justamente o contrário. É hoje apenas um arremedo, uma contrafação do sentimento. Uma vez por ano agimos como se déssemos grande importância aos belos sentimentos, como se realmente muito apreciássemos realizar uma festa da alma. Pode a beleza transcendente de tal sentimento ser autêntica. E quanto mais autêntica ela for, tanto mais será um sentimentalismo. Sentimental é nosso típico comportamento em relação às poucas ocasiões a que ainda se apega, hoje em dia, um resto da Cristandade. Nosso sentimento é então este: "Que belos são esses pensamentos de amor! Sim, é verdade que só o amor pode salvar! E que pena que só por

uma noite, durante o ano inteiro, nos possamos dar ao luxo deste belo sentimento! Que pena que, entra ano, sai ano, os negócios e outras tantas preocupações nos impeçam semelhantes encontros!" Tais reflexões trazem todas as marcas do sentimentalismo. (250)

O Deus da igreja e a própria igreja de maneira nenhuma impedem os homens, nem mesmo os mais altos dignitários eclesiásticos, de caírem nos mais grosseiros deslizes morais. (251)

Insolúveis são os problemas relativos à essência de Deus ou do espírito, ao sentido e ao destino do mundo, à origem do universo e da vida. Repensar e discutir estes assuntos pode bem ser um belo e interessantíssimo jogo. Mas de maneira nenhuma conduz à solução de nossos problemas. (252)

SABER E CONSCIÊNCIA

Todo saber e todo aumento de nosso saber, em vez de terminar em uma solução, dá antes início a nova dúvida. Aumentar o saber significa aumentar as dúvidas. E a cada resposta nova pergunta se segue. (253)

Existe o caminho que leva às regiões iluminadas de luz fria de nossa consciência e razão, aparentemente perfeitas. Porém aquele que consegue atravessar essas regiões encontra de novo a terra, o calor, a inocência e o amor. Pela transcendência das regiões frias, e não pela fuga, tais resultados se atingem, se perdem, para em seguida de novo se reencontrar. (254)

.

Sabemos por experiência que o homem pode cultivar seu intelecto até ao máximo, sem com isto se tornar senhor de sua alma. (255)

.

O que nosso cérebro pensa e diz não passa de uma ninharia, comparado com o que, sob o impacto das "paixões", ocorre e se manifesta em nossa vida, em nossas relações e amizades. (256)

.

O que dizeis sobre a razão e contra ela é certo. Creio, porém, que a razão, em seu verdadeiro papel, é coisa muito boa. Quando, no plano da vida, onde a inteligência é um bom guia, se prefere seguir o instinto e a intuição, quase sempre tudo vai mal. E vice-versa. Importa não conferir à razão um papel totalitário e, sim, colocá-la ao mesmo nível do espírito. (257)

.

Íl estranho: a pessoa puramente intelectual, ainda que empregue palavras de ouro e tenha o mais elevado conceito

de si próprio, logo se nos toma enfadonha. E tediosos nos são igualmente os entusiastas do sentimento, os poéticos e inflamados defensores do coração. Tanto o puro intelectual quanto o sentimental convicto têm uma dimensão a menos. Notamo-lo na vida cotidiana, na vida política e também nas artes. O intelectual e o sentimental, o plebeu e o nobre, cada um deles sozinho, sem o seu irmão, sem o seu oposto, é incompleto, não nos convence, não nos interessa. O homem nos é enfadonho, desde que tenha apenas duas dimensões. (258)

Os fi'ólogos são pessoas engraçadas. Passam como passam as modas, que eles julgam criar. (259)

•

É coisa rara ser o sábio ao mesmo tempo um escritor importante. O ímpeto, a alegria criadora, características do grande escritor, são quase sempre sufocados pela prudência do sábio, pela paciência do colecionador, pela cautela do crítico. (260)

•

Devemos exercitar e usar nossa inteligência, mas não dar ouvidos somente a ela. O homem normal e simples, o homem do "povo", aprende com a vida e seus mistérios a apreciar a hora presente e a encontrar aí toda sorte de alegria. Já os intelectuais, com sua mania de pensar, não conseguem compartilhar desse estado de inocência. Precisam de um contrapeso ao orgulho e aridez da inteligência, e este contrapeso é sua volta para a natureza. A maioria dos "intelectuais", na medida em que não sejam eles próprios artistas, servem-se da arte, reencontram no gosto e na prática da pintura, da música, da poesia, seu íntimo relacionamento com as forças naturais primitivas. Se isto não lhes basta, recorrem então à meditação, ao devaneio, ao recolhimento interior. O caminho para isto é a ioga. Há milhares de livros sobre este assunto, os quais entretanto jamais li. Há mesmo, nos Estados Unidos, escolas

de ioga, muitas vezes dirigidas por mestres indianos. Também a estas, só as conheço de ouvir contar. O que, durante certa fase de minha vida, me era necessário, em termos de meditação, descobri-o por mim mesmo, pois não é coisa ensinável nem comunicável aos outros. (261)

•

Na mais profunda meditação existe a possibilidade de fazermos parar o tempo, de, num só instante, vermos a vida que foi, que é e que será. Tudo isto é bom. Tudo isto é perfeito. Tudo isto é Brahma. Assim, tudo o que é me é bom. A morte e a vida, o pecado e a santidade, a inteligência e a estupidez, tudo deve ser como é, necessitando apenas de minha aprovação, de minha boa vontade em entender, de minha condescendente compreensão. E assim é tudo bom para mim e nada me pode prejudicar. Senti, em meu corpo e em minha alma, que eu necessito também do pecado, da paixão, da luta em busca dos bens materiais, do amor-próprio, preciso até de um pouco de desespero, para aprender a lutar, para aprender a amar o mundo, para não mais o equiparar ao mundo falso, forjado por mim mesmo, a uma espécie de perfeição inexistente, ilusória; preciso, ao contrário, deixar que as coisas sejam como são, e amá-las assim e sentir prazer em ser semelhante a elas. (262)

•

Tanto as virtudes como os talentos são hipertrofias, perigosas e ao mesmo tempo úteis. Posso compará-los aos fígados dos gansos engordados de propósito para adquirirem maior volume. Já que, em mim mesmo, nenhum talento, nenhuma virtude se desenvolve, sem que isto traga prejuízo às energias da alma, resulta que o progresso numa virtude se faz sempre com o sacrifício dos ímpetus normais subjugados. Do mesmo modo, desenvolve-se o intelecto à custa dos sentidos; e o sentimento, com prejuízo da inteligência. (263)

Estabelecer um pólo, assumir uma posição, donde o mundo possa ser visto e ordenado, é a razão básica de toda formação, de toda cultura, sociedade e moral. Quem, ainda que por um só momento, acha que o espírito e a natureza, o espírito e a liberdade, o Bem e o Mal são noções que se possam trocar uma por outra, não passa do pior inimigo de toda ordem... Grande coisa é a mágica experiência da inconversibilidade de todos os conceitos, da presença inegável das coisas entre si opostas. (264)

Para mim toda verdade é de tal maneira bipolar, que cada pólo sei; me é igual — desde que eu só sinta a verdade, desde que só pense na vida, desde que leve tudo a sério. (265)

Em seu mais alto sentido, todo conhecimento só tem um único objeto. Pode ser atingido e expresso de mil e uma maneiras, todavia a verdade é uma só. É a verdade de que é possível anular todos os contrários, transformar o branco em preto, a noite em dia, o bem em mal. Baseia-se esta possibilidade na simples aceitação da relatividade de todas as qualidades e valores; baseia-se na consciência da "alma", que talvez outra coisa não seja senão o jogo de milhões de relacionamentos, de que é cada pessoa o centro.

Naqueles em que existe este altíssimo e único conhecimento (Jesus, Platão, Buda, Lao-Tsé, Goethe ou Dostoiêvski), nestes se deu o passo donde começaram a surgir maravilhas. O inimigo torna-se irmão; a morte torna-se renascimento; tudo o que há na terra adquire uma face dupla, e ora é "deste mundo" e ora já "não é mais deste mundo". "Este mundo" significa o que está "fora de nós". Tudo o que está fora de nós pode tornar-se inimigo, perigo, temor e morte. E o dia começa a raiar, quando percebemos que este "fora de nós" não é apenas objeto de nossa constatação, mas, sim, criatura

de nossa alma, com a conversão do que é externo em interior, e do mundo no nosso próprio "ego". (266)

Quando se deu o "despertar" do homem, não cuidou este nem da verdade nem do conhecimento, mas apenas da realidade do mundo, de sua existência, de sua experiência. Ao "despertar", não foi o homem direto ao coração das coisas nem à verdade: ele percebeu, sentiu, sofreu apenas a instalação de seu próprio "ego" no meio das coisas. Não encontrou leis, mas apenas alternativas; não se atirou ao centro do mundo, mas se voltou para o centro de sua própria pessoa. Por isso, o que o homem então sentiu era tão pouco comunicável, tão impossível de ser expresso em palavras e fórmulas. As experiências de então não podiam ser expressas por algum recurso de linguagem. Se alguém acaso o ouvisse e entendesse, este alguém seria outro homem nas mesmas condições, um cúmplice na dor e no despertar. (267)

.

A própria harmonia do universo, por vezes eu a sinto de maneira apreensiva. Uma vez que a vejo mal constatada em minha vida física e instintiva, tenho de procurar achá-la no espírito. E, se quiser ser conseqüente, eis-me de novo voltado para a inteligência, o único dentre nossos órgãos capaz de, mesmo em discordância com nossos instintos, permanentemente, se mostrar em harmonia com o mundo e confirmar esta harmonia. Já que nem só a guerra e a vida dos povos, mas nem mesmo o que há de melhor nas artes provém da inteligência, daí resulta que estamos diante de uma lacuna permanente. (268)

.

O que chamas de "vontade" é uma espécie de caráter e de moral alimentados com as forças oriundas da vida instintiva e inconsciente. Não acho incondicionalmente desejável que

escolhamos a alegria ou a tristeza e as tentemos fundamentar na razão. Para a razão e a lógica não fornece a vida ocasião nem de alegria nem de tristeza. Podemos, porém, habilmente destruir o valor, a vida e o sentido de nossas "disposições", se excessivamente as pretendermos submeter à razão. (269)

Conhecer alguém é descobrir nele os traços que o distinguem dos outros. (270)

Que seria de nós, e que seria da filosofia, se a busca da verdade se resumisse na própria posse da verdade! (271)

O tempo passa, a verdade ítica. Ela muda suas formas e ritos, mas repousa sempre, em todos os tempos, sobre o mesmo fundamento: a ordenação do homem para a natureza, para o ritmo cósmico. Levem embora os tempos agitados à emancipação do homem face a esta ordem, tal libertação conduzirá sempre à escravidão, tal como é o emancipado homem de hoje um relutante escravo do dinheiro e da máquina. Como o reluzente asfalto das grandes cidades de novo volta a ser um matagal, ou como a compassada e excitante música dos grandes salões retorna à música do mar, com certo sentimento de agradecida reintegração, assim também eu regresso de todas as efêmeras e palpitantes aventuras da vida e do espírito a estas verdades antigas e inesgotáveis. Por ocasião de cada regresso, não as encontro envelhecidas. Elas lá estão, tranquilas, à nossa espera. Acho-as sempre novas e reluzentes, tal como, a cada dia, nasce um sol novo, ao passo que a guerra de ontem, a moda ontem em voga, o carro de ontem mostram-se hoje tão velhos, tão superados e cômicos! (272)

O que nós possuímos, nós não o vemos e até mesmo mal o sabemos. (273)

•

Sob a lente do microscópio, até mesmo uma particulazinha de nada, a sombra de um cisco, pode parecer um céu cheio de estrelas. Da mesma maneira, sob o olhar de uma verdadeira psicologia, o mais leve movimento da alma, por menor que seja, ou mais tolo, ou louco, ou perigoso, pode transformar-se na mais excitante cena. Aí veríamos então a mais intrigante imagem da coisa mais sagrada que conhecemos — a vida! (274)

A coisa mais digna de ser dita, entretanto jamais possível de dizer-se, permanece sendo sempre uma só coisa. (275)

LEITURAS E LIVROS

Um só bom e verdadeiro leitor é muito mais do que milhares de leitores superficiais. Assim também são tão pouco importantes os empreendimentos, as vitórias, as realizações de um ditador, de um ladrão, etc, pois todos só se contam pela quantidade e só graças a ela se fizeram. (276)

Cada livro que lemos agita sempre nossa bússola interior. Cada autor nos mostra como o mundo pode ser enfocado sob outros pontos de vista diversos. Aos poucos, vai cessando a oscilação, e a agulha volta a indicar a antiga direção que as tendências de nosso próprio ser lhe davam. Assim acontece sempre comigo, quando faço uma pausa em minhas leituras. Podemos ler muito, e um solitário amigo da leitura respeita os livros e o que eles dizem, do mesmo modo como um homem educado respeita os outros homens. Fico às vezes admirado de quanto proveito as leituras nos trazem. Mas, depois, é preciso de novo deixar tudo de lado e, por algum tempo, caminhar pelas florestas, sentir o ar e as flores, as nuvens e o vento e reencontrar aquele tranqüilo ponto, a partir do qual o mundo se nos abre em sua unidade. (277)

Quem no mundo imortal dos livros se sente, por assim dizer, em casa estabelece uma nova relação não só com o conteúdo, mas até com os próprios livros em si mesmos. Hoje em dia, somos obrigados não só a ler livros, mas também a comprá-los. Como velho amigo dos livros e dono de uma não pequena biblioteca, posso assegurar, por experiência própria, que comprar livros não serve apenas para sustentar os livreiros e autores: a posse de livros (não somente a sua leitura) proporciona alegrias especiais e tem até sua moral própria. Pode, por exemplo, ser uma verdadeira alegria e um fascinante esporte ficarmos mais astutos, espertos, tenazes, sem quase gastar dinheiro, servindo-nos das edições mais populares e baratas

ou de catálogos sempre renovados. Não obstante todas as dificuldades, podemos até fundar uma pequena livraria. Já aos que têm maiores posses, é-lhes dado sorver de uma alegria mais refinada, quando procuram a melhor e a mais bela edição de um livro predileto, quando colecionam livros antigos e raros, e quando mandam fazer para seus livros uma encadernação bem cuidada e elegante. Desde a mais minuciosa economia dos vinténs até ao mais alto luxo, abrem-se aqui belos caminhos, todos repletos de alegria. (278)

For que não podemos conversar com nossos livros? Não raro são eles tão inteligentes quanto as pessoas; às vezes até igualmente divertidos; e respeitam mais a nossa liberdade. (279)

Recordar os mitos, as sagas e histórias é para o homem atual tão importante quanto lembrar sua própria infância... Só o homem absolutamente sem cultura, envenenado com a moderna e tola mania de superioridade, considera meras fantasias os mitos de outrora ou as lendas dos povos primitivos. Sim, podemos dizer que, com a morte dos mitos, toda a poesia perdeu o valor e, desde há séculos, nossos poetas só têm trabalhado com o que restou de épocas mais ricas. (280)

A poesia cria um mundo mágico, onde se reúne o que era separado, onde o impossível se toma realidade. A este espaço imaginário e irreal corresponde o tempo da poesia, do mito, da lenda, um tempo contrário ao calendário e à história, porém comum às sagas e lendas de todos os povos e de todos os poetas... Por mais rara se tenha tornado a verdadeira magia, o certo é que ela vive ainda hoje na arte. (281)

Toda poesia é, antes de tudo, um valor estético. E a estética, a proclamação do belo, não obstante todas as tentativas e esforços que implica, não é uma ciência. Não se ensina. Não se deixa reduzir a métodos. O que um professor pode explicar numa poesia só se refere a seus valores secundários: seu alcance sociológico, útil, moral, educativo ou religioso. O que é próprio do poema, sua beleza inalienável, pode ser algo bastante oculto. Aquele a quem esta beleza se recusa, por mais sutil e argumentamente que discorra sobre o conteúdo, jamais logrará apreender a essência do poema. Há naturalmente exceções! Quando quem explica é também poeta, pode a explicação equivaler-se à poesia. Mas isto acontece uma vez em milhões de casos. Aprendei, sim, os métodos da Germanística. Não são de todo maus. Mas não vos esqueçais nunca de que é inexprimível o que há de próprio e maravilhoso nestes métodos. (282)

Sou amigo das categorias puras e acho inteiramente falso procurar sentido e explicação na poesia a respeito de aspectos sobre os quais melhor nos instruem livros outros que não os de poesia. (283)

.

A mim a ciência da literatura (Literaturwissenschaft) sempre me pareceu velharia empoeirada, um mundo superado, mofo de museu ou mesmo, por vezes, puro estéreo. Certo tipo de *sectários* a transcrever idéias de outros *sectários* já mortos para uma futura geração de *sectários*! E quando disputam uns com os outros, trata-se de uma guerra de seitas sempre por fora daquilo que a literatura é para mim. Sou de opinião que a literatura não deve ser entendida como algo já feito, como uma iguaria já preparada por outros, mas deve antes se conquistar a si mesma, palmo a palmo. Os livros antigos devem ser lidos, formando cada qual sua opinião sobre eles.

A poesia autêntica encontrará sempre seus leitores, enquanto os assuntos e as verdades humanas fundamentais tive-

rem algo a nos apresentar. O que está morto está morto! Quero dizer: só posso admitir a "ciência da literatura" como uma história ideal com seus componentes sociológicos. Noutros termos, na medida em que ela nos explica certos fenômenos sociais, a cuja única luz se consegue entender uma época literária. (284)

O "leitor solitário" é, na maioria das vezes, um leitor pobre de palavras, porém muito mais inteligente do que a opinião emitida por um círculo de intelectuais sem valor, felizmente não tão poderosos quanto acreditam ser. (285)

Não é a perfeição ou a novidade das idéias que garantem a perenidade das poesias. Nem mesmo o mero peso da personalidade do artista. O que as faz perenes é o grau de maestria, de fidelidade e responsabilidade na luta com as dificuldades do labor artístico, na luta igualmente com as tentações do sucesso e da acomodação à moda efêmera. Quando o artista atingiu esta maestria, ele se basta sozinho, podendo fazer poemas imortais, independentemente do conteúdo conceituai do que diz, a tal ponto que, mesmo após longo tempo de olvido, esses poemas serão sempre "atuais" e provocarão o encantamento das novas gerações. (286)

Tudo o que parece desaparecer pode de novo reviver. Lemos e apreciamos hoje muitos poetas antigos, cujos nomes nossos pais mal conheciam e a quem até desdenhavam. E também esquecemos e desdenhamos hoje poetas que, uma geração atrás, eram elogiados nos clássicos catálogos de livros. A estima de uma nação, em matéria de arte e poesia, é semelhante à estima que nós mesmos fazemos de nossas vivências e lembranças. Nenhuma delas desaparece de todo e cada qual pode tornar-se de novo atual, muito embora o que momentaneamente

aflore na consciência dos leitores não passe de uma milionésima parte do verdadeiro tesouro. (287)

Esta é a diferença entre a arte e os fogos de artifício: da criação artística fica-nos sempre um resíduo que se mistura com as nossas vivências, experiências pessoais, lembranças da infância, primeiros sonhos, e este pode trazer novas cores à nossa vida, mesmo longo tempo após termos lido o poema e mesmo depois de termos esquecido o nome do livro e de seu autor. (288)

.

Não menos importante do que a opinião dos pensadores atuais sobre o mundo e o tempo são, para o presente, as reedições, os estudos críticos e as seleções da literatura antiga, feitas hoje em dia. A maneira como uma geração administra sua herança espiritual é um dos mais importantes sintomas da cultura. (289)

.

Do princípio segundo o qual a poesia existe para proporcionar ao povo uma serenidade saudável, uma paz alheia a qualquer conflito — deste princípio, repito, sem dúvida nenhuma não de compartilhar convosco o senhor Goebbels ou o General Franco! Pode-se discutir sobre que tipo de arte se deve praticar. Mas esta questão só pode interessar aos fabricantes da arte, não ao verdadeiro artista, pois este não está em condições de escolher o que tem de fazer. (290)

O leitor comum pensa que o autor vive na solidão e na ociosidade, ocupado apenas em escrever seus livros, onde expõe o seu íntimo, resguardado de todo contato com o mundo exterior, e nem faz idéia da situação sociológica e moral, ameaçada e insegura, do moderno escritor, face a uma "sociedade", que

mal existe hoje em dia, desde que a humanidade se transformou numa massa uniforme e sem rosto, ou então em milhões de indivíduos somente unidos entre si pelo medo e pela angústia. (291)

•

Quem cegamente se entrega e se sujeita a um autor, um mestre, uma doutrina; quem imita os heróis de um poema, em vez de dele se libertar, seguindo seu próprio caminho — tal pessoa, mesmo sem autor e sem livro, nunca se tornaria alguém com personalidade própria. E se as pessoas já se deixaram dominar pela vontade de se enquadrar ao nazismo, então é melhor que se entreguem à doutrina da não-violência, do que o contrário. (292)

•

Quem não tem nenhuma capacidade de entender o sentido da poesia também não perceberá, mesmo ao ler uma boa prosa, o alto valor e encanto da beleza da linguagem. (293)

Dentre todos os prazeres literários, o mais elevado e puro é a leitura de um poema. Somente a lírica pura é capaz de tal perfeição. Somente ela atinge a forma ideal da vida e do sentimento, que é o segredo da música. (294)

A língua alemã com suas grandes obras, desde os Nibelungos até Lutero, desde Goethe até hoje, esta língua rica, elástica e vigorosa, com seus mil torneios, malícias e irregularidades, com sua alta musicalidade, sua expressividade, seu humor, tornou-se para mim o máximo tesouro, a companheira de todas as horas, a delícia de minha vida. E se poemas e poetas de língua alemã se fazem famosos e são por todo o mundo celebrados, devem-no em maior parte ao próprio idioma. Nós, poetas, pertencemos sem dúvida ao número dos que con-

tribuem para a formação e enriquecimento da linguagem, mas o que ainda os maiores poetas lhe podem dar e acrescentar é infinitamente pouco, não é mesmo nada em comparação com o que a própria língua nos oferece e dá. (295)

Em curto ou longo tempo, extingue-se tudo quanto foi escrito. O mundo lê os livros, assiste ao seu desaparecimento, e disto se ri. É bom para nós termos lido alguns deles e aprendido seus ensinamentos. O sentido presente em todo livro, o sentido que ocultamente o habita, é sempre o mesmo. (296)

REALIDADE E IMAGINAÇÃO

Vive cada um de nós feliz e tranqüilo em seu cantinho, em seu universo de aparências, como se nenhum dique rompido, nenhum relâmpago medonho surgisse repentinamente sobre nossas cabeças, destruindo nossa realidade terrivelmente bela, ou terrivelmente melancólica, e nos fizesse mais pobres e nos fulminasse de morte. Este estado de encantamento, este relâmpago ou este despertar, esta vida agarrada à pura realidade, não dura muito. Traz a morte em si. Dura enquanto o homem a ela se apegar, até o momento em que o grande redemoinho o arrebate. Dura enquanto o homem pode suportar tal estado. E depois acaba, ou pela morte ou pelo retomo ao irreal, ao sonho, ao invisível. Nesta margem estreita dos conceitos, dos sistemas, dos dogmas, das alegorias, vivemos nove décimos de nossa vida. Assim vive o homem, este ser deveras pequenino, todo feliz, tranqüilo, em ordem, tendo talvez, envergonhada, escondida em suas casas, em seu andar, ou no andar de cima, ou no de baixo, ou mais além, uma consciência de seu passado, de sua origem, de seus pressentimentos, que são afinal os mesmos que tiveram seus antepassados; e tem ainda, por cima de sua cabeça, uma ordem, um Estado, uma lei, um Direito, um exército — até que, enfim, num segundo, tudo isto se destrói e desaparece. O chão e o teto viram fogo e cinzas; a Ordem e o Direito tornam-se ruína e caos; a paz e o bem-estar convertem-se em ameaças de morte; e todo aquele mundo de aparências, antigo, nobre e belo, faz-se em chamas e é consumido, e já nada lhe resta senão a realidade monstruosa e medonha. Podemos dizer que foi Deus, o Terrível, o Invisível, o Incompreensível e Tremendo. Mas aqui o simples nome nada explica, nem esclarece, nem conforta. O conhecimento e aceitação da realidade, sempre momentânea, pode vir através de um bombardeio na guerra, ou daquelas armas que, segundo afirmam certos ministros, temos de transformar em arados, devido ao seu tremendo poder de destruição. Para alguns basta uma doença, uma desgraça ocorrida com um dos parentes mais próximos, ou uma momentânea provação, o des-

pertar de um pesadelo, ou de uma noite insone, para que se veja diante do Inexorável. E então é posta em questão, por algum tempo, toda ordem, todo bem-estar, toda segurança, toda fé e toda ciência. (297)

Nos momentos em que nos colocamos face a face com a verdade, sempre nos falta a segurança de um boa consciência e da paz proveniente da fé inabalável em nós mesmos. No momento de vigília, pode talvez o homem matar-se a si mesmo, nunca porém aos outros. No momento de vigília, o homem sofre muito, pois acha-se aberto e precisa assumir a verdade e aprender a amar a verdade e aceitá-la como um elemento vital. E isto é muito importante, porque antes de tudo é o homem uma criatura e um adversário em face da verdade. E de fato nunca a verdade é tal como o homem a quereria e escolheria. A verdade é sempre inexorável. (298)

Ê tipicamente antropocêntrica a afirmação de que a natureza seja triste... Ela existe, está em volta de nós e sempre em ação. A ela pertencemos. E estamos sempre enganados, quando refletimos sobre "a natureza", sentindo-a como algo estranho e adverso. (299)

•

Estamos habituados a separar o mundo exterior do interior. Mas não é necessário fazê-lo. Nosso espírito pode ir além das fronteiras que lhe impomos, ir ao além. Além dos limites em que circunscrevemos nosso mundo, há muita coisa nova e diferente. (300)

•

Gostaria de encontrar uma expressão para a dualidade, Gostaria de escrever parágrafos e capítulos inteiros, onde aparecessem simultaneamente acordes e desacordes, onde à variedade se unisse a unidade, e à seriedade o humor. Pois exata-

mente aí é que para mim reside a vida: no flutuar entre dois pólos, no ir-e-vir por entre as duas colunas que suportam o mundo. Gostaria de sempre apontar a imensa variedade do mundo e de lembrar sempre que esta variedade repousa sobre a unidade. (301)

Magia é isto: trocar o exterior pelo interior, não de maneira forçada, não sofrendo, mas livremente, com prazer. Chama o passado, chama o futuro: ambos estão em ti mesmo! Tu te tornaste até hoje o escravo de teu íntimo. Aprende a ser o teu senhor. Isto é magia. (302)

Eis a lição de uma velha experiência: os problemas que nos agitam interiormente, encontramos-los também no mundo exterior. Quem em seu íntimo concebe o plano de construir uma casa ou sente a necessidade de romper com o seu casamento ou de fazer uma operação, encontrará nos outros os mesmos problemas, encontrará pessoas que freqüentemente se vêem nas mesmas dificuldades. Fiz a mesma experiência com as minhas leituras. Isto é, em épocas em que algum problema vital me angustiava, sem que eu procurasse, vieram parar em minhas mãos livros onde eles vinham minuciosamente tratados. (303)

Para explicar que o impossível é coisa simples e evidente, precisamos de metafísica demais. Não é o meu forte. (304)

Tudo o que nos é adverso cede imediatamente e é por nós superado, tão logo consigamos alijar o tempo de nosso pensamento. (305)

Nossa alma tem um encanto em si, digno de nosso apreço. Ela procura o todo e esforça-se por eliminar toda lacuna, toda falha. Toda imperfeição, ela procura compensá-la com alguma grande realização em outra área. As melodias mais suaves, mais íntimas, mais fagueiras, ela as desperta na pessoa mais sensível, mais fraca, mais infeliz, para exaltar a vida, para aplaudi-la, para louvar a Deus. (306)

O sentido, a essência das coisas não se encontra por detrás delas e, sim, nelas mesmas, e em tudo. (307)

A poesia do viajar reside na incorporação orgânica de tudo quanto encontramos de novo, em nossa compreensão da unidade na variedade, no reencontro de antigas verdades e leis em condições sempre novas. (308)

As crianças têm coração grande e, graças à magia da imaginação, conseguem irmanar dentro de suas almas coisas que, na cabeça dos adultos, vivem em violento conflito e se excluem umas às outras. (309)

.

A todo momento, preciso encontrar outro exemplar de minha espécie. Do contrário, cessaria toda revolução e toda guerra da fantasia contra a maldita "realidade". (310)

Os inteligentes e os laboriosos chamam de "fuga" os jogos da fantasia. Para eles a realidade, da qual "foge" o poeta e o artista, é de fato o melhor campo de pouso. (311)

O reino da liberdade é também o reino das ilusões. (312)

As tragédias não são nada indesejáveis: Elas não são desgraças e, sim, choques de mundos antagônicos. (313)

Lemos isto, lemos aquilo, e nos debatemos, por algum tempo, em meio ao mundo dos eternos problemas, que jamais serão resolvidos, mas só existem para serem vividos. No final, a vida nos atira sempre num lugar onde temos de provar o aparentemente impossível, temos de enfrentar a desesperança com novo ímpeto e novo ardor. E neste velho e desesperado jogo encontra sempre o filósofo um conforto: tudo o que é temporal é também superável; o tempo é uma ilusão; os objetos, os ideais, as épocas da vida não passam, como ensinam nas escolas, nem estão mutuamente interligados; têm, ao contrário, uma existência eterna e extratemporal; e portanto o reino de Deus ou qualquer outro ideal humano aparentemente situado bem distante pode, a cada momento, tomar-se vivência e realidade. (314)

.

Apesar de toda a erudição dos homens, na verdade poucos sabem e sentem que o homem e a humanidade não são algo presente, realizado, concluído; e sim, ideais, projeções, ídolos, desafios. (315)

ARTE E ARTISTAS

A arte pertence às funções da humanidade empenhada em que se preserve para o futuro o humano e o verdadeiro, de modo que a humanidade e o mundo não se dissolvam no ódio e nos partidos, em outros tantos Hitlers e Stalins. O artista ama os homens, sofre com eles, conhece-os não raro mais profundamente do que jamais os conheceram quaisquer políticos ou economistas. Mas não se sobrepõe a eles como um deus nem como um redator de jornal, metido a saber como devem ser as coisas. (316)

.

Uma obra de arte, ainda a mais pequenina, um *crayon* de apenas seis traços, um poemeto de quatro linhas, ambiciona exprimir simplesmente o impossível, aspira à totalidade, pretende criar o mundo dentro de uma casca de noz. (317)

O segredo de toda verdadeira arte está talvez lá onde a razão e a magia se tornam uma só coisa. (318)

Permanente é só o símbolo; jamais o retrato. (319)

Válido é na arte o atemporal, não o que se mede pelo tempo. (320)

.

A personagem de um romance, que após trinta anos sai da moda, é apenas algo interessante, não chega a ser um símbolo. As figuras de consistência temporal desaparecem. Permanecem os símbolos, nos quais o tempo é apenas a veste do eterno. O Conde de Monte Cristo morreu, porém Ulisses vive. Vivem também Dom Quixote, Wilhelm Meister, Hamlet. Vivem ainda hoje Quintus Fixlein, Siebenkäs e "der grüne Heinrich",

o pequeno e velhaco personagem de Eiehendorff, bem como o grande Wallenstein, de Schiller. Eles não são propriamente representantes de seu tempo. São simplesmente criaturas humanas. O destino que os marcou está presente em todas as épocas e sempre se repete. (321)

•

Em toda a história da humanidade, nada há mais interessante nem de maior importância do que o processo de sublimação. Que, de acordo com as circunstâncias, é o homem capaz de colocar seus instintos a serviço de objetivos supra-egoísticos, espirituais, religiosos e culturais; que nos possamos entregar à direção do espírito; que existam santos e mártires; tudo isto é o que há de bom e positivo na história do mundo, é esta a única coisa que nos resta da História. Que a sublimação não é uma palavra vazia de sentido, mas antes algo que, como possibilidade, ideal, exigência, existe, atua e é digno de todo o nosso respeito — eis o que nos diz, desde tempos imemoriais, cada mito, cada saga, cada lenda, cada história. (322)

Entre as contradições desta vida, em que o aspecto trágico é muitas vezes sobrepujado pelo cômico, está a seguinte: nós, artistas, numa das metades de nossa alma, por nada nos apaixonamos tanto e tanto nos encantamos, quanto pelo momento efêmero, pelo que passa, pelo contrastante jogo dos gestos da vida; e na outra metade trazemos e temos de cultivar esta profunda nostalgia da permanência, do estático, do eterno, esta nostalgia que sempre nos força a tentar o impossível, a espiritualização e a eternização do que passa, a cristalização do que flui, do que se muda, a fixação para sempre do momento presente. (323)

•

Não acreditamos em nenhum dos ideais desta época, nem no ideal dos ditadores nem no ideal dos bolchevistas, nem no

dos professores nem no dos fabricantes. Mas cremos que o homem é um ser imortal, que sua imagem pode purificar-se de toda desfiguração e libertar-se de todo inferno. Acreditamos na alma cujos direitos e ânsias, por mais que sejam sufocados, não morrem jamais. Não tentamos dar explicações a *nosso* tempo, nem melhorá-lo, nem instruí-lo. O que pretendemos é abrir-lhe o mundo das imagens, o mundo da alma, o mundo da vida, desvendando-lhe nossa própria dor e nossos sonhos. Esses sonhos serão talvez pesadelos, essas imagens serão talvez horríveis e medonhas — não devemos embelezá-las, não devemos

mentir. (324)

•

O que de bom temos a mostrar na arte e na poesia, não resulta de uma passiva acomodação nem de algum instinto bom: irrompe de nosso caráter e compulsão interior, a maioria das vezes em luta com o dia-a-dia e suas exigências niveladoras.

(325)

•

Toda cultura nasce da introversão. (326)

Na arte, ao contrário do que ocorre na indústria, o tempo não tem nenhum papel a desempenhar. Na arte não existe nenhum tempo perdido, ainda que só ao final de longo esforço se alcance o máximo em intensidade e perfeição. (327)

As verdadeiras produções novas no campo da cultura têm sempre por base o recurso a processos de ontem e a reatualização de valores passados e antigos. (328)

Sempre que a vida, por um instante, se nos afigura perfeita, tem ela sempre aspectos opostos. Uma boa música, uma

hora é alegre como o riso das crianças, outra hora se reveste da mais profunda tristeza. Assim é a beleza sempre e por toda parte: um instante de arrebatamento, em lampejos que logo empalidecem, mareados pelo sopro da morte inexorável. (329)

.

Em última análise, toda arte, e especialmente a poesia, tem de justificar sua existência pelo fato de não apenas nos proporcionar prazer, mas agir também diretamente em nossa vida, como conforto, como ensinamento, como advertência, como ajuda e apoio, seja para suportarmos a vida em si mesma, seja para vencermos suas dificuldades. (330)

Em relação à arte, sei eu que toda poesia autêntica, todo quadro verdadeiro, todo compasso de uma boa música nascem necessariamente da vida e da dor e têm de ser pagos em sangue, tanto hoje eo no outrora. Nada no mundo mudou, fora do que já estava de algum modo alterado: a opinião pública e a moral Em compensação, o trabalhador sério pode perfeitamente preservar-se para a felicidade: custa um pouco de renúncia e ascese, mas vale bem a pena fazê-lo. (331)

Por toda parte, são os homens sempre os mesmos, e limitado é o número dos materiais, das realizações e constelações tipicamente diferentes. (332)

Na verdade, a mais importante função de toda arte hoje em dia consiste em não permitir fique inteiramente sem alma nossa vida de trabalhos, em imprimir a seu gigantesco mecanismo a medida e os valores do que é humano e orgânico. (333)

Na arte, como na vontade de cada um, não se dá o acaso. O que existe é sempre a necessidade. A mudança do refinamento para a moderação, a transformação de Thomas Mann em Heinrich Mann, a conversão de Renoir ao Expressionismo, é uma busca de novas regiões de nossa alma, é a descoberta de novas fontes e abismos de nosso inconsciente. Reaponta sempre e inevitavelmente um pouco da perdida juventude, um pouco de atavismo, e muitas tradições belas, dignas e nobres, vão de águas abaixo. Mas não adianta querer impedir este sepultamento das tradições, e menos ainda adianta pretender destruir o que de novo surge, recorrendo ao escárnio ou à ignorância. Tampouco se elimina assim a guerra, tampouco se evita assim a revolução. Podem os filisteus fechar-lhe suas portas e seus olhos ou encher os ouvidos de algodão — a verdade é que o velho mundo mergulhou na ruína. (334)

Todo homem genial, refinado, temo, temperamental e inquieto, como são os artistas, revela a tendência da humanidade em busca de novas possibilidades. E quanto mais o artista sabe disto e o exprime em suas obras, tanto mais acentuada é sua influência, muito embora talvez não no momento presente. (335)

Os poemas realmente repletos da magia e do mito não lembram o que lemos, e sim o que sonhamos. Ê este o plano em que se tocam o hoje e o que ocorreu séculos atrás. Em nossos sonhos, reencontramos o mundo das associações e dos símbolos, todo carente de lógica. Foi deste mundo que surgiram, um dia, as sagas e as lendas dos povos. (336)

As artes não servem à idéia; servem à vida. São funções como o dormir e o sonhar. Não são guias éticos do homem.

como o são as religiões, com seu mister de despertar as consciências. As artes servem a exigências biológicas, bem diversas portanto. (337)

Nossa época fala e discute mais sobre arte do que qualquer época anterior. Entretanto, não tem da arte um conhecimento maior nem mais puro do que as gerações antigas. Ao contrário. E a prova disto é, entre outras, sua ridícula incapacidade de entender a multivariada existente na arte. Não sabemos fruir de cada uma em particular. Não constatamos, agradecidos, o que há de oposição e complementariedade na vida artística de todos os tempos. Em vez disto, criamos modismos e clichês, e, por comodismo e estreiteza de coração, desdenhamos tudo quanto não se enquadre nos clichês em voga no momento. (338)

•

Na medida em que a cultura é apenas cultura de massa e mero modismo, não é difícil fazer-lhe o prognóstico. Porém na medida em que é criação e tem alma, só se verifica numa pequena minoria e só se entrosará num sistema de causas, quando os pósteros sobre ela se debruçarem. (339)

Nossos contemporâneos reagem contra a presença da inteligência e da vontade na arte de maneira mais pronta e segura do que contra a própria criação artística que outra coisa não seja senão a íntima comunhão do artista com a natureza. Quem consegue ser assim, quem habita no próprio seio materno da natureza, que se sente à vontade junto à fonte, pode sem dúvida ficar desconhecido por longo tempo; podem até molestá-lo ou incomodá-lo, mas ninguém o consegue prejudicar. (340)

Sem a participação da inteligência, da crítica, da auto-crítica, toda arte logo desaparece. Diversamente pensa o dile-tante: "Palavras escolhidas, versificação, nada disso interessa; só interessa a presença do coração." Porém, na verdade, isto não basta. (341)

•

"Poder" sozinho não insufla amor nenhum. Mas o senti-mento forte, vindo do sonho mais íntimo, embora talvez ex-pres3o de maneira desajeitada, este, sim, inspira confiança e amor. Os poetas de grande virtuosidade, não obstante o êxito de suas edições, passam depressa. Mas o poeta "bissextó", com suas edições poucas e empolgantes, tem em torno de si um círculo de leitores certos, profundamente agradecidos. (342)

Podem as "neuroses" ser doenças, e de fato na maioria dos casos o são. Mas a atual "neurose dos poetas" pode bem, afinal, ser um índice de saúde, isto é, representar a única e possível reação das naturezas bem-dotadas face a um mundo sem alma, só fascinado pelos números e pelo dinheiro. (343)

Hoje em dia, artistas e intelectuais, somos todos neuras-tênicos. Em rigor, não temos propriamente "nervos fracos", mas normais, pois os nervos existem para conduzir as sensa-ções, e nós, os artistas, com nossos nervos à flor da pele, não nos consideramos doentes. Consideramos, sim, degenerados o moderno homem de negócios, o técnico, o campeão de desportos, que se dão tão bem dentro da cidade moderna com sua barulheira, sua monotonia, sua balbúrdia de feira perma-nente. (344)

•

Creio que, num mundo como o nosso, não é conveniente praticarmos a humildade franciscana, se quisermos que pas-

sem a apreciar a inteligência e o bom gosto aqueles que por eles não têm o menor apreço. Devemos, antes, fazer o contrário e dar-nos um pouco mais de projeção, a fim de que o burguês passe a ter mais respeito pela inteligência e pelo bom gosto. (345)

Mundo fatal é este, em que mal podem existir nossas inocentes obras e em que milhões de pessoas vêem suas vidas destruídas pelas loucuras do átomo. Mas, caso o mundo venha algum dia a se salvar, nossas criações artísticas haverão de sobreviver aos mestres da ciência atômica. (346)

Se nosso povo tem a inextinguível tendência a, em vez dos autênticos poetas, ler de preferência o lixo e desprezar e deixar sem alimento sua inteligência, encontro pelo menos um consolo: este mesmo povo, cem anos depois de já morto o desprezado autor, não medirá sacrifícios nem esforços por tentar ressuscitá-lo, precisamente porque então o aplaudido, o honrado, não é mais o incômodo poeta, e sim um letrado, um funcionário, um conselheiro... (347)

Quando nós, artistas ou filósofos, dizemos algo, implicitamente admitimos que nossos ouvintes são de todo iguais a nós, que eles são o que chamo pessoas humanas, embora o mundo os chame de "gênios". Não será talvez bom dizer abertamente que a maioria dos homens não são homens e a maioria dos artistas não são artistas. Por isso falei antes sobre o "poder" na arte, dispensando-me de dizer o resto, isto é, que por detrás da arte está o verdadeiro homem. (348)

O profeta é um enfermo que perdeu o instinto saudável, bom e benéfico, da auto-estima, síntese de todas as virtudes burguesas. (349)

•

O gênio vem ao mundo em meio a uma vida para a qual deverá servir de farol e guia, muito embora deva acabar morrendo asfixiado por seus contemporâneos. (350)

Muitas vezes vemos grandes homens, pessoas bem-dotadas, perderem em resistência para outros bem pequenos. É comum serem então chamados de psicopatas. Entre outras coisas, são de fato também isto. Porém são igualmente heróis, nobres e farriscadas tentativas de realização da humanidade, de sua ânsia para se enobrecer mais. Seu destino se cumpre na atmosfera da tragédia e do heroísmo, mesmo quando tal herói não acabe de maneira violenta. (351)

O "herói" não é o burguês bom, obediente e cumpridor de seus deveres. Só pode ser herói quem obedece a seu caráter próprio e obstinadamente segue seu próprio destino. "Destino e caráter são nomes de um mesmo conceito" — disse Novalis, Porém somente o herói tem a coragem de arrostar o próprio destino. (352)

•

Somos com frequência inclinados a atribuir um esquema aos homens de talento do passado, aos chamados gênios. E tranqüilizamo-nos dizendo que os homens verdadeiramente extraordinários e bem-dotados sempre souberam achar o seu caminho até atingirem um lugar proeminente. Porém, pensar assim é deixar de encarar de frente a realidade. Muitos dos gênios, apesar de seus méritos, jamais conseguiram chegar aonde seus talentos e sua vocação os chamavam. Ao contrário.

em todos os tempos, inúmeros dos homens bem-dotados simplesmente não marcharam, ou só muito tarde conseguiram marchar por seu verdadeiro caminho. Nada tem a ver com isto o fato de muitos, no início, não suportarem uma vida penosa e infeliz, mas, ao final, se deixarem guiar pelo "amor fati" e assim se enobrecerem. (353)

Para o radical é sempre mais fácil vencer o artista do que o professor. (354)

A mística e a arte são antípodas,[^]são antagonismos e contradições diretas. (355)

•

O artista paga com suas obras sua eventual falta de relacionamento social. O artista faz infinitamente mais sacrifícios por sua obra do que estaria disposto a fazer o pequeno burguês, preocupado sempre em tirar proveito de tudo. (356)

A ambição do artista é apenas que não ponham barreiras à sua loucura. Só a sua obra lhe interessa. (357)

Tende sempre o artista a consumir-se na exteriorização de si mesmo. Toda a sua missão, toda a sua obra, ele a transforma na confissão de seu íntimo, e assim está sempre a vagar a esmo, dentro do círculo mágico de suas próprias vivências pessoais. Pois, na verdade, é o artista um ser humano que precisa levar ao extremo o sentido de sua obra, pois para ele toda a sua existência, toda a sua autojustificação, desloca-se da vida para a obra em si. (358)

Não é dever do artista exprimir a visão que outros tenham do mundo, e sim dar expressão, da maneira mais vigorosa e convincente possível, a seu próprio e incomunicável modo de ver a vida e vivenciá-la. Podemos ser otimistas ou pessimistas — somente quando nosso pensamento adquire sua expressão mais forte e desinibida é que assume alguma importância para os outros. E assim observamos que, não raro, poemas ou outras obras de arte de teor pessimista nos fazem felizes e conciliam nosso apreço. (359)

Cada artista, mesmo quando duvida de si mesmo e tem em pouco apreço seu talento e sua capacidade, possui também seu caráter próprio e sua missão e, se é fiel a si mesmo, produz sempre algo que só ele nos pode dar... Se, em Tessin, começas a pintar um quadro a meu lado, e ambos escolhemos o mesmo motivo, ocorrerá talvez que cada um de nós pintará não a mesma paisagem, e sim o amor que cada um devota à natureza. E assim, partindo do mesmo motivo, cada um fará algo diferente, pessoal, incomunicável. E mesmo que outra coisa não tenhamos a exprimir senão nossa tristeza íntima e nosso sentimento de limitação, também isto tem o seu valor. Até o mais triste e desesperado poema de Lenau tem, ao lado do desespero, sua dose de alegria. E quantos pintores, mesmo considerados ingênuos ou bárbaros em sua arte, mais tarde comprovaram ser verdadeiros lutadores, cujas obras serão para os pósteros uma fonte de consolo e, no íntimo, serão mais apreciadas do que as grandes criações dos clássicos. (360)

Pelo menos isto resta ao artista: abismando-se na magia da beleza, encontra ele sempre um verdadeiro impulso para o âmago do mundo, cujo sentido apreende. (361)

O melhor critério para se conhecer a classe de um artista é o grau de poesia e de vigor que exibem seus quadros e suas visões. (362)

Ê bom que nós, artistas, por nossa natureza e função, estejamos sempre aplicados à nossa oficina de trabalho e aos nossos instrumentos. Para um artista nenhum sentido tem lutar por algo que não seja o aperfeiçoamento de sua obra, evitando assim a rotina em favor do trabalho consciente e esclarecido. Naturalmente, pode por vezes o artista ser também um apóstolo, um lutador, um pregador. Mas o resultado de seus esforços não dependerá do ardor de seu zelo nem do acerto de seu testemunho, e, sim, sempre e exclusivamente da qualidade de suas criações artísticas. (363)

.

O que o artista quer para si não é o louvor, mas a compreensão para o que se empenhou em realizar, seja qual for o grau de perfeição por ele atingido. (364)

Como todo artista, estou habituado a encontrar apoio e compreensão por parte de meus leitores, cujas idéias e vida se assemelham às minhas. Mas esta consonância não é o mais importante. Muito mais nos comovemos, quando um admirador de outro tipo, de outro temperamento, nos compreende e valoriza. (365)

Ora o mundo nos abandona e nos deixa na miséria, ora nos cobre e asfixia com seus presentes materiais, louvores, medalhas de ouro. Num caso e noutro, há um grande mal-entendido. Uma vez que o mundo é o que dura e permanece, nós, porém, somos passageiros, cumpre-nos renunciar a toda

guerra e disputa, e aceitar as ofertas do mundo como se as desejássemos, como se valessem alguma coisa. (366)

Pela teia que tecemos paga-nos, sem dúvida, o mundo e até de maneira exagerada, mas paga-nos não com vida, alma, felicidade, bens reais, e sim com aquilo que ele está em condições de nos oferecer: dinheiro, honrarias, colocação de nosso nome na lista das grandes personalidades. Sim, as respostas do mundo ao trabalho do artista são as mais incríveis. Por exemplo: trabalha o artista por determinado povo, que é seu campo de interesse e seu mercado natural, mas este mesmo povo desdenha a obra a ele dedicada, e nega ao artista não só o reconhecimento, mas até o pão de que precisa para viver. De repente, outro povo, a ele estranho, dele se lembra e dá ao artista injustiçado o que este merece: apoio e sustento. Na mesma hora, aquele povo a quem a obra artística fora dedicada enche-se de entusiasmo e alegria, corre em busca do artista e sente-se profundamente honrado por um patricio seu se ver alçado a tão grandes alturas. E este ainda não é o fenômeno mais admirável que ocorre entre o artista e o povo. (367)

Da parte de quem recebe, os prêmios e as honrarias não são nem um prazer e uma festa, nem mesmo algo por ele merecido. São uma pequena parcela deste fenômeno complexo e cheio de equívocos chamado celebridade e como tal devem ser aceitos, isto é, como um esforço do mundo oficial em se defender contra o valor não-oficial do artista. De ambas as partes há aqui um gesto simbólico, um ato de respeito e polidez. (368)

A celebridade é como uma avalanche: mais violentamente lhe sente o peso aquele sobre cuja cabeça ela cai. (369)

Há pessoas que vivem de incensar; outras, de demolir monumentos. A nenhum destes dois tipos de crianças que querem ser gente grande devemos levar a sério. (370)

Da maneira mais estranha, acham as pessoas que têm direitos sobre quem adquiriu fama, seja como menino prodígio, ou compositor, ou poeta, ou mesmo assaltante e assassino. Um quer o seu retrato; outro, seu autógrafa; um terceiro pede-lhe dinheiro; e se um jovem colega lhe manda um trabalho para que o veja, cobre-o de elogios e pede sua opinião, e o destinatário ou não responde ou diz francamente o que pensa, logo o ex-admirador se enfurece, e parte para a grosseria e a vingança. (371)

•

É da essência da arte exprimir a realidade e desvendar o sentido secreto da natureza para cuja descoberta ou revelação sente o homem a mais primitiva necessidade. (372)

Onde encontramos algo como a música, aí devemos deternos. Nada na vida é tão digno de ser desejado quanto o sentido da música, o sentido da vida oscilante e rítmica, o harmônico direito à existência. (373)

O maestro mais genial toma-se desprezível tão logo se atribua excessiva importância. (374)

Todos os clássicos acham-se numa extremidade; são herança e legado; e uma flor como Mozart traz consigo sempre, ao lado de suas gratificantes irradiações, o entristecedor pressentimento de que, em seu caule tão sublime, não se renova, mas

antes se esgota e consome uma antiga, lenta e nobre vergôntea. (375)

•

Tudo o que vive não é um *ser*, é um *dever*. Assim, o que chamais "cultura" não é algo acabado, concluído, que possamos aceitar e cultivar ou então rejeitar e destruir. Ao contrário. De nossa cultura ficarão sempre mais coisas vivas e atuantes do que as futuras gerações possam aproveitar e reavivar ainda mais. (376)

•

Cada poema, cada quadro, seja jocoso ou sério, não é, antes de tudo, uma coisa pública. É uma função vital do mister de poetar, é uma fonte que jorra, é um pulso que bate. Podemos, é verdade, sacrificar esta função, mas só devemos fazê-lo quando for necessário. (377)

•

Amar o mundo e a vida, amá-los mesmo no sofrimento, ser grato a cada raio de sol e, mesmo na dor, não deixar de sorrir — este ensinamento de toda poesia autêntica não envelhece jamais e é, hoje em dia, mais necessário e precioso do que nunca. (378)

•

Não faltam autores cujo desespero ante o nosso tempo e cuja angústia frente ao caos são autênticos. Faltam, porém, aqueles cuja fé e amor conseguem fazê-los pairar sobre o caos. (379)

•

Por mais bela e nobre seja a ordem — temos de sentir, junto dela, a noite e o caos, para nos deixarmos arrebatarmos inteiramente pela poesia. (380)

•

Uma poesia não é apenas idéia. Tanto mais poesia será quanto mais, por intermédio da alquimia artística, converter seu conteúdo em forma, em linhas, em melodia. (381)

Não é importante nem necessário reformular um pensamento mil e uma vezes. O importante é identificar-nos de tal maneira com o gênio da língua que o conteúdo do que escrevemos se torne secundário. (382)

Seja-nos permitido recordar que, em seus grandes poetas, não tem um povo apenas motivo de grande deleite e passatempo, por nos concederem algumas horas de agradável leitura; mas, sim, algo essencialmente diverso, isto é, precursores, órgãos do mais alto poder de percepção, gente que preliba e nos revela uma parcela de nosso futuro, de nossas possibilidades de progresso. Em seus poetas e pensadores, que não apenas o bajularam, mas lhe foram corajosamente sinceros, encontra um povo seus verdadeiros e exigentes modelos. Tais modelos não lhes apresentam apenas uma lista rotineira de deveres a cumprir nem de fórmulas a imitar. Eles lhe mostram e ensinam justamente o contrário: o caminho da solidão e da verdadeira consciência pessoal. (383)

Nossa época não é pior nem melhor do que as outras. É um céu para os que comungam com seus ideais e objetivos. É um inferno para quem a ela se opõe. Uma vez que o poeta verdadeiramente fiel à sua origem e vocação não pode aliar-se ou ceder nem ao mundo louco, em que predominam as indústrias e organizações, nem ao mundo da cultura racional que impera em nossas universidades, sendo, antes, sua única tarefa e missão ser o dedicado escravo, o cavalheiro, o advogado da alma — daí resulta ter ele de compartilhar, no mundo de agora, da solidão e do sofrimento, o que, aliás, não é da conta de ninguém... Assim vemos a maioria dos poetas de hoje (cujo número é, aliás, bastante pequeno) acomodar-se ao tempo e aos seus modismos. E é juntamente a estes poetas que se

atribuem grandes êxitos superficiais. Os outros preferem calar-se e sucumbem no espaço irrespirável deste inferno. (384)

O ofício de poeta é tão sagrado quanto cheio de renúncias e não permite um desvio do trágico para o social. (385)

O espírito romântico não é de modo algum mero ensinamento de nossa história. É, sim, algo extremamente atual, pois no romantismo encontramos a última e grande arrancada da alma alemã antes do advento do materialismo superficial e nivelador. (386)

Não vive o poeta de sussurrar coisas bonitas aos ouvidos do leitor. Vive de, graças à magia da palavra, revelar e explicar a ai mesmo seu próprio ser e suas vivências, sejam belas ou feias, boas ou más. (387)

Em meio ao que chamam de cultura e literatura atual, o homem decente dificilmente pode desempenhar outro papel que não o de um Dom Quixote, nobre, porém ridicularizado por todos, ou então de um arlequim, ou de um amargo humorista. (388)

Em seu relacionamento espiritual com a vida e no cumprimento de seu dever e missão, é difícil ao poeta seguir ou imitar uma norma certa ou um modelo. Sua obrigação é apenas ser fiel à sua própria natureza e, da maneira mais pura e intensa possível, dar expresso ao que lhe vai na alma. (389)

Onde quer que, no passado, encontramos traços de uma cultura verdadeira, de uma vida plena e bela, de uma espiritualidade, de um autêntico sentimento, logo percebem nossos olhos claramente que a sublimidade da vida não pode ser alcançada por meio de canhões ou navios mercantes, mas repousa no segredo de nossas almas. E para quem consegue penetrar a superfície, a vida sublime está misteriosamente "dentro de nós" como reino de Deus, entendendo eu por esta expressão a bem-aventurança de que nos falam o Novo Testamento, Lao-Tsé, Hafiz e Goethe. (390)

•

A poesia não é uma cópia da vida. Ê, antes, uma condensação, uma sinopse, uma síntese do casual, convertida em algo típico e válido. (391)

Não é o bom instinto, não é a vontade eticamente orientada que faz o poeta. Pode alguém ser um santo, na fé e entretanto um desastre em poesia. (392)

Pouco importa que, num poema, expresse o poeta sua esperança ou seu desespero. Importa apenas que consiga realmente exprimir e dizer o que constitui o conteúdo de sua poesia. Na Alemanha de hoje, ninguém crê que, seja a confissão franca, seja a expressão do desespero em linguagem artística, tragam em si algo inteiramente positivo, (393)

Todo lirismo é um reflexo do mundo na alma solitária, é uma resposta desta ao mundo. Ê queixume, é protesto, é jogo de uma solidão plenamente consciente. (394)

Quando a letra de um poema precisa ser musicada para a apreciarmos, bem pequeno é seu valor; pode, porém, servir de ensejo a um músico talentoso para daí criar uma bela peça. Disto temos centenas de exemplos. E quando uma poesia tem valor em si, encontrará sempre seus leitores, e a intervenção do compositor não consegue prejudicá-la. Bm síntese: quanto mais individual e diferenciada é uma poesia, tanto mais criará dificuldades para o compositor de sua música. E quanto mais simples, comum e rotineira ela for, tanto mais fácil será adaptá-la à música. (395)

A língua não é para o poeta nem função nem mero meio de expressão. Ê, antes, uma substância sagrada, tal como o são os tons para o músico. Por isso caem freqüentemente no olvido os escritores que usam a linguagem apenas como um instrumento de ensino e propaganda e para exporem as idéias de sua época ao aplauso geral de seus contemporâneos. (396)

Por mais que a poesia queira restringir-se a ser apenas o meio de expressão das opiniões dominantes numa época, não o conseguirá. Ela só vive e atua quando é poesia autêntica, isto é, quando cria símbolos. (397)

Coisa maravilhosa é a tradição. Ela é um mistério, quase um sacramento. Acolhemos uma tradição, ligamo-la a certos nomes, orientações, programas, seguimo-la por algum tempo. E, após anos, ou mesmo decênios, verificamos que, por detrás desses mesmos nomes e orientações, talvez por tanto tempo abandonados, existe sempre um segredo, um patrimônio sem nome, que não remonta apenas ao romantismo ou a Goethe, ou à Idade Média, ou à Antigüidade, mas até às mais remotas mitologias e crenças. Isto nos permite compreender as grandes

contradições dos homens e dos programas. Só não nos permite uma coisa: pretender que ser moderno é necessariamente liquidar com a tradição. (398)

.

Muitos poetas alemães e suíços, bem como muitos diletantes, apresentam isto de curioso: agem como se a poesia nos fosse natural como comer e digerir, enfim algo instintivo que se realize sem intervenção da razão e da vontade. Esta atitude não é apenas tola e falsa. Ela tem repercussões funestas em nossa literatura que — sabe-o Deus — não é nada rica. (399)

Uma caricatura tem de ser genial. Se for má, não tem justificativa. (400)

.

Entre outros, temos nós, poetas, o dever de exprimir os sofrimentos dos homens de nosso tempo. E só o conseguimos quando a dor não nos é conhecida somente por ouvirmos dizer, mas por nossa própria participação nela. Seja sob forma patética ou sentimental, acusadora, queixosa ou humorística, exprimir a dor é uma necessidade e deve, de alguma maneira, ajudar um pouco a humanidade em sua lenta marcha para a perfeição. A imensa dor da hora presente imprime-nos certa solidariedade que une num só todo os povos, as almas, os próprios sofrimentos. O que nos é insuportável precisa adquirir voz, para assim talvez poder ser superado. (401)

Quando o poeta constrói suas palavrinhas e as ordena e as seleciona, em meio a um mundo que amanhã estará talvez destruído, imita de perto o comportamento das anêmonas e das primulas e de outras flores que estão a desabrochar hoje em todos os prado³. Em meio a um mundo que talvez amanhã será sufocado pelo gás mortífero, pacientemente vão elas for-

mando suas pétalas e cálices, com cinco ou quatro ou sete florículas, ora lisas, ora franjadas, tudo isto com o maior jeito e o máximo sentido de beleza. (402)

A arte e a poesia desejam e devem despertar a vida e ajudar a viver. E quando esta meta é alcançada, há do leitor para o poeta um retomo de vida e vigor. (403)

O respeito à poesia e conseqüentemente certo respeito também para com o poeta são elementos necessários a uma vida elevada, embora hoje somente poucos o saibam e pratiquem. Mas o reino do espírito e do belo formam um todo. É quase impossível ao poeta exprimir uma idéia inteiramente nova. Ele cria suas idéias, tirando-as do tesouro de milênios passados, não só de maneira consciente e proposital, mas até mesmo inconscientemente. (404)

Quando alguém publica alguma coisa e assim se torna célebre, a relação entre o poeta e o mundo se baseia quase só em mal-entendidos. (405)

A ciência não é comércio nem jogo (Nisto estão de acordo Kant, Hegel e todos os filósofos; todos eles se recusam a transportar para a vida as conclusões de sua filosofia). A literatura é entretenimento, jogo, charlatanice, toda ela não passa de uma feira de negócios e vaidade... Falta-lhe sempre a base da moral e da santidade, falta-lhe todo empenho sério pelos valores suprapessoais. Cada qual aí trabalha, luta, pensa e poHtiza-se para si próprio, para sua pessoa, sua fama, seu partido. Em vez disto, o trabalho, o empenho cultural, a ascensão de todos deveriam unir-se e formar uma corrente que só

pertencesse à humanidade e onde ficassem anônimos os acertos ou erros de cada um. (406)

*

Os cientistas, preocupados em fazer novos odres, sempre perderam o vinho antigo, enquanto os artistas — persistindo ingenuamente em muitos erros externos — se tomaram para muitos fonte de conforto e de alegria. É a velha e desigual luta entre a crítica e a criação, entre a ciência e a arte: aquela tem sempre razão, sem que ninguém lucre com isto; esta, porém, semeia sempre a semente da fé, do amor, da esperança, da beleza e da eternidade e para esta semente encontra sempre o terreno bom. Pois a vida é mais forte do que a morte, e a fé é mais poderosa do que a dúvida. (407)

Quem, como poeta, procura expressar seu relacionamento com o mundo variado e múltiplo encontra caminhos muito melhores e mais adequados do que quem o tenta fazer por vias puramente intelectuais. (408)

Muitas vezes me perguntei por que não raro se escreve sobre a poesia tanta coisa estranha, inaceitável e errônea. Tem isto acontecido porque a crítica quase nunca entende o verdadeiro conteúdo dos poemas. Toda poesia digna deste nome não trata de outra coisa senão da alma, da intempórea vibração da alma face ao que ocorre no tempo. A crítica, porém, quase sempre pretende que a poesia deve ensinar, deve apresentar-nos modelos de como bem vivermos, esboços de caracteres, de profissões, de ambiente, etc. Ora, tudo isto é acidental e muitas vezes fortuito. Não existe para o verdadeiro poeta uma "escolha de assunto". Entretanto, estão sempre a criticá-lo, esquecidos de que nunca se pergunta a um tenor por que, em -vez de tenor, não é ele um "baixo". (409)

Se eu pudesse escolher entre a prosaica e fria pesquisa filológica e um ensaio entusiasmante e cheio de calor humano, preferiria a primeira. Toda ciência é ótima, se permanece em seu campo próprio e não vai buscar empréstimos nas províncias vizinhas. (410)

•

Geralmente o que um poeta escreve por si mesmo, sem atender a apelos externos, é melhor do que o que ele faz para atingir determinado objetivo. (411)

Os redatores são sempre adversários nossos, mesmo que não o percebam. Pouco lhes interessa o que escrevemos. Prefeririam que escrevêssemos exatamente o que eles nos sugerissem. (412)

•

Para alguém viver do ofício de escrever, precisaria ou ter um êxito extraordinário ou ir ser jornalista ou escrivão. (413)

Ganhar o pão escrevendo é mais difícil do que qualquer outra coisa. E faz-nos perder o talento, se o temos. (414)

FELICIDADE

A felicidade é "como", não é "o quê". É um talento, não um objeto. (415)

•

Só há felicidade quando não pensamos no amanhã e abraçamos, agradecidos, o que o hoje tem a nos oferecer. A hora mágica volta sempre. (416)

•

Sermos capazes de nos liquidar por um momento, sermos capazes de nos sacrificar, anos a fio, pelo sorriso de uma mulher — isto é felicidade. (417)

•

A felicidade nada tem a ver com a razão nem com a moral. É algo mágico por sua própria natureza. É a presença, agora, de um momento antigo da humanidade ainda jovem. O ingênuo feliz, o abençoado das fadas, o privilegiado dos deuses, não tem explicação racional. Ele é um símbolo. Está além das fronteiras da personalidade e da História. Entretanto, há homens eminentes, a que não é estranha a "felicidade". Talvez consista esta, então, no fato de sua missão histórica ter-se ajustado rigorosamente à sua trajetória biográfica, ou vice-versa, ou de eles não terem nascido nem cedo demais, nem tarde demais. (418)

•

O homem é um ser ansioso pela felicidade e, entretanto, não a suporta por muito tempo. (419)

A infelicidade faz-se felicidade, desde que a aproveitamos. (420)

Quanto menos confio em nosso tempo; quanto mais digo que vejo a humanidade estiolar-se e perder-se; tanto menos proponho revoltar-me contra sua ruína e tanto mais acredito na magia do amor. (421)

.

Segundo a mentalidade indiana, isto é, segundo os Upanishads e toda a filosofia pré-budista, meu próximo não é apenas "uma pessoa como eu". Ele é eu mesmo, é um só comigo, pois a separação entre mim e ele, entre "*Eu e Tu*" é mera ilusão, é "Maya". Esta explicação esgota por completo o sentido ético do amor ao próximo. De fato, quem percebe que o mundo forma uma só unidade percebe também nitidamente que se ofenderem mutuamente as partes e os membros deste todo é um absurdo. (422)

.

A nada pode o homem amar como a si próprio. A nada pode temer como a si mesmo. Assim surgiu, juntamente com outras mitologias, mandamentos e religiões primitivas, também aquele sistema de tradições e ritos, segundo o qual o amor de cada pessoa a si mesma — amor sobre que repousa a vida — pareceu coisa proibida ao homem, algo a ser, portanto, escondido, ocultado e, de algum modo, mascarado. Amar aos outros passou a ser coisa melhor, moralmente mais certa, mais nobre do que amar-se a si mesmo. E já que o amor a si próprio era o exercício do instinto primitivo e, a seu lado, jamais podia o amor ao próximo ser retamente cultivado, descobriu o homem uma espécie de amor próprio mascarado, sublimado, estilizado, sob a forma de amar ao próximo, às avessas... E assim a família, o clã, a aldeia, a comunidade religiosa, o povo, a nação transformaram-se numa espécie de santuário. (423)

O mandamento do amor, tenha sido ensinado por Jesus ou por Goethe, foi sempre mal interpretado no mundo. Não

ora, afinal, nenhum mandamento. Não existem mandamentos. Mandamentos são verdades erroneamente entendidas. A base de toda sabedoria é que a felicidade só vem pelo amor. Se digo: — "ama teu próximo!" — estou simplesmente ensinando uma doutrina falsa. Seria talvez melhor dizer: "Ama-te a ti mesmo como a teu próximo!" A origem de todos os erros foi, quem sabe, o fato de querermos sempre começar pelo próximo... (424)

.

Devemos manter nosso amor o mais livre possível, para a cada momento o podermos comunicar. Sobreestimamos sempre os objetos a que amamos, e isto é causa de muito sofrimento. (425)

.

O que me traz vantagens no pensamento e na arte traz-me também, não raro, incômodos na vida, especialmente junto às mulheres. É que eu não consigo fixar meu amor nem amar uma só coisa ou uma só pessoa. Ao contrário, preciso amar a vida, preciso amar o próprio amor. (426)

Os artistas e os poetas são, com frequência, amantes apaixonados, mas raramente bons maridos. É que o artista vive antes de tudo para sua obra. O amor que lhe resta para dar aos outros é, antes, bastante escasso, visto o muito que dele exige a dedicação ao trabalho artístico. (427)

Sem personalidade não existe amor, não existe amor realmente profundo. (428)

Sofremos o amor, mas quanto mais generosamente o sofremos, mais fortes ele nos faz. (429)

Sabemos todos, por experiência, quão fácil é nos apaixonar e quão difícil e belo é amarmos realmente. Como todos os valores reais, não se pode vender o amor. Há prazeres que se vendem; o amor, não. (430)

.

Podereis sempre ter tudo o que se pode comprar com dinheiro. Mas sois forçados a admitir que o que é melhor, o que é mais belo, o que é mais cobiçável, nunca e em parte alguma pode o dinheiro comprá-lo! A coisa melhor, mais bela e mais cobiçável do mundo, só se pode pagá-la com a própria alma, pois ela, como o amor, não se deixa comprar com dinheiro. Àquele cuja alma não é pura, nem capaz do bem, incapaz até mesmo de crer na bondade, a este nem mesmo o bem melhor e mais sublime lhe parece de todo rico e bom. E para sempre terá de contentar-se com a imagem pequenina, deturpada e triste do mundo, esta imagem que ele próprio se criou para ser o seu tormento e a fonte de sua miséria. (431)

O mal surge sempre lá onde não chega o amor. (432)

Que felicidade é podermos amar! (433)

Bela coisa é a sinceridade! Sem o amor, perde entretanto, todo o seu valor. Amar é sermos superiores, é sabermos compreender, é podermos sorrir no sofrimento. (434)

A meditação não é pesquisa nem crítica. É apenas amor. É o mais sublime e desejável estado de nossa alma: o amor desinteressado. (435)

As resistências à admissão de nosso amor físico é que criam a maioria das neuroses. Delas geralmente nasce também, em toda a nossa vida, uma grande mentira, aparentemente boa, porém de péssimas conseqüências. Isto ocorre, por exemplo, no campo do patriotismo e da política. (436)

Toda pessoa humana é digna de ser amada, tão logo comece realmente a falar-nos. (437)

Os mortos e tudo o que fizeram permanecem vivos conosco, enquanto nós próprios vivermos. Muitas vezes podemos falar melhor com eles, aconselhar-nos melhor com eles e melhor seguir os seus conselhos do que os dos vivos. (438)

O apelo da morte é um apelo de amor. A morte é doce, quando a aceitamos, quando a acolhemos como uma das maiores e mais perenes formas de vida e transformação. (439)

Não devemos preocupar-nos em conservar ou copiar o passado. Mas, sim, viver o presente, o novo. O luto, enquanto representa uma dependência excessiva para com o que perdemos, não é bom nem coerente com o sentido da verdadeira vida. (440)

.

Sou dos que crêem que, com a morte, não marchamos para o nada. Sou também dos que acreditam que não foi vão nosso empenho e esforço por quanto nos pareceu bom e certo. Mas sob que forma o Todo nos faz sobreviver e nos mantém conscientes, a nós, partes suas? Sobre isto posso por vezes fantasiar; não tenho, porém, opinião dogmática formada. Crer é confiar, não pretender saber. (441)

Morrer significa entrar para o reino do inconsciente coletivo, nele nos perder, para nos transmudarmos numa forma, numa pura forma. (442)

.

Tenho da morte a mesma idéia que tinha antes: não a odeio nem a temo. Se eu me perguntasse com quem e com que, depois de minha mulher e meus filhos, eu gostaria mais de estar em

contato e dê conviver, veria que era com todos os mortos, com os mortos de todos os séculos, músicos, poetas, pintores. Estas pessoas, identificadas com suas obras, continuam a viver, e eu as sinto mais presentes e reais do que a maioria de meus contemporâneos. E seria também com os mortos que, em vida, conheci, amei e "perdi", meus pais e irmãos, meus amigos de infância e juventude. Todos esses me pertencem, fazem parte de minha vida, hoje como outrora, quando viviam. Penso neles, sonho com eles, conto-os entre os meus amigos na vida de cada dia.

Esta imagem da morte não é uma ilusão nem mera fantasia. É real, faz parte de minha vida. Eu bem conheço a tristeza de tudo o que é efêmero. Sinto-a em cada flor que vejo murchar. Mas é uma tristeza sem desespero. (443)

Felizes os que, na hora do adeus, acreditam numa outra forma de existência! Nós outros temos de nos contentar com a certeza de que nossos mortos queridos podem estar-nos mais presentes e vivos do que tudo quanto vive. Por algum tempo apenas, por algumas horas talvez, mas foram as melhores de todas. (444)

•

Como, pouco a pouco, tudo vai desaparecendo e, no final, cada um vai ficando mais próximo do "além" do que daqui, e tem seus amores mais lá do que cá, resulta que, de repente, sentimos, nós próprios, certa curiosidade sobre este "além" e perdemos o medo que, embora ainda forte, diante dele experimentamos. (445)

JUVENTUDE E VELHICE

Jamais tive simpatia pelo entusiasmo dos jovens ou pelas organizações juvenis. Na verdade, poucos são os realmente jovens e velhos. As pessoas bem-dotadas, os caracteres de personalidade firme, ora são velhas, ora são jovens, da mesma maneira como numa ocasião estão alegres, noutra estão tristes.

(446)

.

O que, desde há decênios, me parece estranho é, antes de tudo, a tola adoração da juventude e de tudo o que ela faz, como ocorre, por exemplo, na América. E mais ainda verem na juventude uma camada social à parte, uma classe, um "movimento".

(447)

.

Eis uma velha sentença minha: "O que é mais importante em nossa vida, nós o vivemos antes dos nossos quinze anos."

(448)

.

A trajetória de nossa vida pode parecer definitivamente marcada por certas situações. Nossa vida, entretanto, conserva sempre todas as possibilidades de mudança e conversão que estiverem ao nosso alcance. E tais possibilidades são tanto maiores, quanto mais abrigarmos em nós de infância, de gratidão, de capacidade de amar.

(449)

A profissão, a idade nos limitam, mas não devem sepultar a nossa juventude. A "juventude" é aquilo que em nós restou da infância. E quanto mais tivermos preservado esta infância em nós mesmos, tanto mais sentiremos na vida o frescor da inocência.

(450)

.

Cicatrizes na alma, trazem-nas desde a juventude quase todas as pessoas de caráter. B, mesmo fora da psicanálise,

existem mil maneiras de curá-las. Uma delas é a religião ou qualquer sucedâneo da religião como, por exemplo, a filiação a um partido. (451)

Com a maturidade tornamo-nos sempre mais jovens. Isto ocorre também comigo, embora não queira isto dizer muita coisa, pois eu sempre preservei os sentimentos de meu tempo de menino e sempre encarei sob um enfoque um tanto cômico meus pais e os adultos que me cercavam. (452)

Não acho que um rapaz seja mais do que um menino ou que um adulto seja mais do que um jovem. Se assim fosse, o ancião teria de ser mais do que o homem de meia-idade e os que já chegaram ao fim, isto é, os mortos, haveriam de ser mais do que as pessoas vivas. Jamais assim pensei. Por isso, sempre tiveram para mim o mesmo valor, sempre achei simplesmente maravilhosas todas as coisas e todas as aparências, na medida em que as percebi e entendi. Também por isso gosto tanto de um velho como de um jovem, aprecio tanto as tardes mais serenas quanto as tempestades mais violentas, e, na verdade, amo uma fera ou uma árvore quase tanto quanto uma pessoa humana. (453)

.

A nós, os mais velhos, não nos compete contestar ou, de algum modo, destruir a nova juventude. Devemos, sim, compreendê-la e, mais que pudermos, aprender a aceitá-la e amá-la. (454)

*

Não têm os jovens a obrigação de ver em nós seus precursores. Seu dever é ir em frente, libertando-se de tudo quanto seja velho, corrupto, de tudo quanto lhes estorve a marcha. Que eles tenham de freqüentar escolas construídas por outros,

à custa de suor e sangue; que eles são um patrimônio preparado no passado; que, mais cedo ou mais tarde, terão que conscientizar-se deste fato — nada disto lhes ocorre à mente. Tudo isto nada é face a seu único sentimento atual: aqui estamos, somos jovens, queremos praticar o Bem, conseguir o máximo, o melhor possível. Admitir que também outros sentiram o mesmo, em outros tempos; que muitos deles permaneceram fiéis a esses sonhos e, já grisalhos, olham ainda com esperança para as estrelas; que nós, os mais velhos, sejamos bons ou maus, não gostamos de lhes ceder o lugar nem reconhecer nossas limitações — admitir tudo isto, ter senso de justiça, ser comedidos, quando nos atacam, não nos ferir sem necessidade, nada disto devemos esperar da juventude! É, entretanto, nosso dever não só pôr em prática aquela moderação e aquele senso de justiça, mas também sentir o futuro palpitando na impetuosidade promissora de agora e dar aos jovens o direito de, conforme queiram, passar ou não por cima de nossas sepulturas. (455)

•

Difícil arte é ficarmos velhos de maneira humana e digna e termos o comportamento e a sabedoria convenientes à nossa idade. Na maioria das vezes, nossa alma ou se adianta ou se atrasa em relação à marcha de nosso corpo. Como corrigir esta defasagem? Um dos meios para isto são aqueles abalos profundos de toda a nossa vida e de nossos sentimentos, que nos fazem tremer e oscilar no cerne mesmo de nossas raízes, e que, vez por outra, nos ocorrem nalguma curva da vida ou por ocasião de uma doença. A mim me parece que, nessas ocasiões, o que importa é sermos e sentirmo-nos bem pequenos, como as crianças que, chorando e admitindo sua fragilidade, conseguem tão bem readquirir o equilíbrio e a calma, após um desastre (456)

Sermos adultos face à dor e à morte é dever dos velhos. A excitação, o entusiasmo, a participação em toda sorte de

movimentos é atitude própria da juventude. Os jovens aceitam-se uns aos outros e se fazem amigos, mas eles falam uma língua ambígua. (457)

.

Ao envelhecer, tende o homem a considerar fenômenos naturais até mesmo os deslizos éticos, os erros, os desvios, tanto das pessoas quanto dos povos. E um ou outro pelo menos conserva a esperança de que, após cada catástrofe, renasça a grama e repontem as flores, e de que, após cada loucura, retomem os povos a certos princípios morais capazes de garantir a norma e a estabilidade. (458)

*

Quem envelheceu e tem consciência disto pode bem perceber como, não obstante a exaustão de todas as forças e potências, cada vida humana, embora tardiamente e já no crepúsculo dos últimos anos, sente maior e mais rica a trama infundável de suas amizades e relações; e, se conserva ainda um lampejo de memória, vê que nada ficou perdido de tanta coisa transitória que, afinal, passou. (459)

Que seria de nós, os velhos, se não tivéssemos isto: nosso álbum de lembranças, este tesouro contendo tudo quanto vivenciamos! Seria, então, uma lástima e uma miséria. Mas, com este tesouro, somos ricos e ao término de tudo e ao olvido não entregamos apenas este nosso corpo gasto. Somos, sim, portadores daquele relicário que vive e rebrilha enquanto respirarmos. (460)

NOTA EDITORIAL

O extraordinário e simpático acolhimento dispensado pelos leitores à coleta de recordações e pensamentos de Hermann Hesse publicada sob o título *Lektüre für Minuten* animou-nos a acrescentar-lhe este segundo volume contendo inúmeras descobertas feitas nos últimos três anos através de uma pesquisa editorial realizada nos escritos e no espólio literário deste autor.

Também desta vez foram consultadas sobretudo as Cartas de Hermann Hesse, particularmente ricas de tópicos interessantes e dignos de destaque. Além delas, completam o presente volume numerosos trechos espalhados em jornais e revistas e até hoje não publicados sob forma de livros ou publicações isoladas, de caráter crítico e ensaístico, bem como algumas passagens de romances e contos de Hesse já aproveitados no referido I volume de *Lektüre für Minuten*.

Conservamos a mesma disposição temática tanto para preservar a unidade formal das duas séries, quanto porque assim o aconselhavam as proporções do material selecionado. Assim os pensamentos sobre o próprio ofício de escritor, sobre as cond'ções e a função do artista enquanto indivíduo marcado de uma tarefa específica contrapõem-se também aqui, em quantidade praticamente equivalente a suas idéias sobre a política e a sociedade, uma vez que para Hesse os dois campos não se excluem, mas antes se ajustam reciprocamente. Sua obra poética — conforme se verá claramente à medida que for dada a lume nossa edição completa do espólio — é o reflexo exato de uma inteligência aguda e crítica, que se exprimiu em cerca de 35 mil cartas e num acervo de obras enfocando aspectos vários da cultura contemporânea, acervo infelizmente ainda pouco conhecido e referido, em razão de só ter sido possível publicar até hoje, sob forma de livro, apenas uma décima parte de tudo quanto escreveu.

Seus pensamentos, sua vida, sua obra poética constituem um caso único e singular. Seus elementos tal como aparecem isolados nos dois volumes de *Lektüre für Minuten* compõem um verdadeiro mosaico a esboçar o retrato de um homem que,

ao procurar, num labor sem tréguas, exprimir-se, dá-nos conta da medida psicológica do próprio homem em si. Assim, alguns ditos seus, aparentemente contraditórios, não representam reais contradições: são, antes, partes que se completam, revelando a polaridade dialética de uma só e mesma verdade. Neste campo de tensões dinâmicas tudo o que é vida desempenha para Hesse um papel preponderante. Mostra-o ele de maneira sistemática em *Glasperlenspid*, onde lemos: "Era agradável ficar a ver, por longo tempo, numa espécie de jogo, como duas idéias contrárias se justapõem, se entrosam uma com a outra e finalmente entram na mais harmoniosa' comunhão. Assim ocorre com as idéias de lei e liberdade, de comunidade e indivíduo. E nesse jogo gostávamos de equiparar perfeitamente e sem preferências desenvolver temas e teses, e das teses e antíteses fazer resultar a síntese mais pura possível."

Possa esta coleção, com suas teses e antíteses, servir também de ajuda àqueles que, não estando em condições de entender, sem mais, as posições e alternativas críticas expostas pelo poeta no acervo desigual e complexo de sua obra, encontrarem aqui o caminho aberto para suas formulações mais abstratas.

Frankfurt am Main, março de 1975

V. M.

QUADRO CRONOLÓGICO

- 1877 Nascimento em Calw/Württemberg, a 2 de julho. Filho do missionário báltico Johannes Hesse (1847-1916), mais tarde diretor da "Calwer Verlagsvereins", e de Maria Hesse, viúva Isenberg, "née" Gundert (1842-1902), filha mais velha do famoso indólogo e também missionário protestante Hermann Gundert.
- 1881-1886 Hesse reside com seus pais em Basiléia, onde seu pai se alista na "Basler Mission" e, em 1883, adquire a cidadania suíça (era antes cidadão russo).
- 1886-1889 Volta para Calw (julho) onde Hesse frequenta o "Hallyzeum".
- 1890-1891 Frequenta o Instituto de Humanidades (Latim) de Cöppingen para se preparar para o exame público de Württemberg (julho de 1891), condição prévia para alcançar uma bolsa de estudos como aluno do Instituto Teológico "Tübinger Stift". Para isto renuncia a sua cidadania suíça. Em novembro de 1890 seu pai obtivera para ele a condição de cidadão de Württemberg.
- 1891-1892 Matriculado como seminarista do Seminário Evangélico de Maulbronn (setembro de 1891), daí foge após sete meses, porque "ou seria poeta ou mais nada", (abril de 1892)
- 1893 Em julho, enfrenta o exame anual livre (sétima série ginasial) e é aprovado. "Tornei-me social-democrata e vivia nos bares. Lia quase somente Heine, que muito admirava."
- 1894-1895 Estagiário na fábrica de relógios de parede Perrot.
- 1895-1898 Aprendiz de livreiro com J. J. Heckenhauer em Tübingen.
- 1899 Começa a escrever um romance: *Schweinigel* (Manuscrito ainda não encontrado).
Eomanische Lieder é publicado por Pierson, em Dresden.
Eine Stunã hinter Mittemacht sai com a chancela de Diederich, em Leipzig.
- 1899-1903 Auxiliar de livraria em Basiléia (Buchhandlung B. Ecich u. Antiquariat v. Wattenwyl).
H. H. começa a escrever artigos e resenhas para o *Allgemeine Schweizer Zeitung*. Mais do que seus livros, a nova atividade "deu-me certa fama local e certa participação na vida social".
- 1901 Primeira viagem para Florença, na Itália. (Visita também Gênova, Pisa, Veneza).

Binterlassene Schnften und Geächte von Hermann Lauscher, publicado por R. Reieh, em Basiléia.

- 1902 *Gedicht*, publicado por Grote, em Berlim, e dedicado à sua mãe que falece pouco antes de o livro sair.
- 1903 Segimda viagem à Itália (Florença, Veneza), a serviço de suas funções de livreiro e antiquário. Hesse termina o manuscrito de *Camenzind* que envia a Ber'.im, atendendo a solicitação da Editora S. Fischer.
- 1904 Sai publicado *Peter Camenzind* por S. Fischer, em Berlim. Casa-se com Maria BemouUi, de uma família de grande tradição cultural em Basiléia. Reside com ela numa casa de campo em Gaienhofen, no Bodensee. Colabora e escreve em muitos jornais e revistas (entre outros: *Die Propylrien*, jornal de München; *Die Bheinlande*, *Simplicissimus*, *Märe* e no jornal de Württemberg *Der Schwabenspiegel*). Os estudos biográficos *Boccaodo* e *Franz von Assisi* são publicados por Schuster & Löffler, em Berlim e Leipzig.
- 1905 Nasce o primeiro filho, Bruno.
- 1906 *Vnterm Bad* (iniciado em 1903-1904) é publicado por S. Fischer, em Berlim. Fundação do jornal liberal *März* (Editora Albert Langen, München), dirigido contra o regimento pessoal de Gui herme II. Até 1912 é Hesse um de seus editores.
- 1907 *Diesseits*, contos, é publicado por S. Fischer, em Berlim. Em Gaienhofen, Hesse constrói sua casa própria, onde passa a morar.
- 1908 *Nachbarn*, contos, por S. Fischer, Berlim.
- 1909 Nasce o segundo filho, Heiner.
- 1910 *Gertrud*, romance, por Albert Langen, München.
- 1911 *Unterwegs*, poesias, por Georg MüUer, München.
Nasce o terceiro filho, Martin.
Viagem à Índia em companhia do famoso pintor Hans Stürzenegger.
- 1912 *Umioege*, contos, por S. Fischer, Berlim. Hesse deixa a Alemanha e passa a residir com sua família em Berna, em casa então de seu amigo, o pintor Albert Wetti.

- 1913 *Aus Inäien. Aufzeichnungen einer inäischen Beise*[^] por S. Fischer, Berlim.
- 1914 *Sosshalde*, romance, por S. Fischer, Berlim. Com o início da guerra, Hesse alista-se como voluntário, mas é julgado inapto e posto à disposição da representação a'emã de Berna. Servindo na "Deutsehen Gefangenenfürsorge" ocupa-se em dar assistência espiritual a centenas de milhares de prisioneiros de guerra espalhados pela França, Inglaterra, Eússia e Itália. Funda revistas destinadas aos prisioneiros (*Deutsche Interniertenseitung*), nelas escreve e chega mesmo a fundar uma editora própria ("Verlag der Bücherzentra'e für deutsche Kriegsgefangene") onde são publicados 22 pequenos volumes, de 1918 a 1919.
- 1914-1919 Inúmeros escritos políticos, apelos, cartas abertas, etc. em jornais e revistas alemãs, suíças e austríacas.
- 1915 *Knulp. Drei Geschichten aus äem Lehen Knulps* (preparado já em 1908) aparece publicado por S. Fischer, em Berlim.
Am Weg, contos, por Eeuss & Itta, Constância.
Musik des Einsamen, novos poemas, por Eugen Salzer, Heilbronn.
Sohön ist die Jugenã, contos, por S. Fischer. A morte do pai, a enfermidade de sua mulher e do filho caçula, Martin, levam-no a um esgotamento nervoso. Primeiro tratamento psicoterapêutico sob os cuidados de J. B. Lang, discípulo de C. G. Jung, numa casa de saúde perto de Luzern.
- 1919 O panfleto político *Zarathustras Wieäerkehr. Ein Wort an die deutsche Jugend von einem Deutsehen* sai, anônimo, pela Editora Stampfli, de Berna; e em 1920 lançado, sob o nome do autor, por 8. Fischer, em Berlim.
 Mudança para Montagnola/Tessin onde reside na Casa Camuzzi até 1931.
Kleine Garten, recordações e poesias, é lançado por E. P. Tal & Co., em Viena e Leipzig.
Demian. Die Geschichte einer Jugend é publicado sob o pseudônimo de Emil Sinclair por 8. Fischer, em Berlim.
Märchen sai pubUcado por S. Fischer, Berlim.
 Fundação e edição da revista *Vivos vaco*, por uma nova Alemanha (Leipzig, Berna).
- 1920 *Gedichte des Malers*, dez poemas com ilustrações a cores, pela Editora Seldwyla, Berna.

- Klingsors letzter Sommer*, contos, por S. Fischer, Berlim.
Wandërung, apontamentos, com um retrato a cores do autor, publicado pela S. Fischer, Berlim.
- 1921 *Blick ins Chãos*, dois ensaios sobre Dostoiewski e uma conferência, pela Editora Seldwyla, Berna.
Ausgewählte Gedichte, por S. Fischer, Berlim. Crise e interrupção de produtividade por quase ano e meio entre a redação da primeira e da segunda parte de *Siddhartha*. Tratamento psicanalítico com C. G. Jung em Küsnacht, perto de Zurique.
Elf Aquarelle aus dem Tessin, por O. C. Eecht, München.
- 1922 *Siddhartha. Mine inäische Dichtung*, por S. Fischer, Berlim.
- 1923 *Sinclair's Nótizhuch*, por Bascher Zurique. Primeira estação de cura' em Baden (Zurique), onde continuará indo ao final de cada ano, até 1952.
- 1924 Hesse toma-se de novo cidadão suíço. Casa-se com Ruth •Wenger, filha da escritora Lisa Wenger.
Fsychologia Balnearea oder Glossen eines Badener Kurgastes, edição particular, aparecida também um ano mais tarde como primeiro volume de *Gesammelte Werke in Einselausgahen*, sob o título de:
- 1925 *Eurgast*, lançado por S. Fischer, Berlim.
- 1926 *Bilderhuch*, quadros, publicado por S. Fischer, Berlim. Hesse é inscrito como membro (estrangeiro) na Secção de arte e poesia da "Preussische Akademie der Künste", da qual sairá em 1931. "Tenho a impressão de que, na próxima guerra, esta Academia estará atrelada à carruagem dos 90 ou 100 homens eminentes, que mentirão ao povo, como em 1914, sobre todos os assuntos importantes."
- 1927 *Die Nümierger Beise e Der Steppenwolf* publicados por S. Fischer, em Berlim. E ao mesmo tempo aparece — por ocasião do 50º aniversário de Hesse — a insuperável biografia do autor escrita por Hugo Bali. A pedido de sua segunda mulher, Euth, dá-se o divórcio do seu casamento realizado em 1924.
- 1928 *Betrachtungen e Krisis. Ein Stück Tagebueh*, por S. Fischer, Berlim. O último saiu então em edição limitada.

- 1929 *Trost der Nacht*, novos poemas, por S. Fischer.
Eine Bihliothek der WeltUteratur sob o n' 7003 do Catálogo da Biblioteca Universal, Leipzig.
- 1930 *Narziss und Gldmund*, contos, por S. Fischer, Berlim.
Casamento com Ninon Dolbin, *née* Auslander, historiadora da arte, natural de Czemowitz. Com ela viveu Hesse na casa construída por H. C. Bodmer e posta *ad vitam* à sua disposição, na CoUina d'Oro, em Montagno'a.
Weg nach Innen, Quatro contos (*Siddhartha*, *Kinãerseele*, *Klein und Wagner*, *Klingsors leteter Sommer*) por S. Fischer, Berlim.
- 1932 *Die Morgenlanãfãhrt*, por S. Fischer, Berlim.
- 1932-1943 Início de *Glasperlenspiel*.
- 1933 *Kleine Welt* (contos tirados de *Nachbarn*, *Umwege* e *Avs Indien* e reelaborados), por S. Fischer, Berlim.
- 1934 *Vom Baum des Leiens*, poemas escolhidos, por Insel Verlag, Leipzig.
- 1935 *FahuUerliuch*, contos, por S. Fischer, Berlim.
- 1936 *Stunden im Garten*, poesia lírica, por (Jottfried Bermann Fischer, Viena.
- 1937 *Gedenkblãtter e Der lahme Knahe*, com ilustrações de Alfred Kuhin, aparece como edição particular em Zurique.
- 1939-1945 As obras de Hesse são consideradas indesejãveis na Alemanha. *Der Steppenwolf*, *Betrachtungen* e *Narziss und Goldmunã* não podem ser reeditados. De 1933-1945, vinte títulos de Hesse (incluindo as reedições) atingem, em doze anos, na Alemanha, 481 mil exemplares (número inferior ao das obras de Hesse vendidas nos países de língua alemã somente no decorrer de 1972), 250 mil exemplares do volumezinho *In der alte Sonne* e 70 mil exemplares da pequena coleção de poesias *Vom Baum des Lehens*, publicado em 1934 pela Insel-Bücherei. Por estas razões, foi transferida para a Editora suíça Fretz & Wasmuth a publicação das *Gesammelte Werke in Einselausgahen*.
- 1942 *Die Gedichte*, primeira edição completa da lírica de Hesse, por Fretz & Wasmuth, de Zurique.

- 1943 *Das Glasperlenspiel. Versuch einer Leben^beschreibung des Magister Ludi Josef Knecht samt Knechts hinterlassenen Schriften. Herausgegeben von Hermann Hesse*, publicado por Fretz & Wasmuth, Zurique.
- 1945 *Der Blütenzweig*, seleção de poemas, e *Bertold*, fragmento de romance, e ainda *Trawmfährte*, novos contos e lendas, por Fretz & Wasmuth, Zurique.
- 1946 *Krieg und Frieden*, considerações sobre a guerra e a política, por Fretz & Wasmuth, Zurique. Depois disto, passaram as obras de Hesse a ser publicadas de novo na Alemanha, primeiramente pela "Suhrkamp Verlag, ex-S. Fischer" e, a partir de 1951, pela Suhrkamp Verlag de Frankfurt am Main. Prêmio "Goethe" da Cidade de Frankfurt am Main. Prêmio Nobel.
- 1951 *Späte Prosa e Briefe*, pela Suhrkamp, Frankfurt am Main.
- 1952 *Gesammelte Dichtungen*, em áeis volumes, em comemoração do 75' aniversário de Hesse, pela Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main.
- 1954 *Pilctors Verwandlungen*, fac-símile de um conto, pela Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main.
Briefe: Hermann Hesse — Somain Bolland, pela Fretz & Wasmuth, Zurique.
- 1955 *Bechwörungen, Späte Prosa*, nova série, pela Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main. Prêmio da Paz da Associação dos Livreiros Alemães.
- 1956 Instituição do Prêmio Hermann-Hesse pela "Forderungsgemeinschaft der deutschen Kunst, Baden-Württemberg e. V."
- 1957 *Gesammelte Schriften* em sete volumes, pela Suhrkamp Verlag, Frankfurt em Main.
- 1961 *Stufen*, seleção de poemas antigos e novos, pela Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main.
- 1962 *Gedenkblätter* (acrescida de 15 textos aditados à edição de 1937).
Dia 9 de agosto: morte de H. Hesse em Montagnola.

- 1962 *Sermann Eesse zum Geäächtnis*, edição privada, pela Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main.
Hermann Hesse. Eine Bibliographie, por Helmut Waibler, editada pela Francke Verlag, Berna e München.
- 1963 *Die späten Gedichte*, volume 803 da coleção "Insel" da Insel Verlag, de Wiesbaden.
- 1964 *Briefe*, edição ampliada, pela Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main.
- 1965 *Prosa aus ãem Nachlass*, pela Suhrkamp.
Neue deutsche Bucher, Literaturherichte für Bonniers Litterara Magasin, de 1935 a 1936, publicados na *Turmhahn-Bücherei des Schüler-Nationalmuseum*, de Marbach.
- 1966 *Kindheit und Jugend vor Neunzehnhundert Hermann Hesse in Briefen und Lebenszeugnissen 1877 tis 1895*, pela Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main.
- 1968 *Hermann Hesse — Thomas Mann. Briefwechsel*, **pela Suhrkamp** e pela S. Fischer, Frankfurt am Main.
- 1969 *Hermann Hesse — Peter Suhrkamp. Briefwechsel*, **pela Suhrkamp** Verlag, Frankfurt am Main.
- 1970 *Hermann Hesse — Werkausgahe, Politische Betrachtungen e Schriften zu Literatur*, pela Suhrkamp, Frankfurt am Main.
- 1971 *Bermann Hesse — Eelene Voigt — Dieäerichs. Zwei Autorenportraits in Briefen* publicado por Diederich, em Köln, como edição privada.
Lelctüre für Minuten, pensamentos tirados de suas cartas e livros.
*Mein Glaui*e — documentação — e
Hermann Hesse — Scprechplatte, **pela Suhrkamp, Frankfurt** am Main.
- 1972 *Eigensinn*, escritos autobiográficos.
Materialen eu Hermann Hesse. Der Steppenwolf, **pela Suhrkamp**, Frankfurt am Main.
D'une rive à Vautre. Hermann Hesse et Bomain Bolland. Correspondance, fragment du Journal et textes diversa', pela Albin Michel, Paris.

Eermann Eesse — Karl Kerényi. Briefwechsel aus der Nähe, pela LangenMuUer, Múnehen e Viena.

1973

Gesammelte Briefe, 1" volume, 1895 a 1921.

Die Kunst des Mússiggangs. Prosa curta do espólio.

Die Ereählungen, primeira edição completa dos principais contos.

Materialen su Eermann Eesse. Das Glasperlenspiel, vol. 1, pela Suhrkamp, Frankfurt am Main.

Eermann Eesse. Traktat vom Steppenwolf unã anãere Texte. Sprechplatte der Deutschen Grammophon-Gesellschaft, Hamburg.

Eermann Eesse und der Feme Osten, pela Büchergilde Gutenberg, Frankfurt am Main.

Eermann Eesse — Bibliographie. Primar— und Sekundärschriftum in Auswahl, por Martin Pfeifer, publicado pela Erich Schmidt Verlag, Berlin.

Eermann Eesse. Eine Werlcgeschichte, pela Suhrkamp, Frankfurt am Main.

1974

Eermann Eesse. Lehen und Werk im Bild, por Volker Michel, Inseltaschenbueh, n. 36.

Maerialen zu Eermann Eesse. Das Glasperlenspiel, vol. 2.

Eermann Eesse und China, por Adrian Hsia, editado pela Suhrkamp, Frankfurt am Main.

Kinãheit des Zauierér, ilustrado por Peter Weiss, Inseltaschenbueh.

Begegnungem mit Eermann Eesse, por Siegfried Unseld, editado pela Suhrkamp, Frankfurt am Main.

INDICAÇÃO DAS FONTES

Beschwöningen 297, 367.

Betrachtungen 83, 247, 250, 313, 354, 368, 431, 435.

Ausgewählte Briefe 37, 48, 70, 100, 102, 166, 226, 241, 251.
252, 258, 261, 316, 363, 397, 401, 421, 456.

Gesammelte Briefe, Bd. 1 (1895-1921) 25, 41, 47, 49, 53, 54,
62, 75, 129, 141, 143, 145, 193, 200, 205, 268, 269, 325,
415, 450.

Briefwechsel, Hesse-Thomas Mann 52, 79, 445.

Unveröffentlichte Briefe (Edição em preparo) 1, 3, 4, 5, 6, 7,
8, 10, 11, 13, 15, 16, 18, 21, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33,
34, 36, 38, 39, 44, 45, 46, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 59, 60,
63, 64, 65, 67, 68, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82,
84, 89, 90, 91, 93, 95, 101, 103, 106, 107, 108, 109, 110,
111, 112, 113, 114, 116, 117, 119, 120, 124, 128, 131, 135,
137, 138, 139, 140, 142, 146, 147, 150, 151, 157, 160, 161,
163, 164, 168, 169, 171, 176, 178, 182, 183, 184, 185, 186,
188, 195, 196, 197, 203, 206, 212, 213, 214, 216, 217, 218,
219, 220, 223, 227, 228, 230, 231, 233, 234, 235, 237, 238,
239, 242, 246, 248, 253, 254, 256, 257, 265, 269, 271, 276,
282, 283, 284, 285, 290, 292, 304, 310, 318, 320, 327, 330,
331, 333, 337, 341, 343, 344, 345, 346, 348, 356, 357, 359,
360, 361, 364, 365, 366, 370, 373, 376, 377, 379, 382, 387,
388, 391, 392, 395, 398, 399, 400, 402, 404, 405, 408, 409,
410, 411, 412, 413, 414, 416, 422, 425, 426, 427, 428, 429,
432, 436, 438, 439, 440, 441, 443, 444, 446, 447, 448, 449,
451, 452, 453, 457, 458, 460.

Demian 134, 155, 156.

Diesseits 417.

Eingensinn 17, 211, 263, 317, 352, 358, 406, 423, 424.

Die Erzählungen 244, 300, 302.

Gedenklblätter 273, 298.

Gertrud 136, 371.

Das Glasperlenspiel 94, 153, 154, 162, 167, 179, 180, 190,
267, 418.

Elingsors letzter Sommer (Klein und Wagner) 24, 215, 433.

Knulp 177

Krieg und Frieden 2, 23, 35, 69, 87, 144, 152, 170, 172, 173, 174, 192, 204, 207, 419, 434.

Die Kunst des Müssiggangs 118, 121, 187, 281, 308, 329, 430.

Kurgast 236, 301.

Hermann Lauscher 309.

Eine Literaturgeschichte in Rezensionen und Aufsätzen (bzw. Schriften zur Literatur, Bd. 2) 105, 115, 202, 264, 272, 286, 287, 322, 347, 349, 351, 420.

Märchen 133, 243.

Narziss und Goldmund 270.

Neue deutsche Bücher (Literaturbericht für Bonniers Litterära Magasin 1935-36) 249.

Prosa und Feuilletons aus dem Nachlass (inéditos) 9, 14, 22, 40, 42, 85, 92, 96, 122, 123, 125, 126, 148, 159, 189, 199, 201, 208, 229, 240, 245, 266, 275, 291, 294, 295, 296, 312, 315, 323, 324, 326, 328, 335, 338, 340, 342, 369, 372, 378, 383, 384, 389, 396, 442, 459.

Rezensionen aus dem Nachlass (inéditos) 12, 19, 20, 61, 66, 71, 86, 88, 97, 98, 99, 104, 130, 132, 158, 175, 191, 210, 221, 222, 224, 225, 232, 255, 259, 260, 274, 277, 278, 279, 280, 288, 289, 293, 303, 306, 311, 314, 319, 321, 332, 334, 336, 339, 350, 355, 362, 374, 380, 381, 385, 386, 390, 392, 394, 437, 454, 455.

Siddhartha 43, 149, 198, 262, 305, 307.

Der vierte Lebenslauf Josef Kneehits 353, 375.

Unterm Rad 194, 407.

Wanderung 181, 209.